

Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto de Ciências Biológicas

**ENSINO DA TEMÁTICA ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E
SAUDÁVEL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ESCOLARES**

DANIELA DE SOUSA BRAGA

Belo Horizonte

2019

DANIELA DE SOUSA BRAGA

**ENSINO DA TEMÁTICA ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E
SAUDÁVEL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ESCOLARES**

Trabalho de Conclusão de Mestrado - TCM apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional- PROFBIO, do Instituto de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientadora: Dr^a Janice Henriques da Silva Amaral

Coorientadora: Dr^a Simone Cardoso Lisboa Pereira.

Belo Horizonte

2019

043

Braga, Daniela de Sousa.

Ensino da temática alimentação adequada e saudável: concepções de professores e escolares [manuscrito] / Daniela de Sousa Braga. - 2019.

151 f. : il. ; 29,5 cm.

Orientadora: Dr^a Janice Henriques da Silva Amaral. Coorientadora: Dr^a Simone Cardoso Lisboa Pereira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas. PROFBIO - Mestrado Profissional em Ensino de Biologia.

1. Ensino - Biologia. 2. Educação alimentar e nutricional. 3. Professores escolares. 4. Alunos. 5. Concepção. I. Amaral, Janice Henriques da Silva. II. Pereira, Simone Cardoso Lisboa. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Biológicas. IV. Título.

CDU: 372.857.01



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE BIOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO
ENSINO DA TEMÁTICA ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E
SAUDÁVEL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ESCOLARES

DANIELA DE SOUSA BRAGA

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **05 de julho de 2019**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da Universidade Federal de Minas Gerais, constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maitê Costa da Silva

UFMG

Profa. Dra. Vanessa Alves Ferreira

UFMG

Profa. Dra. Janice Henriques da

Silva Amaral - Orientadora UFMG

Belo Horizonte, 26 de janeiro de 2026.

PROFA. DRA. MARIA APARECIDA GOMES
Coordenadora Adjunta Local Profbio/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Gomes, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 27/01/2026, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4906917** e o código CRC **B7C48FD4**.

SEI n° 4906917



Relato do Mestrando

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais
Mestrando: Daniela de Sousa Braga
Título do TCM: Ensino da temática alimentação adequada e saudável: Concepções de professores e escolares”
Data da defesa: 05/07/2019

Sou professora de Biologia há mais de 15 anos, já atuei em diversos níveis e segmentos de ensino e nessa trajetória sempre percebi a necessidade de me aperfeiçoar em relação aos conhecimentos específicos, o que me levou a participar do processo seletivo de ingresso no ProfBio. No entanto, nesse mestrado tive a oportunidade de ir além dessa capacitação e revisão de conteúdos, as trocas de vivências com professores e colegas foram enriquecedoras para minha formação, tanto nos aspectos profissionais quanto pessoais. Poder refletir sobre a prática docente, discutir ideias, partilhar anseios e estar de volta ao meio acadêmico realizando pesquisa em educação, me fizeram sair da zona de conforto e buscar novas abordagens, metodologias e estratégias, tornando minhas aulas mais significativas e interessantes.

No dia a dia da sala de aula, aos poucos fui me encorajando e arriscando em novos caminhos para ensinar, essa coragem não à tona de repente, foram horas de estrada, estudo, inúmeras leituras, trabalhos e artigos, pesquisas, aulas, discussões sérias e conversas banais. Não saberia descrever aqui um ou dois momentos em que percebo a influência do ProfBio nas minhas aulas, na verdade vejo isso em todo o contexto do processo de ensinar-aprender.

As mudanças aconteceram mais na prática diária, com a proposição de atividades simples, porém mais contextualizadas e significativas para os alunos. Não foram apenas os grandes eventos realizados para as apresentações de fim de semestre, mas aquelas atividades cotidianas que não demandam muito tempo e nem recurso, apenas criatividade e boa vontade. Por exemplo, fazer um microscópio caseiro foi algo surpreendente para meus alunos, uma vez que estudam em escolas rurais, sem estrutura de laboratório e sem internet disponível, o brilho no olho e o encantamento deles com algo tão simples não podem ser descritos. O mais interessante é que, agindo de forma ativa no processo de aprender, eles se tornam mais curiosos e participativos. Em outro contexto que trabalho, agora em meio urbano, em escola equipada com laboratório, sala de informática, etc, também me surpreendi com a empolgação dos alunos simplesmente por proporcioná-los atividades que os coloque na posição de protagonistas.

O que fica como aprendizagem é que é possível fazer melhor com o que temos disponível, dentro das nossas realidades, dentro dos contextos de ensino específico, desde que tenhamos vontade, estudo, dedicação e que saibamos da relevância de nossas ações na vida escolar dos nossos alunos. Sei que o caminho é longo e estamos no início dessa mudança, mas sei que é bom mudar e todos saem ganhando, inclusive nós professores.

Agradecimento à agência de fomento

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Dedicatória

*Dedico essa pequena vitória a minha mãe!
A mulher mais incrível que já conheci.
Meu maior exemplo, incentivo e inspiração.
Te amo mamãe !*

AGRADECIMENTOS

O melhor de tudo na vida é poder agradecer. Assim sou grata...

A Deus por me capacitar com sabedoria, perseverança e paciência.

A Nossa Senhora por me cobrir com Seu manto sagrado, me protegendo em cada um dos quilômetros percorridos entre Patos e Belo Horizonte.

Aos meus pais pelo incentivo, amor e apoio incondicional.

Ao meu amado marido Julliano por ser companheiro, alicerce e porto seguro.

Aos meus filhos Luís Felipe e Anna Luísa, por entenderem minhas ausências, por suportarem a saudade, por me encherem de orgulho sempre e por serem as razões do meu viver.

Aos meus familiares pela torcida, orações e boas vibrações.

Aos meus grandes amigos, companheiros de jornada, aqueles que amenizaram as dificuldades e me deram muitos motivos para sorrir e seguir: Nanda, Ana, Eli, Cris, Paty e Nel. Deus não fez nossos caminhos se cruzarem por um mero acaso, foi intencional para que cuidássemos uns dos outros e aprendêssemos que o verdadeiro sentido da felicidade é estar cercado de amigos de verdade! Amo vocês “Fundão”!

A minha “irmã”, presente de Deus, Fernanda e sua família, pela acolhida, carinho e amizade que guardarei eternamente em meu coração.

Aos meus colegas de mestrado pela amizade e por me ensinaram todos os dias que somos muito bons, principalmente juntos.

Aos meus queridos alunos que tão prontamente responderam ao convite de participar desse estudo. Obrigada pelo carinho e amizade.

Aos colegas de trabalho, equipe diretiva e comunidade escolar por permitirem que esse estudo acontecesse de forma tão tranquila e produtiva.

Aos membros da banca pela disponibilidade, contribuições e ensinamentos.

A minha orientadora Dr^a Janice pelo exemplo de profissional, pela acolhida e pelos ensinamentos.

Ao meu anjo da guarda, minha Coorientadora Dr^a Simone, pela paciência, dedicação, ensinamentos, inúmeras horas de áudios e incansável capacidade de me fazer acreditar que sou capaz. Não tenho palavras para agradecer-lá.

Muito obrigada!!!

RESUMO

Objetivo: investigar e analisar as concepções de professores e escolares sobre o ensino da temática alimentação adequada e saudável em escolas públicas, a fim de subsidiar propostas e futura implementação de programas que melhorem o trabalho com o tema, Metodologia: estudo transversal, de caráter descritivo e observacional, por meio da abordagem quanti qualitativa, em duas etapas: (1)- Concepção dos professores sobre o tema, com aplicação de questionário semiestruturado a professores de Biologia do ensino médio de escolas públicas e (2)- Concepção dos escolares do 3º ano do ensino médio sobre o tema, por meio de grupo focal. Para a análise dos dados, os questionários foram preenchidos no Google Docs®, geraram planilha em Excel®, e foram codificadas e agrupadas em função dos percentuais de resposta para cada opção e valores de escore e, ainda, reunidas em categorias. Os depoimentos do grupo focal foram gravados, transcritos e posteriormente, analisados, por meio da técnica da análise de conteúdo temático-categorial, proposta por Bardin. Resultados: Da análise dos escores ($E \leq 3$, discordância com as afirmações ou ≥ 4 , concordância com as afirmações) das respostas dos professores sobre o ensino da alimentação adequada e saudável na escola emergiram as seguintes concepções: a) Categoria 1: escola como cenário favorável para promoção de ações de EAN; alimentação escolar como direito do aluno, dever do estado e estratégia pedagógica; e contrária à proibição de bares e cantinas nas escolas, por acreditarem que os escolares comprariam alimentos saudáveis, que deveriam ser exigidos para estes estabelecimentos. b) Categoria 2: alimentação escolar (AE) como atrativo e necessidade de muitos que carecem do acesso à alimentação adequada e saudável; reconhecimento do envolvimento dos escolares em atividades de EAN; e que alimentação do aluno em casa e na escola são inadequadas. c) Categoria 3: a mudança de hábitos alimentares depende de fatores além do conhecimento dos nutrientes; e papel da escola como promotora da alimentação adequada e saudável; e os hábitos alimentares são formados a partir do convívio social. d) Categoria 4: responsabilidade pelo ensino da alimentação de forma transversal, com parcerias entre professor e nutricionista. e) Categoria: necessidade de acesso a materiais e cursos formação continuada para o trabalho de EAN, pois não se sentem preparados para tal. f) Categoria 6: as ações de EAN nas escolas devem ser integradas e interdisciplinares, além dos limites da sala de aula, para que ocorram mudanças de hábitos alimentares. Quanto às concepções dos escolares, emergiram dos relatos duas categorias: (1) “Entendimentos sobre alimentação e nutrição” onde foram identificadas concepções sobre conceitos, mitos e realidade sobre alimentação e/ou nutrição; hábitos e comportamentos alimentares e as influências em suas construções e apresentações; consequências da alimentação inadequada; e importância da AE; (2) “Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola” onde apurou-se concepções sobre as vivências no ambiente escolar sobre alimentação adequada e saudável, ações de EAN, corresponsabilidade, intersetorialidade, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e transversalidade, abordagens contextualizadas e significativas, metodologias ativas, protagonismo e proposta de intervenção didática. Conclusão: Apreendeu-se que tanto as concepções dos professores, quanto dos escolares apresentaram diversos aspectos favoráveis ao planejamento e implementação de ações de EAN curriculares, sistematizadas, contextualizadas, transversais, inter/transdisciplinares, com abordagens metodológicas ativas, corresponsabilidade da comunidade escolar (escolar, colaboradores, professores e família), e assim com potencial para a eficácia quanto à promoção da saúde e a garantia da segurança alimentar e nutricional.

Palavras chave: Concepções; grupo focal; professores e escolares do ensino médio; educação alimentar e nutricional.

ABSTRACT Aim: to investigate and analyze schoolchildren's and teachers' conceptions on the teaching of adequate and healthy food in public schools, in order to subsidize proposals and future implementation of programs that improve the work with the theme. Methodology: a cross-sectional, descriptive and observational study using the quantitative qualitative approach in two stages: (1) – Teachers' conception on the subject, with the application of a semi-structured questionnaire to high school biology teachers of public schools and (2) - 3rd year of high school students' conceptions on the subject, through a focus group. For the analysis of the data, the questionnaires were filled in Google Docs®, spreadsheets were generated in Excel®, and were coded and grouped according to the response percentages for each option and score values and also grouped into categories. The testimonies of the focus group were recorded, transcribed and later, analyzed, through the technique of thematic-categorical content analysis, proposed by Bardin. Results: From the analysis of the scores ($E \leq 3$, disagreement with the statements or ≥ 4 , agreement with the statements) of the teachers' answers on the teaching of adequate and healthy food in the school the following conceptions emerged:

a) Category 1: school as a favorable scenario for the promotion of FNE actions; school feeding as student's right, state duty and pedagogical strategy; and contrary to the ban on school bars and cafeterias, believing that schoolchildren would buy healthy food that should be required for these establishments. b) Category 2: School feeding as attractiveness and the need of many who lack access to adequate and healthy food; recognition of the involvement of schoolchildren in FNE activities; and that the student's eating habits, both at home and at school, are inadequate. c) Category 3: changing eating habits depends on factors other than nutrient knowledge; and the role of the school as a promoter of adequate and healthy food; and eating habits are formed from social interaction. d) Category 4: responsibility for teaching food in a transversal way, with teacher-nutritionist partnerships. e) Category 5: need for access to materials and continuing training courses for FNE work, as they do not feel prepared for such. f) Category 6: FNE actions in schools must be integrated and interdisciplinary, beyond the limits of the classroom, so that changes in eating habits occur. Regarding the conceptions of schoolchildren, two categories emerged from the reports: (1) "Understandings about food and nutrition" where conceptions about concepts, myths and reality about food and / or nutrition were identified; eating habits and behaviors and influences on their constructions and presentations; consequences of inadequate food; importance of school feeding; (2) Approaches to adequate and healthy nutrition at school, where conceptions about experiences in the school environment and about adequate and healthy food were found, FNE actions, co-responsibility, intersectoriality, transdisciplinarity, interdisciplinarity and transversality, contextualized and meaningful approaches, active methodologies, protagonism and proposal of didactic intervention. Conclusion: It was observed that both teachers' and students' conceptions presented several favorable aspects to the planning and implementation of curricular, systematized, contextualized, transverse, inter / transdisciplinary, FNE actions, with active methodological approaches, co-responsibility of the school community, teachers and family), and thus with potential for effectiveness in promoting health and ensuring food and nutritional security.

Keywords: Conceptions; focal group; teachers and high school students; food and nutrition education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Desenho metodológico da pesquisa.....	24
FIGURA 2 - Fórmula destinada à obtenção do escore final de cada afirmativa, elaborada a partir do trabalho de Vian (2015).....	34
FIGURA 3 – Questões-chave para o planejamento e o desenvolvimento das ações de EAN	120
GRÁFICO 1 – Representação do escore obtido para cada uma das afirmações relacionadas ao ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar	45
QUADRO 1 - Categorias analítica 1 - Entendimentos sobre alimentação e nutrição; suas subcategorias e falas dos participantes.	53
QUADRO 2 - Categorias analítica 2 – “Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola”, suas subcategorias e falas dos participantes.	56
QUADRO 3 – Questões-chave para o planejamento e o desenvolvimento das ações de EAN	120
TABELA 1 - Perfil dos professores de Biologia matriculados no ProfBio, participantes deste estudo.....	38
TABELA 2 - Perfil de formação acadêmica dos participantes.	39
TABELA 3 - Atuação dos participantes na Educação Básica	39
TABELA 4 - Grau de concordância, discordância e escore das afirmações relacionadas ao ensino da temática alimentação adequada e saudável no ambiente escolar.	40
TABELA 5 - Apuração do grau de concordância/discordância e escores dos participantes sobre as afirmações relacionadas ao ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar.....	46
TABELA 6 - Apuração do grau de concordância/discordância e escores dos participantes sobre as afirmações relacionadas às atitudes alimentares dos escolares	47

TABELA 7 - Apuração do grau de concordância/ discordância e escores, dos participantes sobre as afirmações relacionadas aos hábitos e escolhas alimentares dos escolares.....	48
TABELA 8 - Apuração do grau de concordância /discordância e escores, dos participantes sobre as afirmações à relacionadas responsabilidade pelo ensino dos temas relativos à alimentação.	49
TABELA 9 - Apuração do grau de concordância/ discordância e escores, dos participantes sobre as afirmações relacionadas à atuação dos professores.....	49
TABELA 10 - Apuração do grau de concordância/ discordância e escores, dos participantes sobre as afirmações relacionadas às variáveis relativas ao ensino da alimentação adequada e saudável.	50

LISTA DE ABREVEATURAS

A – Assertiva

AC – Análise de Conteúdo

AE – Alimentação Escolar

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CP - Concordo Parcialmente

CT - Concordo Totalmente

DCNT – Doença crônica não transmissível

DP - Discordo Parcialmente

DT - Discordo Totalmente

E – Escore

EAN – Educação Alimentar e Nutricional

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GF – Grupo Focal

HE – Horta Escolar

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEF - Instituto Estadual de Florestas

IES - Instituições de Ensino Superior

IMC – Índice de Massa Corporal

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

MEC – Ministério da Educação

NCND - Nem Concordo Nem Discordo

OMS – Organização Mundial da Saúde

PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

POF – Pesquisa de Orçamento Familiar

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROFBIO –Mestrado Profissional em Ensino de Biologia

PSE – Programa Saúde na Escola

RT – Responsável Técnico

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

SUS – Sistema Único de Saúde

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNIPAM – Centro Universitário de Patos de Minas

VIGITEL - Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção de Doenças Crônicas
por Inquérito Telefônico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	15
2. OBJETIVOS	23
2.1 - Objetivo geral	23
2.2 - Objetivos específicos	23
3. METODOLOGIA	24
3.1. Tipo e desenho do estudo	24
3.2. Sujeitos	25
3.2.1. Etapa 1:	25
3.2.2. Etapa 2:	26
3.3. Instrumentos e procedimentos para coleta de dados	27
3.3.1. Etapa 1:	27
3.3.2. Etapa 2:	28
3.4. Análise dos dados:	30
3.4.1. Etapa 1:	30
3.4.2. Etapa 2 – Grupo focal com escolares	35
3.5. Aspectos éticos	37
4. RESULTADOS	39
4.1. Etapa 1 – Concepções dos professores acerca do ensino sobre alimentação adequada e saudável	39
4.1.1. Perfil dos participantes:	39
4.1.3. Categorias de análise	41
4.1.4. Análise das afirmativas – geral das concepções dos participantes sobre o ensino da temática alimentação adequada e saudável	41
4.2. Etapa 2: Levantamento das concepções dos escolares sobre alimentação adequada e saudável	53

4.2.1. Entendimentos sobre alimentação e nutrição.....	53
4.2.2. Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola	56
5. DISCUSSÕES.....	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
Apêndice A - Questionário	97
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - professores	112
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/Responsáveis	113
Apêndice D - Termo de Assentimento para Participante Menor.....	115
Apêndice E – Carta de anuência	117
Apêndice F - Guia para realização dos encontros.....	118
Apêndice G - Aspectos norteadores para uma proposta de intervenção:.....	121
Apêndice H - Depoimentos dos escolares:	131
Apêndice I – Parecer Consubstanciado do CEP	132
Apêndice J – Produto resultante desse estudo: “artigo”	133

1 . INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O conceito de saúde mais amplo engloba a integralidade humana, em que considera todos os aspectos (social, político, econômico, familiar, ambiental) que afetam a vida das pessoas (BRASIL, 1998; PAIM; ALMEIDA-FILHO, 2014). Ademais, gozar do melhor estado de saúde constitui um dos direitos fundamentais de todo o ser humano, sem distinção de raça, de religião, de convicção política, de condição econômica ou social (OMS, 1946). Assim, para o alcance da promoção da saúde é preciso realizar educação em saúde, trabalhando valores de democracia, cidadania, empoderamento (capacidade de refletir e transformar a realidade a partir de novas alternativas), reconhecimento e valorização desses princípios (BRASIL, 2009, BARRETO e PAULA, 2014).

A alimentação constitui um direito humano fundamental para a promoção e a proteção da saúde, possibilitando a afirmação plena do potencial de crescimento e desenvolvimento humano com qualidade de vida e cidadania (ONU, 1946; BRASIL, 2010; BRASIL, 2013a). Além de uma necessidade básica e um direito humano ela é, simultaneamente, uma atividade cultural, permeada por crenças, tabus, distinções e cerimônias. Comer vai além de simplesmente satisfazer nossas necessidades fisiológicas. O ato de se alimentar pode ser visto como uma fonte inesgotável de prazer, socialização ou até mesmo de expressão cultural (CARDOSO, MOREIRA, 2016).

Ressalta-se que, os alimentos têm sofrido importantes transformações decorrentes do processo de industrialização, avanços tecnológicos e globalização (BRASIL, 2011). Além dos alimentos, os padrões de alimentação também estão mudando rapidamente na grande maioria dos países e, em particular, naqueles economicamente emergentes como o Brasil (RAIMUNDO, BATALHA & TORKOMIAN; 2017). O novo padrão é marcado pela redução do consumo de alimentos *in natura* (como frutas e hortaliças) e minimamente processados (alimentos *in natura* que foram submetidos a processos de limpeza, remoção de partes não comestíveis ou indesejáveis, fracionamento, moagem, secagem, fermentação, pasteurização, refrigeração, congelamento e processos similares que não envolvam agregação de sal, açúcar, óleos, gorduras ou outras substâncias ao alimento original), associado à excessiva utilização de alimentos processados (alimentos em conserva, frutas em calda, queijos e pães feitos de farinha de trigo, leveduras, água e sal) e

ultraprocessados (como biscoitos recheados, salgadinhos “de pacote”, refrigerantes e macarrão “instantâneo”), de qualidade nutricional reconhecidamente inferior ao conjunto dos demais alimentos, o que determina, entre outras consequências, o desequilíbrio na oferta de nutrientes e a ingestão excessiva de calorias (AZEREDO et al., 2015; 2014; LOUZADA et al., 2015, MONTEIRO et al, 2016).

Estudos realizados no Brasil enfatizam essa tendência, indicando grandes percentuais de inadequação da alimentação da população brasileira. Na POF 2008 – 2009 - Pesquisa de Orçamentos Familiares, foi apontada que 61% da população apresentavam consumo excessivo de açúcar, 82% na população com prevalência de consumo excessivo de gordura saturada, 68% da população consumiam fibras abaixo do recomendado e mais que 70% da população consumiam quantidades superiores ao valor máximo de ingestão tolerável para o sódio (BRASIL, 2011). Já a PeNSE 2015- Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, aponta para um aumento no que diz respeito ao consumo de refrigerantes (70,6%), guloseimas (62,3%) e biscoitos doces/salgados (63,7%) entre adolescentes, em relação aos resultados obtidos na PeNSE de 2012. A mesma pesquisa enfatiza que a maioria dos adolescentes de 16 a 17 anos de idade, relata práticas de realização de refeições em *fast food* (16,7%) (BRASIL, 2016). Neste mesmo sentido, recentemente a FIESP apresentou nos resultados de sua pesquisa intitulada “A Mesa dos Brasileiros: Transformações, Confirmações e Contradições”, que os brasileiros, especificamente os jovens, têm preferência entre o sabor em detrimento à saudabilidade dos alimentos (FIESP, 2018).

Essa mudança no perfil alimentar, associada ao estilo de vida da população brasileira, teve impacto nos índices de obesidade e morbidades associadas como diabetes, hipertensão, entre outras (WENDLING, 2013; LAGO et al., 2016) e merece atenção, pois tem aumentado entre crianças e adolescentes. Os dados da última Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção de Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) revelaram que a obesidade já é uma realidade para 18,9% dos brasileiros e o sobrepeso atinge mais da metade da população (54%) (BRASIL, 2018). Os dados obtidos pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, realizada, em 2015, apontaram que o indicador de excesso de peso entre os adolescentes escolares apresentou uma prevalência elevada, com cerca de 23,7%, que corresponde um total estimado de 3 milhões de escolares no Brasil (IBGE, 2016) e outros estudos estimam que em 2025 o excesso de peso possa atingir até 75 milhões de crianças em todo o

mundo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DE OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA, 2017; WHO, 2016).

O desenvolvimento precoce de sobrepeso e obesidade é preocupante, uma vez que pode se estender até a vida adulta e favorecer a ocorrência de outras doenças crônicas não transmissíveis (DCNT's), como diabetes, hipertensão e dislipidemias, que estão cada vez mais prevalentes (ENES & SLATER, 2010; SANTOS et al, 2012; CARVALHO et al, 2015). As DCNT's são um dos maiores problemas de saúde pública da atualidade. As estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) sinalizam que essas doenças foram responsáveis por 63% de um total de 36 milhões de mortes ocorridas no mundo em 2008 (WHO, 2011). Segundo os dados do VIGITEL podemos observar que houve um aumento considerável de pessoas adultas com problemas de hipertensão seguida da obesidade, sendo que o surgimento dessas patologias está relacionado a fatores que surgiram nas fases iniciais da vida, ou seja, na infância e adolescência (SILVA, NASCIMENTO & CARVALHO, 2019).

É relevante mencionar a questão da fome que perpassa a escassez de alimento, e influencia o excesso alimentar e a baixa qualidade do que é consumido, tendo como consequência o sobrepeso e a obesidade que crescem de forma vertiginosa, sendo prevalentes na população de baixa renda brasileira, e que vem se observando cada vez mais nos Estados Unidos, onde a obesidade está ficando diretamente ligada à baixa renda (BENTLEY et al, 2018). Desta forma, observa-se que a insegurança alimentar contribui para excesso de peso, obesidade, desnutrição e coexistência de altas taxas dessas formas de desnutrição em muitos países. O maior custo de alimentos nutritivos, assim como o estresse que significa viver com insegurança alimentar e as adaptações fisiológicas à restrição de alimentos ajudam a explicar por que as famílias que enfrentam a insegurança alimentar pode ter um maior risco de sobrepeso e obesidade (FAO, 2018).

Frente a esse cenário, a prevenção e o controle dos problemas alimentares e nutricionais tornaram-se prioridade para o campo das políticas públicas nacionais e internacionais (BRASIL, 2012; Center for Disease Control and Prevention, 2011). Nesta direção, a proposição de estratégias e iniciativas que permitam a prevenção e o controle do excesso de peso são extremamente relevantes, incluindo aquelas que envolvam atividades de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), estratégia fundamental para a promoção de hábitos alimentares saudáveis (BOOG, 2013).

Segundo o documento – Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas, publicado pelo Ministério da Saúde no Brasil, a EAN se insere no contexto do Direito Humano à Alimentação Adequada e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional - SAN e pode ser compreendida como “um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis”. Ainda de acordo com o documento “a prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, as etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar” (BRASIL, 2012a).

Assim, a EAN deve assumir a função de ajudar os grupos sociais a pensarem sobre as causas de seus problemas nutricionais e alimentares contribuindo assim para o desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas que levem à autonomia para escolhas alimentares adequadas e saudáveis (FERREIRA; MAGALHÃES, 2007; BRASIL, 2012a; SANTOS, 2012, PARDINO, et al, 2019). Entre seus resultados potenciais identifica-se a contribuição na prevenção e controle das doenças crônicas não transmissíveis e deficiências nutricionais, bem como a valorização das diferentes expressões da cultura alimentar, o fortalecimento de hábitos regionais, a redução do desperdício de alimentos, a promoção do consumo sustentável e da alimentação saudável (BRASIL, 2012a).

Trabalhar a adoção de uma alimentação adequada e saudável, por meio de EAN, é fundamental, pois se trata de um hábito que deve ser ensinado e praticado desde a infância, pois quanto mais cedo for adotado, maiores as chances de ser continuado em fases posteriores da vida (MADRUGA et al. 2012, OLIVEIRA; SAMPAIO; COSTA, 2014, PEREIRA, PEREIRA & ANGELIS-PEREIRA, 2017; PARDINO et al, 2019). Evidências apontam que comportamentos de saúde ou de risco para a saúde, adquiridos na adolescência tendem a se perpetuar por toda a vida. Assim, políticas públicas focadas no desenvolvimento de comportamentos saudáveis em idades precoces constituem relevantes estratégias de promoção da saúde (WHO, 2016). Os hábitos, as preferências e as repulsões alimentares são determinados na infância e permanecem até a fase adulta através de influências por agentes externos e de acordo com o ambiente em que a

criança participa e incluem os hábitos da família, tendências sociais, âmbito escolar, mídia e doença (MAHAN; ESCOTT-STUMP, 2018).

Deste modo, deve-se considerar que a família exerce papel importante na formação dos hábitos alimentares do indivíduo. A criança vivencia o comportamento alimentar da família e desenvolve a percepção dos sabores e de suas preferências, o que acaba influenciando nas escolhas dos alimentos (RAMOS; STEIN, 2000). A mídia, as condições socioeconômicas e culturais também influenciam a criança e o adolescente na construção dos hábitos alimentares e posteriormente na idade adulta (WEFFORT et al., 2012). Ademais, os adolescentes se enquadram no maior grupo de risco em relação aos fatores alimentares, pois são os indivíduos que tendem a modificar mais facilmente seus hábitos alimentares em função da cultura alimentar contemporânea de alimentação *fast food*, rica em sódio, açúcar e gorduras (MADRUGA et al. 2012; GUERRA et al. 2016, CORRÊA et al, 2017).

Além da família, das condições sociais e econômicas e da mídia, a escola desempenha papel preponderante no comportamento alimentar e hábitos das crianças, adolescentes e jovens escolares, pois estes passam a realizar, pelo menos, uma refeição diária nesse ambiente (PRADO, 2014; MAGALHÃES & CAVALCANTE, 2019). O ambiente escolar pode ser entendido como um local complexo e social que atinge de maneira significativa todos os indivíduos pertencentes, que por meio de ações e práticas visem o conhecimento, aprendizagem, formação de atitudes e valores (ASSIS et al, 2010). Nesse contexto, a escola passa a ser considerado um cenário oportuno que deve fomentar programas de EAN para a promoção em saúde e da SAN, desenvolvendo ações educativas que levem à construção e consolidação do conhecimento, de forma sistemática e contínua, propiciando uma atitude crítica, autônoma e consciente, em diferentes etapas de formação dos indivíduos (YOKOTA, 2010; PARDINO et al, 2019).

No Brasil o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) representa uma estratégia importante de promoção da alimentação saudável e se destaca por ser um dos maiores programas do mundo a abranger a alimentação escolar contemplando o Direito Humano à Alimentação Adequada e a Segurança Alimentar e Nutricional, através da realização de ações de educação alimentar e nutricional e a oferta de refeições que cubram as necessidades nutricionais do alunado durante o período letivo (BRASIL, 2009; PEIXINHO, 2013).

Acreditando nas possibilidades oferecidas pela EAN para a redução da obesidade, e das DCNT's associadas aos hábitos alimentares inadequados, a EAN foi incluída como um tema transversal no currículo escolar através da Lei 13.666/2018 (BRASIL, 2018b). Não há intenção de formar uma nova disciplina acadêmica e/ou escolar nem de criar uma profissão específica de educador em EAN, mas de formar um profissional multicomponente (BEZERRA, 2018). Segundo Brasil (1998), os Temas Transversais “são questões sociais e pertencem a diferentes áreas convencionais, portanto, deve estar integrado a todos níveis de ensino formal, numa relação de transversalidade, de modo que impregne toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, crie uma visão global e abrangente”. Nesse sentido, ganha expressão a característica de transversalidade e transdisciplinaridade da EAN, que deve atravessar e transpassar outras áreas de conhecimento, integrando-as e aproximando-as. O mesmo documento destaca os conceitos de transdisciplinaridade e interdisciplinaridade:

“A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas. A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade)” (BRASIL, 1998).

Partindo dessas ideias, cabe destacar o trabalho do professor na consecução das ações de EAN uma vez que são considerados sujeitos indispensáveis na promoção da saúde escolar. Davanço, Taddei e Gaglianone (2004) referem ao professor como “membro central da equipe de saúde escolar”, pois, além de ter maior contato com os alunos, está envolvido na realidade social de cada um. Configurando-se, deste modo, como agente mediador e facilitador, de modo a possibilitar a reorganização e reestruturação do conhecimento que leve uma prática reflexiva dos sujeitos sobre si e sobre as questões pertinentes às suas práticas alimentares, permitindo-os a autonomia na realização de suas escolhas alimentares (BEZERRA, 2018).

O trabalho em EAN, sendo de natureza intersetorial e multidisciplinar, requer processos de formação específica e, sendo os professores considerados elementos chave

para o sucesso de ações de EAN, reforça-se a necessidade de capacitação específica sobre alimentação adequada e saudável, bem como, sobre nutrição, com o objetivo de instrumentalizá-los para trabalhar essa temática em suas aulas (GAGLIANONE et al., 2006; BEZERRA, CAPUCHINHO & PINHO, 2015; BRASIL, 2012, BEZERRA, 2018, PARDINO et al, 2019). Sugere-se que o nutricionista seja o responsável pela intermediação entre os saberes, na medida em que assume a condição de multiplicador de conteúdos e temas em alimentação e nutrição e, por isso, possui um papel determinante no processo de implantação de hábitos alimentares saudáveis na escola (YOKOTA et al., 2010).

Considerando a relevância dos professores no processo de formação de cidadãos autônomos e conscientes, é necessário que eles estejam informados, atualizados e sejam orientados em relação à temática alimentação saudável. Cabe ressaltar a importância de sua motivação e sensibilização frente a sua responsabilidade na promoção da saúde e da SAN na formação dos hábitos alimentares de seus alunos (ANDRADE e CARDOSO, 2013; BEZERRA et al., 2015; CAMOZZI et al., 2015). Ao professor cabe um papel que vai além da mera transmissão de conhecimentos, uma vez que deve atuar como interlocutor das escolhas alimentares, criando situações que permitam identificar novos significados, dando sentido às aprendizagens, além de atuar como modelo de comportamento, facilitando a partilha de experiências e opiniões relativas à alimentação entre os escolares (DAVANÇO & GAGLIONE, 2004; JUZWIAK, CASTRO & BATISTA, 2013). Assim os professores, conscientes da importância do seu papel de condutores da EAN, podem auxiliar e contribuir significativamente na adoção de uma alimentação saudável pelas crianças e adolescentes, assim como favorecer a autonomia alimentar, tendo como possível consequência a melhora da saúde e garantia da SAN dos escolares (SCARPARO, MARQUES & PINO, 2015).

Muitos estudos nessa área são realizados tendo como foco os escolares e educadores da Educação Infantil e Ensino Fundamental (SOARES et al, 2009; YOKOTA, 2010; JUZWIAK, 2013; BEZERRA, 2015; CARVALHO et al, 2015; entre outros) pouco se tem pesquisado sobre a abordagem e a importância da EAN em outros níveis de ensino, como o Ensino Médio. Acreditando na importância da continuidade das ações e da atenção dispensada aos anos iniciais da educação básica, preocupa-se com o modo como a EAN tem ocorrido no Ensino Médio - EM. Vários são os motivos que permeiam essa eminente preocupação, dentre os quais podemos destacar: as práticas

alimentares inadequadas adotadas na adolescência; transtornos alimentares como anorexia e bulimia nervosa - e a manifestação cada vez mais precoce de doenças crônicas não transmissíveis entre os adolescentes, como a obesidade e o diabetes (BRASIL, 2016; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DE OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA, 2017; BRASIL, 2018a).

A pertinência deste trabalho justifica-se, ainda, pela importância da participação ativa dos escolares na construção da própria aprendizagem, estimulando o protagonismo juvenil, através da utilização de metodologias investigativas, problematizadora, reflexivas e contextualizadas com a realidade dos mesmos, de modo a criar possibilidades para a vivência de sua autonomia tanto em relação à sua alimentação, quanto a outros aspectos. No entanto, tem-se observado que os escolares não se sentem estimulados ou sensibilizados pela metodologia utilizada durante a abordagem das questões referentes à alimentação adequada e saudável (SCARPARO, 2017). Uma educação crítica e problematizadora é premissa fundamental para a superação de práticas tradicionais, ou seja, pautadas na reprodução de conteúdos sem um posicionamento crítico e ativo dos sujeitos, que promova reais transformações no sujeito e na sua relação com alimentação (BEZERRA, 2018). Ainda nesse sentido, Paulo Freire (1983) defende a necessidade de um método ativo, em que haja participação dos educandos e que seja baseado na criticidade e no diálogo. O mesmo autor destaca essa relação entre a educação e a capacidade de escolhas dos indivíduos, que ao participar da busca e da construção do conhecimento em conjunto com outros indivíduos pode compreender a realidade, refletir sobre ela e buscar soluções para mudá-la (FREIRE, 1983).

Diante do exposto, faz-se necessário conhecer como o processo de ensino-aprendizagem da alimentação adequada e saudável tem ocorrido no ambiente escolar, especificamente no Ensino Médio, de modo a subsidiar ações contextualizadas com a realidade dos adolescentes possibilitando-os serem protagonistas em seu processo de aprendizagem, tornando-os autônomos e conscientes em suas escolhas alimentares. Acredita-se que professores e escolares reconheçam a importância da abordagem do tema no ambiente escolar, havendo a necessidade de formação e capacitação para o trabalho na perspectiva de EAN, bem como a sistematização de ações contínuas, interdisciplinares, contextualizadas e significativas, que ocorram por meio de

metodologias ativas, que sejam exitosas na superação da inadequação alimentar, bem como da insegurança alimentar e nutricional e seus desdobramentos.

2. OBJETIVOS

2.1 - Objetivo geral

Investigar e analisar as concepções de professores de Biologia e escolares do Ensino Médio sobre o ensino da temática alimentação adequada e saudável em escolas públicas, a fim de fornecer subsídio para propostas e futura implementação de programas que melhorem o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de EAN para promoção da saúde e da SAN.

2.2 - Objetivos específicos

- Apresentar o perfil social e de formação dos professores de Biologia das escolas públicas brasileiras para o trabalho com EAN;
- Identificar e avaliar a concepção dos professores quanto à temática alimentação adequada e saudável no contexto da escola pública;
- Conhecer o processo de ensino- aprendizagem da temática alimentação adequada e saudável, por meio das concepções dos escolares do Ensino Médio;
- Favorecer o debate para proposta de intervenção didática sobre alimentação adequada e saudável pelos escolares, a partir de suas reflexões e dos resultados apurados acerca das concepções dos professores sobre a temática em tela.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo e desenho do estudo

Estudo transversal, de caráter descritivo e observacional, por meio da abordagem quanti qualitativa, em duas etapas (Figura 1). Na etapa 1, buscou-se averiguar as concepções de professores sobre o ensino da temática alimentação adequada e saudável em escolas públicas. Na etapa 2, apresentou-se os resultados da primeira etapa aos escolares, para iniciar as discussões acerca da alimentação adequada e saudável no ambiente escolar, identificando como se dá a participação deles no processo de ensino-aprendizagem desse tema. Ainda na segunda etapa foi pedido a eles que sugerissem atividades, metodologias e estratégias que possam melhorar o trabalho com o tema no ensino médio, numa concepção de EAN para promoção da saúde e da SAN, tendo como premissas o protagonismo do escolar no processo de aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar. Já a terceira etapa, surgiu a partir das concepções dos professores e das reflexões e necessidades dos escolares, propiciando o desenvolvimento de um rol de aspectos norteadores para propostas de intervenção didática sobre alimentação saudável estimulando o uso de abordagens investigativas, contextualizadas com a realidade dos mesmos e que aumentem a sua participação na construção de sua própria aprendizagem (Figura 1).

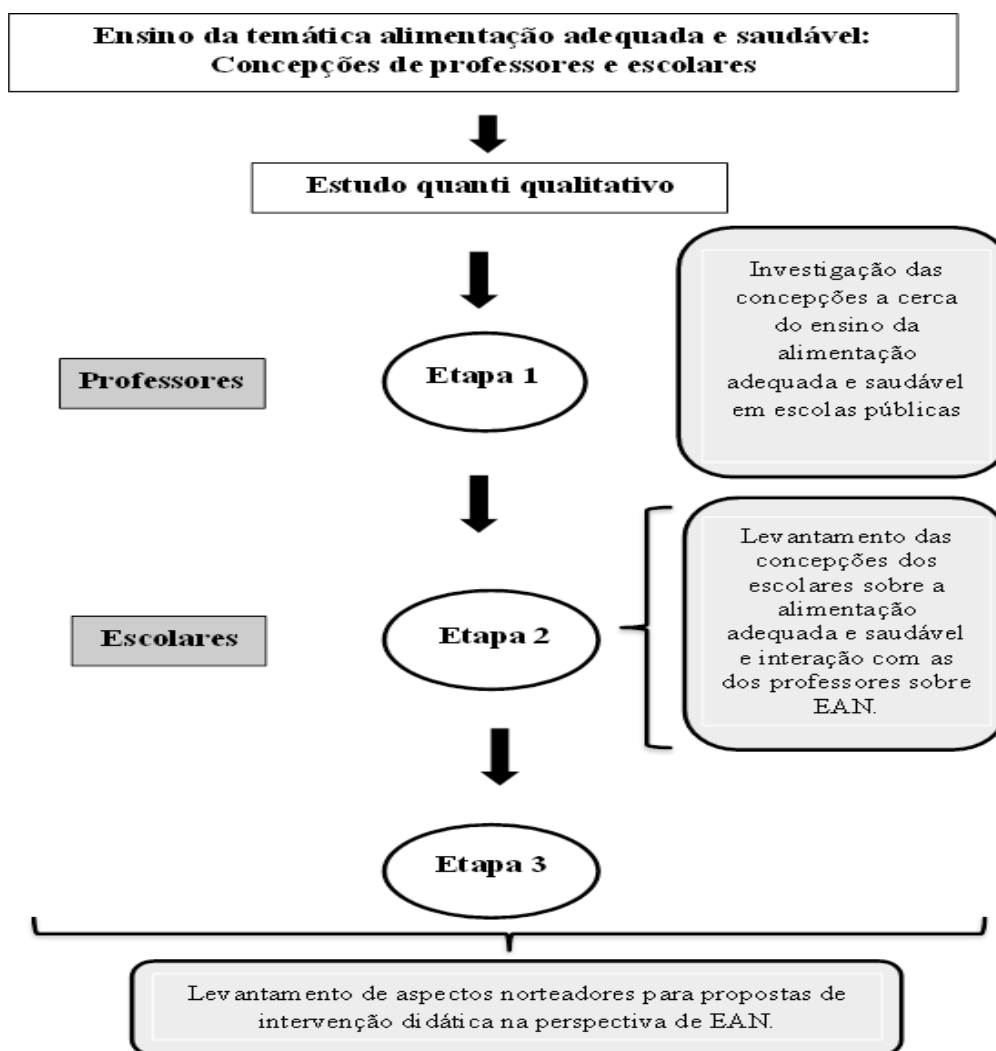


FIGURA 1 - Desenho metodológico da pesquisa

Fonte: elaborado pelo autor

3.2. Sujeitos

3.2.1. Etapa 1:

- Profissionais da área de Educação em Biologia. Discentes de cursos de mestrado matriculados no programa de “Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO” ofertado simultaneamente por 18 Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, Federais e Estaduais, em 20 campi distintos, distribuídos por todo território nacional, contemplando 14 estados da Federação, além do Distrito Federal. As IES

integrantes do PROFBIO participam do Sistema Nacional de Pós-Graduação e do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB.

Os sujeitos que participaram dessa etapa do estudo formaram um grupo compostos por professores de Biologia de escolas públicas brasileiras, matriculados no programa de “Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO”.

Realizou-se o cálculo amostral, utilizando os critérios de LWANGA e LEMESHOW (1991) para cálculo de amostragem aleatória simples para variáveis categóricas. Considerou-se a prevalência de 82% de profissionais que consideram importante trabalhar a temática alimentação saudável de forma transversal no contexto do ensino médio, identificada no estudo de Scarparo (2017). Considerou-se a população finita de 425 professores de biologia que faziam o mestrado profissional no ensino de biologia no ano de 2017, em todo o Brasil, o que gerou um n amostral=149, erro amostral de 5% e nível de confiança de 95%.

Para ter acesso aos mesmos foi necessário que a coordenação nacional do programa de Mestrado Profissional no Ensino de Biologia viabilizasse o contato dos coordenadores locais de cada instituição associada, para os quais foi enviado um e-mail solicitando o e-mail de seus discentes. Treze coordenadores locais disponibilizaram os contatos de seus discentes, totalizando 292 professores para os quais foi enviada, por correio eletrônico, uma mensagem contendo o link de acesso ao questionário (APÊNDICE I).

3.2.2. Etapa 2:

- Escolares do Terceiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual de Patos de Minas, onde a pesquisadora atua como professora. Foram selecionados 48 alunos que apresentavam as seguintes características em comum: estar matriculado no terceiro ano do Ensino Médio, ser frequente, estar estudando na escola há ao menos três anos e demonstrar interesse em participar dos encontros de grupo focal. A seguir realizou-se um sorteio entre eles, resultando em 13 participantes. Estes aceitaram o convite e entregaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE IV) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/Responsáveis (TCLE) (APÊNDICE III) assinados.

3.3. Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

3.3.1. Etapa 1:

Na primeira etapa a coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado aos professores e teve como objetivos: descrever o perfil social e de formação inicial e continuada dos professores de Biologia das escolas públicas brasileiras para o trabalho com EAN e avaliar o grau de concordância e discordância dos professores de Biologia, e o Escore de cada uma das afirmações relacionadas ao ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar.

O questionário era composto por afirmativas relacionadas ao ensino da temática alimentação saudável. O instrumento de coleta foi desenvolvido, avaliado, testado e validado por “experts” e utilizado para a obtenção dos dados por Scarparo (2017) em sua tese de doutorado, sendo que foram necessárias adequações com vistas a atender os objetivos desse projeto.

Ressaltamos que essa validação se faz importante para que se possa verificar a capacidade dos itens que compõem o instrumento para medir o que se propõe e atingir sua finalidade específica respeitando o contexto no qual será utilizado (MONTEIRO & HORA, 2014). Na construção do mesmo a autora optou por utilizar a escala de Likert, uma vez que esta possibilita constatar o grau de concordância do participante com cada afirmativa proposta. No preenchimento do documento, o participante teve as seguintes opções de resposta para cada afirmativa: Concordo Totalmente (CT); Concordo Parcialmente (CP); Nem Concordo Nem Discordo (NCND); Discordo Parcialmente (DP); e Discordo Totalmente (DT) (SCARPARO, 2017).

Para a aplicação do instrumento foi utilizada uma versão online, disponível no APÊNDICE I, na qual o link do documento foi encaminhado por e-mail para 294 professores de biologia mestrandos do ProfBio. O questionário foi estruturado no aplicativo Google Formulários. Na parte inicial do questionário foram solicitadas algumas informações para a caracterização do participante. Foi questionado: sexo, idade; formação acadêmica (graduação); ano de conclusão da graduação; atuação na educação básica, tempo, rede e modalidade de ensino. Pretendeu-se, assim, conhecer o sujeito pesquisado traçando seu perfil profissional.

No final do formulário foi disponibilizado um espaço para que os participantes pudessem escrever sugestões e comentários: “Neste espaço, você pode registrar sugestões, contribuições, reflexões que julgar necessárias e/ou pertinentes”; também conforme observado no instrumento elaborado por Scarparo (2017) e adaptado para esse projeto.

3.3.2. Etapa 2:

O grupo focal (GF) foi a técnica escolhida para coleta de dados na segunda etapa dessa pesquisa, pois caracteriza, segundo Edmunds (1999), uma metodologia exploratória, no intento de prover a compreensão das percepções, dos sentimentos, das atitudes e motivações. Ainda, permite ao investigador verificar como as pessoas avaliam uma experiência, ideia ou um evento, como definem um problema e quais opiniões, sentimentos e significados encontram-se associados a esse problema.

Segundo Gilbert (1991) “para modificar comportamentos, é necessário primeiro que se entenda o contexto no qual ocorrem os significados e a importância a ele atribuída pelos seus agentes”. Nesse sentido, a técnica do grupo focal pode servir como forma de aproximação, integração e envolvimento do pesquisador com os participantes da pesquisa, tendo como princípio a participação integral das pessoas no processo educativo e possibilitando a construção coletiva de ideias, conceitos, opiniões e propostas para mudanças de atitudes, visando ao crescimento individual e grupal.

A essência do grupo focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva obter dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamado grupo focal). Sendo assim, para conhecer as percepções dos escolares, seus anseios, suas necessidades, a fim de melhorar a prática e o ensino da EAN no ambiente escolar, tornando-o mais contextualizado, interessante, contextualizado e mais efetivo, optou-se pela realização de encontros de grupo focal com escolares do ensino médio.

O local dos encontros foi neutro, sendo de fácil acesso, confortável e isento de ruídos externos, de forma a evitar constrangimento aos participantes, assegurando a privacidade e facilitando o debate. Os encontros foram conduzidos por um docente moderador, que teve como função criar um ambiente favorável às discussões e à interação pessoal, sem expressar acordo ou desacordo no que concerne à opinião dos

participantes. Também, teve-se o cuidado de não induzir o grupo a aceitar sua opinião própria, atuando como facilitador do debate. Além do docente moderador, houve um observador que colaborou para o desenvolvimento do encontro, controlando o tempo, monitorando equipamentos e registrando as informações que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa e com a síntese final.

Os encontros de grupo focal ocorreram em uma escola pública, situada em meio urbano, no município de Patos de Minas, Minas Gerais, Brasil. A mesma funciona em três turnos e segundo o CENSO de 2017, apresenta 849 alunos dos quais 283 são do ensino médio, atende uma clientela de nível economicamente variado entre médio, médio baixo e baixo, filhos de pais trabalhadores assalariados, residentes nos bairros próximos. Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola, os alunos têm desempenho escolar que varia entre ótimo (10%), bom (30%), regular (50%) e fraco (10%), de acordo com os resultados das avaliações internas após o Plano de Intervenção pedagógico ofertado durante o ano e nos finais de cada bimestre. Muitos alunos que estudam no turno da manhã já trabalham para complementar a renda familiar, o que às vezes interfere negativamente no processo ensino aprendizagem tornando-os sem tempo para dedicarem mais aos estudos, a pesquisas e trabalhos de casa.

Os encontros foram realizados na sala de vídeo onde as cadeiras foram dispostas em círculo de modo que todos participantes tivessem a visão total do local e que pudessem falar sem serem observados por espectadores indesejados. Tomou-se cuidado na escolha e preparo desse ambiente de modo a garantir conforto e privacidade aos participantes.

Cada encontro durou aproximadamente 2 horas e foram compostos pelos seguintes momentos: início, debate, síntese e encerramento. O momento inicial foi destinado aos cumprimentos, às apresentações, informações sobre a pesquisa a ser desenvolvida, à exposição de seus objetivos, sua finalidade e metodologia, além da leitura do material de estímulo. O período do debate foi conduzido por meio de um guia de temas (APÊNDICE VI), cuja finalidade foi propiciar uma investigação produtiva, conforme Dall’Agnol e Trench (1999). O guia de temas consistiu nas questões a serem trabalhadas, com o propósito de nortear a discussão, buscando esclarecimentos que fundamentem os objetivos do estudo. Nos encontros foram abordadas questões qualitativas e abrangentes que favoreceram a abordagem natural do tema. Os momentos finais da sessão destinaram-se à síntese da discussão, e encerraram-se com acertos para

o próximo encontro, agradecimentos e cumprimentos, conforme DALL'AGNOL E TRENCH (1999).

Os encontros de grupo focal foram registrados em áudio mediante autorização dos participantes, após assinatura dos termos – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE IV) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE III).

3.4. Análise dos dados:

3.4.1. Etapa 1:

Na etapa 1, os formulários preenchidos no aplicativo do Google Docs® geraram uma planilha em formato Excel®, sendo necessária somente a codificação das informações para facilitar a análise dos resultados.

As afirmações (A), para a análise dos dados, foram agrupadas em função dos percentuais de resposta para cada opção e dos valores dos escores e, ainda, foram reunidas em categorias temáticas, em razão do conteúdo da assertiva conforme a organização apresentada no estudo que referencia os procedimentos da etapa 1 (SCARPARO, 2017). As categorias consideradas nesse estudo foram:

Categoria 1 – Alimentação no ambiente escolar: aspectos relacionados à alimentação no ambiente escolar, incluindo o papel da instituição (escola), dos adultos (professores) e da própria alimentação neste local. Também foram incluídas assertivas específicas relacionadas ao fornecimento, ao consumo e à comercialização de alimentos na escola em bares, cantinas e restaurantes, assim como ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

A1	A escola é um local adequado para auxiliar no desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis
A2	A escola é um local adequado para a criança aprender sobre alimentação saudável.
A3	Ensinar aos escolares quais são os alimentos que compõem uma alimentação saudável é uma das funções da escola.
A4	A alimentação na escola tem uma função pedagógica.
A5	A alimentação escolar gratuita é direito de todos os estudantes da Educação Básica, de escolas públicas.

A6	Deveria ser proibida a existência de bares e cantinas nas escolas.
A7	A existência de bares e cantinas nas escolas deveria ser condicionada à venda exclusiva de alimentos saudáveis.
A8	Os escolares não comprariam alimentos e bebidas nos bares e cantinas se esses comercializassem apenas produtos saudáveis.
A37	As atitudes do professor com relação à alimentação, no ambiente escolar, influenciam na alimentação dos alunos.
A40	Os professores devem consumir na escola somente alimentos saudáveis.
A43	Muitas crianças vão para a escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia.
A45	A alimentação fornecida nas escolas públicas tem como um de seus objetivos auxiliar a formação de hábitos alimentares saudáveis.
A46	O tipo de alimento ofertado na escola, seja na alimentação escolar pública e/ou no bar/cantina/lanchonete, influencia os hábitos alimentares dos escolares
A50	A alimentação da criança é reflexo da alimentação dos adultos com quem ela convive.

Categoria 2 – Escolares: conteúdo específico sobre a alimentação dos escolares e as suas atitudes com relação à alimentação.

A8	Os escolares não comprariam alimentos e bebidas nos bares e cantinas se esses comercializassem apenas produtos saudáveis.
A9	Os escolares têm interesse em atividades que envolvem a temática alimentação saudável.
A10	Os escolares não reconhecem a importância de ter uma boa alimentação.
A11	Os escolares têm uma alimentação adequada em casa.
A12	Os escolares têm uma alimentação adequada na escola.
A13	Os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis.
A43	Muitas crianças vão para a escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia.

Categoria 3 – Hábitos e escolhas alimentares: alimentação dos escolares, bem como suas escolhas e atitudes frente à alimentação, apresentando aspectos que poderiam estar envolvidos ou influenciando os hábitos alimentares.

A1	A escola é um local adequado para auxiliar a criança a desenvolver hábitos alimentares saudáveis
A8	Os escolares não comprariam alimentos e bebidas nos bares e cantinas se esses comercializassem apenas produtos saudáveis.
A11	Os escolares têm uma alimentação adequada em casa.
A12	Os escolares têm uma alimentação adequada na escola.
A13	Os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis.
A15	Informações sobre alimentação saudável influenciam nas escolhas alimentares
A17	Trabalhar o tema alimentação saudável, no ambiente escolar, não irá modificar os hábitos alimentares dos escolares.
A27	Em função dos hábitos alimentares serem formados nos anos iniciais da infância, os professores da Educação Infantil são os mais indicados para trabalhar a temática alimentação saudável.
A37	As atitudes do professor com relação à alimentação, no ambiente escolar, influenciam na alimentação dos alunos.
A42	Os professores não se acham aptos para assumir o papel de educadores no campo da alimentação quando julgarem que seus hábitos alimentares são incorretos
A45	A alimentação fornecida nas escolas públicas tem como um de seus objetivos auxiliar a formação de hábitos alimentares saudáveis.
A46	O tipo de alimento ofertado na escola, seja na alimentação escolar pública e/ou no bar/cantina/lanchonete, influencia os hábitos alimentares dos escolares.

A49	Para modificar o hábito alimentar de alguém, basta que ela aprenda sobre os nutrientes que cada alimento contém.
A50	A alimentação da criança é reflexo da alimentação dos adultos com quem ela convive.

Categoria 4 – Responsabilidade pelo ensino da temática alimentação saudável: a responsabilidade para os pais, para os professores, para o nutricionista, assim como afirmativas que irão referir a temática como sendo um tema transversal, a ser trabalhada de forma interdisciplinar e pelo professor com auxílio técnico do nutricionista.

A2	A escola é um local adequado para a criança aprender sobre alimentação saudável.
A14	É papel dos pais e não dos professores ensinar as crianças a terem uma boa alimentação.
A18	Em função dos conteúdos curriculares, o tema alimentação saudável deve ser trabalhado, preferencialmente, nas disciplinas de Ciências Biológicas e de Educação Física.
A19	O tema alimentação saudável deve ser trabalhado de forma transdisciplinar nas disciplinas que compõem o currículo.
A20	A alimentação saudável é um tema transversal e interdisciplinar, pois nenhuma área do conhecimento isoladamente tem condições suficientes para explicá-la.
A23	A temática alimentação saudável deve ser trabalhada na escola, preferencialmente, pelo Nutricionista.
A24	Deve existir uma disciplina específica para trabalhar a temática alimentação saudável com os escolares.
A26	A temática alimentação saudável deve ser trabalhada na educação integral, no turno inverso, em oficinas específicas.
A27	Em função dos hábitos alimentares serem formados nos anos iniciais da infância, os professores da Educação Infantil são os mais indicados para trabalhar a temática alimentação saudável.
A30	A temática alimentação saudável deveria ser trabalhada pelo professor com o auxílio técnico do nutricionista.
A41	Os professores são os profissionais mais indicados para trabalhar o tema alimentação com crianças e adolescentes.

Categoria 5 – Professores e o ensino da temática alimentação saudável: professor e suas atitudes alimentares, bem como à formação e ao preparo do profissional para o “ensino” da temática alimentação saudável, assinalando aspectos relacionados com essa atividade e, também, buscando identificar possíveis obstáculos e necessidades para efetivá-la.

A16	Muitos profissionais da área da educação consideram importante a temática alimentação, entretanto não trabalham por causa da falta de tempo, pela sobrecarga de trabalho, pela falta de conhecimento específico do conteúdo e/ou por não conseguir articular o tema com os conteúdos de suas disciplinas.
A28	Os professores deveriam ter acesso a um livro ou manual sobre alimentação, contendo sugestões de atividades para trabalhar o conteúdo em sala de aula.
A30	A temática alimentação saudável deveria ser trabalhada pelo professor com o auxílio técnico do nutricionista.
A33	Os professores, das diferentes disciplinas e níveis de ensino, estão preparados para trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal.
A34	O professor não tem conhecimentos suficientes sobre alimentação e nutrição para trabalhar, como tema transversal, a temática alimentação saudável.
A35	Em função do excesso de informações disponíveis, atualmente, para a maioria dos professores não é claro o que significa o conceito ‘alimentação saudável’.

A36	Os professores se baseiam em seus próprios conhecimentos sobre alimentação para ensinar sobre a temática.
A37	As atitudes do professor com relação à alimentação, no ambiente escolar, influenciam na alimentação dos alunos.
A38	Deveria existir no currículo dos cursos de licenciaturas, das diferentes áreas, uma disciplina que abordasse e discutisse o conceito 'alimentação saudável'.
A39	Há necessidade da oferta de cursos de especialização para professores sobre o tema alimentação saudável.
A40	Os professores devem consumir na escola somente alimentos saudáveis.
A41	Os professores são os profissionais mais indicados para trabalhar o tema alimentação com crianças e adolescentes.
A42	Os professores não se acham aptos para assumir o papel de educadores no campo da alimentação quando julgam que seus hábitos alimentares são incorretos
A44	Os professores se baseiam em suas experiências com alimentação para ensinar sobre a temática.

Categoria 6 – Variáveis relacionadas ao ensino da alimentação saudável: aspectos relacionados ao “ensino” da alimentação saudável, incluindo possíveis objetivos, estratégias, metodologias, protagonismo dos alunos e necessidades para efetivá-lo. Além disso, afirmações relacionadas, especificamente, com o ensino da temática alimentação saudável como um tema transversal, uma disciplina específica ou oficinas para alunos de turno integral. Além de abordar possíveis obstáculos ou justificativas para não efetivar o trabalho de forma transversal e interdisciplinar.

A3	Ensinar aos escolares quais são os alimentos que compõem uma alimentação saudável é uma das funções da escola.
A17	Trabalhar o tema alimentação saudável, no ambiente escolar, não irá modificar os hábitos alimentares dos escolares.
A19	A alimentação saudável deve ser trabalhada de forma transdisciplinar nas disciplinas que compõem o currículo.
A20	A alimentação saudável é um tema transversal e interdisciplinar, pois nenhuma área do conhecimento isoladamente tem condições suficientes para explicá-la.
A21	O tema alimentação saudável constitui uma possibilidade para efetivar a articulação e integração das áreas do conhecimento na organização do currículo escolar.
A22	Em função do excesso de conteúdos programados para serem abordados durante o ano letivo, não é possível trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal.
A24	Deve existir uma disciplina específica para trabalhar a temática alimentação saudável com os escolares.
A25	Para os escolares aprenderem sobre alimentação saudável, não é suficiente trabalhar a temática de forma transversal e interdisciplinar.
A28	Os professores deveriam ter acesso a um livro ou manual sobre alimentação, contendo sugestões de atividades para trabalhar o conteúdo em sala de aula.
A29	O livro didático é uma boa fonte de consulta sobre a temática alimentação.
A31	É recomendável que o Ministério da Educação defina, para cada área do conhecimento ou disciplina, o conteúdo sobre alimentação a ser abordado pelo professor.
A32	Como as Diretrizes Curriculares Nacionais reúnem princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as propostas curriculares das escolas, deveria ser criada uma diretriz específica para a Educação Alimentar e Nutricional.
A33	Os professores, das diferentes disciplinas e níveis de ensino, estão preparados para trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal.
A34	O professor não tem conhecimentos suficientes sobre alimentação e nutrição para trabalhar, como tema transversal, a temática alimentação saudável.
A36	Os professores se baseiam em seus próprios conhecimentos sobre alimentação para ensinar sobre

	a temática.
A44	Os professores se baseiam em suas experiências com alimentação para ensinar sobre a temática.
A47	Abordar o tema transversal 'Educação Alimentar e Nutricional consiste em trabalhar com os escolares o conteúdo alimentação saudável, em sala de aula.
A48	A 'pirâmide alimentar' é uma estratégia que pode ser utilizada para trabalhar a temática alimentação saudável em todas as modalidades da educação básica.
A49	Para modificar o hábito alimentar de alguém, basta que ela aprenda sobre os nutrientes que cada alimento contém.
A51	O ensino da alimentação saudável tem como objetivos construir a noção de alimentação saudável, favorecer a autonomia alimentar e melhorar a alimentação dos escolares.
A52	O ensino da alimentação saudável não ocorre somente dentro da sala de aula.
A53	Ações pontuais na escola, como as palestras, não são suficientes para melhorar a alimentação dos escolares.
A54	O ensino da alimentação saudável deve favorecer o consumo de alimentos naturais e desaconselhar o consumo de industrializados.
A55	O trabalho como o tema alimentação saudável no ambiente escolar ocorre de forma contextualizada com a realidade do aluno.
A56	As metodologias utilizadas pelos professores de ensino médio, na abordagem da temática alimentação saudável, apresentam abordagem investigativa, colocando o aluno como protagonista de sua aprendizagem.
A57	Os recursos materiais e estratégias utilizadas pelos professores, no ensino da temática alimentação saudável, são significativos para o aluno em seu processo de aprendizagem.
A58	Os alunos do ensino médio são interessados e demonstram-se predispostos a aprender sobre alimentação saudável.

Como estratégia para análise dos resultados, foi adotado o procedimento realizado por Scarparo (2017) em seu trabalho, baseado em Vian (2015), uma vez que este possibilita identificar para cada afirmativa proposta, por meio de um escore, a tendência das respostas dos entrevistados para a concordância ou a discordância com cada assertiva feita.

Para tanto, determinou-se para cada uma das alternativas de resposta um peso (P) diferente, sendo, respectivamente, para discordo totalmente (DT), discordo parcialmente (DP), não concordo nem discordo (NCND), concordo parcialmente (CP) e concordo totalmente (CT), os valores 1, 2, 3, 4 e 5.

Seguindo o procedimento do trabalho de Scarparo (2017), em seguida, foi aplicada uma fórmula, representada abaixo (figura 2), a fim de identificar o escore para cada assertiva. O escore final de cada afirmação é obtido a partir do somatório do escore de cada uma das cinco opções de resposta (DT-DP-NCND-CP-CT), que é alcançado pelo percentual de respostas (n° respostas da alternativa dividido pelo n° total de resposta) multiplicado pelo peso (P) pré-determinado para a alternativa.

ESCORE =	$\frac{\text{n}^\circ \text{ DT}}{\text{n}^\circ \text{ total}} \times P(1)$.	$\frac{\text{n}^\circ \text{ DP}}{\text{n}^\circ \text{ total}} \times P(2)$.	$\frac{\text{n}^\circ \text{ NCND}}{\text{n}^\circ \text{ total}} \times P(3)$.	$\frac{\text{n}^\circ \text{ CP}}{\text{n}^\circ \text{ total}} \times P(4)$.	$\frac{\text{n}^\circ \text{ CT}}{\text{n}^\circ \text{ total}} \times P(5)$
-----------------	--	---	--	---	--	---	--	---	--

Figura 2: Fórmula destinada à obtenção do escore final de cada afirmativa, elaborada a partir do trabalho de Vian (2015).

Para a interpretação dos resultados encontrados no escore (E), considera-se que uma afirmativa apresenta um escore alto quando o valor é maior ou igual a quatro, dado que indica evidências de concordância parcial ou total, enquanto um escore baixo, com valor menor ou igual a três, representa discordância total ou parcial com a afirmativa proposta. Portanto, quanto mais o valor do escore se aproximar de cinco, maior será a tendência dos participantes concordarem totalmente com a afirmação, e, conseqüentemente, quanto mais próximo o valor for de um, torna-se mais provável que os participantes discordem totalmente da proposição feita.

3.4.2. Etapa 2 – Grupo focal com escolares

Os áudios resultantes das gravações dos encontros de grupo focal foram transcritos integral e fielmente e analisadas, a partir de categorização temática, conforme os pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2011).

A Análise de Conteúdo (AC) é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (BARDIN, 1977) e “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento analógicos” (BARDIN, 2011).

Tendo em vista as regras de seleção do conteúdo de análise, faz-se necessário organizar o material para que se inicie a segunda etapa, na qual os dados foram codificados a partir das unidades de registro. Bardin (1977) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo.

Nessa fase, o texto advindo das transcrições dos encontros de grupo focal, foi recortado em unidades de registro que deram origem à primeira categorização. As

categorias iniciais foram agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultaram nas categorias finais. Essa categorização consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns (BARDIN, 2011).

A análise categorial foi temática, construindo as categorias conforme os temas que emergiram do texto. Para classificar os elementos em categorias foi preciso identificar o que eles tinham em comum, permitindo seu agrupamento. A última fase que compreendeu o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consistiu em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado.

Quanto a interpretação, a AC transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Assim, fez-se necessário certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. Jamais esquecendo, do rigor e da ética, que são fatores essenciais (FREITAS, CUNHA, & MOSCAROLA, 1997).

Na análise de conteúdo, seguiu-se as seguintes etapas:

- 1) Leitura geral do material coletado (entrevistas e documentos);
- 2) Codificação para formulação de categorias de análise.
- 3) Recorte do material, em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico;
- 4) Estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de registro (passagem de dados brutos para dados organizados). A formulação dessas categorias segue os princípios da exclusão mútua (entre categorias), da homogeneidade (dentro das categorias), da pertinência na mensagem transmitida (não distorção), da fertilidade (para as inferências) e da objetividade (compreensão e clareza);
- 5) agrupamento das unidades de registro em categorias comuns;
- 6) agrupamento progressivo das categorias (iniciais → intermediárias → finais);
- 7) inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico.

Fonte: SILVA & FOSSÁ, 2015

Cabe esclarecer que a análise considerou os aspectos qualitativos, as interpretações e percepções subjetivas, buscando identificar os significados que cada participante atribui à alimentação e a EAN no contexto escolar. Seguindo os

pressupostos acima descritos, o material foi organizado e analisado por etapas, sendo possível identificar, codificar e agrupar temas ou categorias com gerenciamento e, finalmente, análise e interpretação dos resultados obtidos.

Ressalta-se, ainda, que por questões éticas foram criados pseudônimos para cada um dos participantes, salvaguardando suas identidades.

3.5. Aspectos éticos

A realização das atividades que compõem esse estudo teve início após a submissão e aprovação do mesmo pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, através do parecer consubstanciado número 2.692.897 e da aprovação de seu adendo sob o parecer número 2.285.863, em 20 de setembro de 2017 (ANEXO I e II).

Na primeira etapa desse estudo, na coleta de dados por meio do questionário para professores, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE II) e as informações sobre a pesquisa estavam presentes no corpo da mensagem enviada por e-mail para cada participante convidado, dispostos no início do documento, a fim de informar os participantes sobre os objetivos e a relevância da pesquisa, o seu caráter voluntário, e aproveitar para solicitar o seu consentimento no uso das informações em trabalhos acadêmicos e divulgação no meio científico, garantindo o respeito ao anonimato, uma vez que não foi solicitada a identificação do participante. O envio do formulário respondido por meio do Google Drive confirmou o aceite em participar da pesquisa.

Já para a realização da segunda etapa, grupos focais com escolares, o projeto foi apresentado à direção da escola onde os encontros foram realizados e após a autorização e assinatura da Carta de Anuência pela diretora da mesma, realizou-se a apresentação do mesmo aos 48 escolares do terceiro ano do Ensino Médio, como todos demonstraram interesse, procedeu-se o sorteio dos escolares que participariam. Os escolares sorteados assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE IV) após a autorização dos pais ou responsáveis através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/Responsáveis (TCLE) (APÊNDICE III).

O consentimento está de acordo com as premissas da resolução 466 de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Por questões éticas, os dados dos participantes serão mantidos em sigilo. O retorno social da pesquisa ocorrerá sob a forma de divulgação dos resultados, por meio de publicação em periódicos, eventos e outros meios considerados pertinentes para que o conhecimento produzido seja validado e/ou refutado.

4. RESULTADOS

A seguir apresentaremos os resultados obtidos em cada etapa desse estudo, bem como os aspectos norteadores para propostas de intervenção didática no âmbito da Educação Alimentar e Nutricional, no contexto escolar.

4.1. Etapa 1 – Concepções dos professores acerca do ensino sobre alimentação adequada e saudável

Do total de 292 convites enviados por e-mail, houve retorno de 72 professores que acessaram o link e responderam ao questionário. No período de três meses, foram enviadas mensagens por e-mail com vistas à conscientização e sensibilização dos professores, da importância de sua participação nesta pesquisa. Após responderem ao questionário foi enviada uma nova mensagem agradecendo a participação. As respostas foram analisadas e resultaram nos dados descritos abaixo.

4.1.1. Perfil dos participantes:

Constatou-se que 50% (n=36) eram do sexo feminino, maioria (71%, n=50) com menos de 40 anos de idade, prevalecendo adultos maduros (30 a 40 anos).

Tabela 1: Perfil dos professores de Biologia matriculados no ProfBio, participantes deste estudo.

Aspecto	Número	%
Sexo		
Feminino	36	50
Masculino	36	50
Idade		
< 30	5	7
30 e < 40	46	64
40 e < 50	17	23,5
>50	4	5,5

Com relação à formação acadêmica, todos os participantes fizeram graduação em Ciências Biológicas e possuem habilitação do tipo licenciatura, sendo que 28% (n=20) possuem também bacharelado e 14% (n=10) informam ter cursado dois ou mais

curso diferentes. Esse perfil de formação, todos os participantes serem professores de Biologia, relaciona ao fato do requisito exigido para estar matriculado no Programa de Mestrado Profissional no Ensino de Biologia – ProfBio (Tabela 2).

Ao serem questionados sobre o tempo de formação na graduação, os participantes indicaram que tinham de três a 22 anos de formado, tempo médio de 12,3 anos, prevalecendo (acima de 40%) aqueles entre 11 e 15 anos (Tabela 2).

Tabela 2: Perfil de formação acadêmica dos participantes.

Formação – Graduação	Número	%
Ciências Biológicas	62	86
Ciências Biológicas e Educação Física	1	1,4
Ciências Biológicas e Enfermagem	2	2,8
Ciências Biológicas e Filosofia	1	1,4
Ciências Biológicas e Gestão em tecnologia da informação	1	1,4
Ciências Biológicas e Medicina Veterinária	1	1,4
Ciências Biológicas e Música	1	1,4
Ciências Biológicas e Pedagogia	3	4,2
Formação – Habilitação		
Licenciatura	52	72
Licenciatura e bacharelado	20	28
Tempo de formado na graduação *		
Menos de 5	4	5,6
De 5 a 10	20	27,8
De 11 a 15	29	41,6
De 16 a 20	16	22,2
Mais de 20	1	2,8

* Quando informado o ano de formação em mais de um curso, foi utilizado o ano de formação no primeiro curso de graduação.

Sobre a atuação na educação básica, 100% (n=72) dos participantes responderam que trabalham atualmente na modalidade Ensino Médio (requisito do ProfBio), sendo que destes 54,2% (n=39) trabalham ou trabalharam nas modalidades Ensino Médio, Fundamental e EJA. Todos atuam na rede pública de ensino e 58,2% (n=42) atuam também na rede particular. Com relação ao tempo de atuação na educação básica, observamos a variação de 2 a 23 anos de atuação, com média de 12,9 anos, sendo que 47,2% (n=34) atua a 10 anos ou mais (Tabela 3).

Tabela 3: Atuação dos professores participantes na docência na Educação Básica.

Modalidade de ensino	Número	%
Ensino Médio	13	18
Ensino Médio e Fundamental	12	16,7
Ensino Médio e EJA	2	2,8
Ensino Médio, Fundamental e EJA	39	54,2
Ensino Médio, Fundamental, EJA e Superior	6	8,3

Rede de ensino		
Pública	30	41,7
Pública e particular	42	58,3
Tempo de atuação		
Até 5 anos	9	12,5
De 6 a 10 anos	21	29,2
De 11 a 15 anos	17	23,6
16 a 20 anos	17	23,6
Mais de 20 anos	8	11,1

4.1.3. Categorias de análise:

Para facilitar a visualização e interpretação dos resultados encontrados, os dados foram representados em tabelas, contendo o percentual de resposta e o Escore para cada afirmativa do questionário, e quando pertinente em gráficos. Cada afirmativa foi representada pela letra A e por um número que indica a ordem que ela aparece no questionário.

4.1.4. Análise das afirmativas – geral das concepções dos participantes sobre o ensino da temática alimentação adequada e saudável

A tabela 04 apresenta o quantitativo de respostas, número (n) e percentual (%), para as cinco opções referentes ao grau de concordância, e o Escore de cada afirmativa proposta acerca da temática em tela.

Tabela 4 - Grau de concordância, discordância dos professores e Escore das afirmações relacionadas ao ensino da temática alimentação adequada e saudável no ambiente escolar.

AFIRMATIVAS	DT n/%	DP n/%	NCND n/%	CP n/%	CT n/%	ESCORE
A1 A escola é um local adequado para auxiliar a criança a desenvolver hábitos alimentares saudáveis	0 0%	1 1,4%	0 0%	20 27,8%	51 70,8%	4,68
A2 A escola é um local adequado para a criança aprender sobre alimentação saudável.	0 0%	0 0%	1 1,4%	8 11,1%	63 87,5%	4,86
A3 Ensinar aos escolares quais são os alimentos que compõem uma alimentação saudável é uma das funções da escola.	0 0%	0 0%	1 1,4%	19 26,4%	52 72,2%	4,7
A4 Alimentação na escola tem uma função pedagógica.	2 2,8%	0 0%	1 1,4%	19 26,4%	50 69,4%	4,59
A5 A alimentação escolar gratuita é um direito de todos os estudantes da Educação Básica, de escolas públicas.	0 0%	0 0%	0 0%	3 4,2%	69 95,8%	4,79
A6 Deveria ser proibida a existência de bares e cantinas nas escolas.	13 18,1%	22 30,6%	3 4,2%	22 30,6%	12 16,7%	2,97

A7	A existência de bares e cantinas nas escolas deveria ser condicionada à venda de alimentos saudáveis	2 2,8%	1 1,4%	3 4,2%	17 23,6%	49 68,1%	4,5
A8	Os escolares não comprariam alimentos e bebidas em bares e cantinas caso esses comercializassem apenas produtos saudáveis.	21 29,2%	19 26,4%	4 5,6%	23 31,9%	5 6,9%	2,6
A9	Os escolares tem interesse em atividades que envolvem a temática alimentação saudável.	0 0%	7 9,7%	4 5,6%	37 51,4%	24 33,3%	4,08
A10	Os escolares não reconhecem a importância de ter uma boa alimentação	7 9,7%	22 36,6%	4 5,6%	34 47,2%	5 6,9%	3
A11	Os escolares tem uma alimentação adequada em casa.	11 15,3%	39 54,2%	16 22,2%	6 8,3%	0 0%	2,23
A12	Os escolares tem uma alimentação adequada na escola.	4 5,6%	26 36,1%	5 6,9%	32 44,4%	5 6,9%	3
A13	Os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis.	0 0%	32 44,4%	6 8,3%	32 44,4%	2 2,8%	3
A14	É papel dos pais e não dos professores ensinar as crianças a terem uma boa alimentação.	13 18,1%	32 44,4%	1 1,4%	21 29,2%	5 6,9%	2,62
A15	Informações sobre alimentação saudável influenciam nas escolhas alimentares.	0 0%	4 5,6%	1 1,4%	30 41,7%	37 51,4%	4,38
A16	Muitos profissionais da área da educação consideram importante a temática alimentação, entretanto não trabalham por causa da falta de tempo, pela sobrecarga de trabalho, pela falta de conhecimento específico e/ou por não conseguir articular o tema com os conteúdos de suas disciplinas.	2 2,8%	9 12,5%	5 6,9%	34 47,2%	22 30,6%	3,9
A17	Trabalhar o tema alimentação saudável no ambiente escolar, não irá modificar os hábitos alimentares dos escolares.	21 29,2%	35 48,6	1 1,4%	15 20,8%	0 0%	2,14
A18	Em função dos conteúdos curriculares, o tema alimentação saudável deve ser trabalhado, preferencialmente, nas disciplinas de Ciências Biológicas e de Educação Física.	14 19,4%	22 30,6%	2 2,8%	31 43,1	3 4,2%	2,8
A19	O tema alimentação saudável deve ser trabalhado de forma transdisciplinar nas disciplinas que compõem o currículo.	0 0%	4 5,6%	0 0%	16 22,2%	52 72,2%	4,6
A20	O tema alimentação saudável é um tema transversal e interdisciplinar, pois nenhuma área do conhecimento isoladamente tem condições suficientes para explicá-la.	6 8,3%	12 16,7%	4 5,6%	25 34,7%	25 34,7%	3,7
A21	O tema alimentação saudável constitui uma possibilidade para efetivar a articulação e integração das áreas do conhecimento na organização do currículo escolar.	0 0%	2 2,8%	2 2,8%	13 18,1%	55 76,4%	4,68
A22	Em função do excesso de conteúdos programados para serem abordados durante o ano letivo, não é possível trabalhar a temática da alimentação saudável como tema transversal.	21 29,2%	29 40,3%	1 1,4%	18 25%	3 4,2%	2,35
A23	A temática da alimentação saudável deve ser trabalhada na escola, preferencialmente, pelo nutricionista.	26 36,1%	34 47,2%	4 5,6%	7 9,7%	1 1,4%	1,88
A24	Deve existir uma disciplina específica para trabalhar a temática alimentação saudável com os escolares.	41 56,9%	13 18,1%	5 6,9%	10 13,9%	3 4,2%	1,9
A25	Para que os escolares aprendam sobre alimentação saudável, não é suficiente trabalhar a temática de forma transversal e interdisciplinar.	18 25%	20 27,8%	4 5,6%	24 33,3%	6 8,3%	2,7
A26	A temática da alimentação saudável deve ser trabalhada na educação integral, no turno inverso, em oficinas específicas.	20 27,8%	18 25%	9 12,5%	21 29,2%	4 5,6%	2,59
A27	Em função dos hábitos alimentares serem formados nos anos iniciais da infância, os professores da Educação Infantil são os mais indicados para trabalhar a temática alimentação saudável.	10 13,9%	15 20,8%	6 8,3%	36 50%	5 6,9%	3,15

A28	Os professores devem ter acesso a livros e manuais sobre alimentação, contendo sugestões de atividades para trabalhar o conteúdo em sala de aula.	1 1,4%	1 1,4%	2 2,8%	16 22,2	52 72,2%	4,6
A29	O livro didático de Biologia é uma boa fonte de consulta sobre a temática da alimentação.	7 9,7%	33 45,8%	2 2,8%	27 37,5%	3 4,2%	2,8
A30	A temática alimentação saudável deveria ser tratada pelo professor com o auxílio técnico do nutricionista.	7 9,7%	9 12,5%	4 5,6%	32 44,4%	20 27,8%	3,68
A31	É recomendável que o Ministério da Educação defina, para cada área do conhecimento ou disciplina, o conteúdo sobre alimentação a ser abordado pelo professor.	21 29,2%	16 22,2%	10 13,9%	21 29,2%	4 5,6%	2,59
A32	Como as Diretrizes Curriculares Nacionais reúnem princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as propostas curriculares das escolas, deveria ser criada uma diretriz específica para a Educação Alimentar e Nutricional.	7 9,7%	9 12,5%	12 16,7%	27 37,5%	17 23,6%	3,5
A33	Os professores, das diferentes disciplinas do ensino médio, estão preparados para trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal.	20 27,8%	34 47,2%	3 4,2%	14 19,4%	1 1,4%	2,19
A34	O professor não tem conhecimentos suficientes sobre alimentação e nutrição para trabalhar, como tema transversal, a temática alimentação saudável.	4 5,6%	29 40,3%	6 8,3%	28 38,9%	5 6,9%	3
A35	Em função do excesso de informações disponíveis, atualmente, para a maioria dos professores não é claro o que significa o conceito alimentação saudável.	9 12,5%	21 29,2%	7 9,7%	28 38,9%	7 9,7%	3
A36	Os professores se baseiam em seus próprios conhecimentos sobre alimentação para ensinar essa temática.	6 8,3%	17 23,6%	6 8,3%	37 51,4%	6 8,3%	3,27
A37	As atitudes do professor com relação à alimentação no ambiente escolar influenciam na alimentação dos seus alunos.	9 12,5%	12 16,7%	9 12,5%	32 44,4%	10 13,9%	3,3
A38	Deveria existir no currículo dos cursos de licenciaturas, das diferentes áreas, uma disciplina que abordasse e discutisse o conceito “alimentação saudável”.	7 9,7%	6 8,3%	10 13,9%	20 27,8%	29 40,3%	3,8
A39	Há necessidade de oferta de cursos de especialização para professores sobre o tema alimentação saudável.	5 6,9%	7 9,7%	9 12,5%	13 18,1%	38 52,8%	4
A40	Os professores devem consumir na escola somente alimentos saudáveis.	5 6,9%	13 18,1%	9 12,5%	29 40,3%	16 22,2%	3,5
A41	Os professores são os profissionais mais indicados para trabalhar o tema alimentação com crianças e adolescentes.	4 5,6%	14 19,4%	3 4,2%	42 58,3%	9 12,5%	3,52
A42	Os professores não se acham aptos para assumir o papel de educadores no campo da alimentação quando julgam que seus hábitos alimentares são incorretos.	6 8,3%	16 22,2%	14 19,4%	28 38,9%	8 11,1%	3,2
A43	Muitos alunos vão para a escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia.	0 0%	1 1,4%	5 6,9%	21 29,2%	45 62,5%	4,5
A44	Os professores se baseiam em suas experiências com alimentação para ensinar sobre a temática.	0 0%	15 20,8%	7 9,7%	40 55,6%	10 13,9%	3,6
A45	A alimentação fornecida nas escolas públicas tem como um de seus objetivos auxiliar a formação de hábitos alimentares saudáveis.	12 16,7%	14 19,4%	5 6,9%	27 37,5%	14 19,4%	3,23
A46	O tipo de alimento ofertado na escola, seja na alimentação escolar pública e/ou no bar/cantina/lanchonete, influencia os hábitos alimentares dos escolares.	1 1,4%	6 8,3%	4 5,6%	29 40,3%	32 44,4%	4,18
A47	Abordar o tema transversal “Educação Alimentar e Nutricional” consiste em trabalhar	6 8,3%	9 12,5%	3 4,2%	28 38,9%	26 36,1%	3,8

	com os escolares o conteúdo de alimentação saudável em sala de aula.						
A48	A “pirâmide alimentar” é uma estratégia que pode ser utilizada para trabalhar a temática alimentação saudável em todas as modalidades de educação.	0 0%	10 13,9%	2 2,8%	38 52,8%	22 30,6%	4
A49	Para modificar o hábito alimentar de uma pessoa, basta que ela aprenda sobre os nutrientes que cada alimento contém.	47 65,3%	22 30,6%	1 1,4%	1 1,4%	1 1,4%	1,43
A50	A alimentação da criança é reflexo da alimentação dos adultos com quem ela convive	0 0%	4 5,6%	1 1,4%	28 38,9%	39 54,2%	4,4
A51	O ensino da alimentação saudável tem como objetivo construir a noção de alimentação saudável, fornecer a autonomia alimentar e melhorar a alimentação dos escolares.	0 0%	0 0%	0 0%	26 36,1%	46 63,9%	4,6
A52	O ensino da alimentação saudável não ocorre somente dentro da sala de aula.	1 1,4%	0 0%	0 0%	4 5,6%	67 93,1%	4,88
A53	Ações pontuais na escola, como palestras, não são suficientes para melhorar a alimentação dos escolares.	1 1,4%	7 9,7%	0 0%	23 31,9%	41 56,9%	4,33
A54	O ensino da alimentação saudável deve favorecer o consumo de alimentos naturais e desaconselhar o consumo de industrializados.	2 2,8%	6 8,3%	1 1,4%	29 40,3%	34 47,2%	4,2
A55	O trabalho com o tema alimentação saudável no ambiente escolar ocorre de forma contextualizada com a realidade do aluno.	6 8,3%	25 34,7%	8 11,1%	17 23,6%	16 22,2%	3,16
A56	As metodologias utilizadas pelos professores de EM, na abordagem da temática alimentação saudável, apresentam abordagem investigativa, colocando o aluno como protagonista de sua aprendizagem.	10 13,9%	26 36,1%	12 16,7%	17 23,6%	7 9,7%	2,79
A57	Os recursos materiais e estratégias utilizadas pelos professores, no ensino da temática alimentação saudável, são significativos para o aluno em seu processo de aprendizagem.	4 5,6%	19 26,4%	10 13,9%	27 37,5%	12 16,7%	3,3
A58	Os alunos do ensino médio são interessados e demonstram-se predispostos a aprender sobre alimentação saudável.	5 6,9%	16 22,2%	4 5,6%	41 56,9%	6 8,3%	3,37

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (n° respostas/n° total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

O gráfico 1, elaborado a partir das informações apresentadas na Tabela 4, considera apenas os escores obtidos para as afirmativas propostas e nos permite perceber que 19 afirmativas (32,7%) tiveram valor de escore maior ou igual a quatro, dado que indica evidências de elevada concordância com as afirmativas que versam sobre a importância da escola e da alimentação escolar no ensino da promoção da alimentação adequada e saudável (A52 – E4,88; A2 – E4,86; A5 – E4,79,).

Verifica-se, ainda, que outras 19 afirmativas (32,7%) tiveram valor de escore menor ou igual a três, evidenciando discordância (total ou parcial). As afirmativas com maior percentual de discordância sinalizam que o professor é um ator fundamental nas atividades de EAN e que elas devem além de informar, gerar reflexões nos escolares

com vistas à mudança de comportamentos e hábitos alimentares (A49 - E1,43; A23 - E1,88; A24 - E1,9).

Cabe, no entanto, observar que das 58 assertivas propostas, 38 delas (65,5%) apresentaram, seja por concordância ($E \geq 4$) ou discordância ($E \leq 3$), uma convergência nas opiniões dos professores. Isso indica que a maioria deles ou concorda ou discorda, total ou parcialmente, com o conteúdo da afirmativa. Vale ressaltar que participaram dessa pesquisa professores de escolas públicas de várias regiões do Brasil, provavelmente inseridos em realidades diversas, porém com concepções a cerca da alimentação adequada e saudável no ambiente escolar estabelecidas.

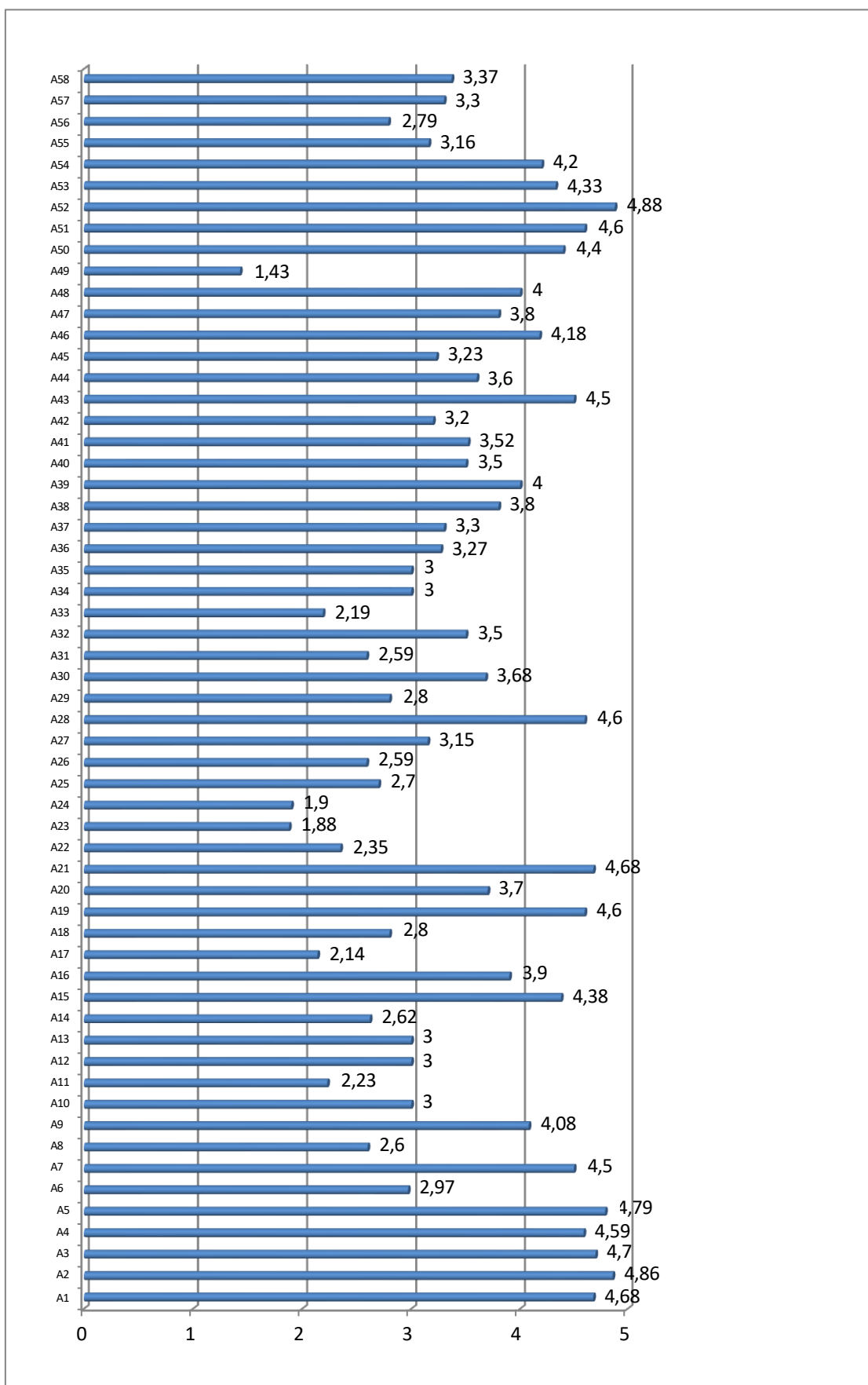


Gráfico 1: Representação do escore obtido (eixo x) para cada uma das afirmações (eixo y) relacionadas ao ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar.

A seguir são apresentados os resultados por categorias temáticas (descritas na metodologia), ressaltando o grau de concordância e discordância e o escore de cada afirmativa que as compõem.

Observa-se que na categoria 1, relativa à alimentação no ambiente escolar, a maioria das afirmativas apresentou escore elevado ($E \geq 4$), indicando maior grau de concordância dos professores com seus conteúdos, especialmente quanto a escola como cenário favorável para promoção da alimentação adequada e saudável; AE como direito social e estratégia pedagógica; e ações de EAN coletivas como dever da escola. As afirmativas com discordâncias ($E \leq 3$) foram quanto à proibição de bares e cantinas nas escolas, pois acreditam que os escolares comprariam alimentos e bebidas saudáveis, que deveriam ser exigidos para estes estabelecimentos (A8 – E2,6; A6 – E2,97).

Tabela 5: Apuração do grau de concordância/discordância dos professores e escores relativos às afirmações relacionadas ao ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar (Categoria 1).

AFIRMATIVAS	DT n/%	DP n/%	NCND n/%	CP n/%	CT n/%	ESCORE
A1 A escola é um local adequado para auxiliar a criança a desenvolver hábitos alimentares saudáveis	0 0%	1 1,4%	0 0%	20 27,8%	51 70,8%	4,68
A2 A escola é um local adequado para a criança aprender sobre alimentação saudável.	0 0%	0 0%	1 1,4%	8 11,1%	63 87,5%	4,86
A3 Ensinar aos escolares quais são os alimentos que compõem uma alimentação saudável é uma das funções da escola.	0 0%	0 0%	1 1,4%	19 26,4%	52 72,2%	4,7
A4 Alimentação na escola tem uma função pedagógica.	2 2,8%	0 0%	1 1,4%	19 26,4%	50 69,4%	4,59
A5 A AE gratuita é um direito de todos os estudantes da Educação Básica, de escolas públicas.	0 0%	0 0%	0 0%	3 4,2%	69 95,8%	4,79
A6 Deveria ser proibida a existência de bares e cantinas nas escolas.	13 18,1%	22 30,6%	3 4,2%	22 30,6%	12 16,7%	2,97
A7 A existência de bares e cantinas nas escolas deveria ser condicionada à venda de alimentos saudáveis	2 2,8%	1 1,4%	3 4,2%	17 23,6%	49 68,1%	4,5
A8 Os escolares não comprariam alimentos e bebidas em bares e cantinas caso esses comercializassem apenas produtos saudáveis.	21 29,2%	19 26,4%	4 5,6%	23 31,9%	5 6,9%	2,6
A37 As atitudes do professor com relação à alimentação no ambiente escolar influenciam na alimentação dos seus alunos.	9 12,5%	12 16,7%	9 12,5%	32 44,4%	10 13,9%	3,3
A40 Os professores devem consumir na escola somente alimentos saudáveis.	5 6,9%	13 18,1%	9 12,5%	29 40,3%	16 22,2%	3,5
A43 Muitos alunos vão para a escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia.	0 0%	1 1,4%	5 6,9%	21 29,2%	45 62,5%	4,5
A45 A alimentação fornecida nas escolas públicas tem como um de seus objetivos auxiliar a formação de hábitos alimentares saudáveis.	12 16,7%	14 19,4%	5 6,9%	27 37,5%	14 19,4%	3,23
A46 O tipo de alimento ofertado na escola, seja na alimentação escolar pública e/ou no bar/cantina/lanchonete, influencia os hábitos alimentares dos escolares.	1 1,4%	6 8,3%	4 5,6%	29 40,3%	32 44,4%	4,18
A50 A alimentação da criança é reflexo da alimentação dos adultos com quem ela convive	0 0%	4 5,6%	1 1,4%	28 38,9%	39 54,2%	4,4

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (nº respostas/nº total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

Na categoria 2, referente à alimentação e às atitudes alimentares dos escolares, observamos a presença de duas afirmativas com ao alto grau de concordância entre os participantes ($E \geq 4$), em relação ao reconhecimento da merenda ofertada pela escola como um atrativo e ao mesmo tempo uma necessidade, principalmente para aqueles que vão à escola literalmente para se alimentarem e, ao mesmo tempo, reconhecem o envolvimento dos escolares em atividades de EAN (A43 – E4,5; A9 – E4,08).

Em contrapartida cabe destacar dois itens referentes à adequação da alimentação dos escolares, apresentaram escore relativamente baixo ($E \leq 3$), ambos relacionados à inadequação da alimentação dos escolares em casa e na escola (A11 – E2,23; A12 – E3).

Tabela 6: Apuração do grau de concordância/discordância dos professores e escores sobre as afirmações relacionadas às atitudes alimentares dos escolares. (Categoria 2)

AFIRMATIVAS		DT	DP	NCND	CP	CT	ESCORE
		n/%	n/%	n/%	n/%	n/%	
A8	Os escolares não comprariam alimentos e bebidas em bares e cantinas caso esses comercializassem apenas produtos saudáveis.	21 29,2%	19 26,4%	4 5,6%	23 31,9%	5 6,9%	2,6
A9	Os escolares tem interesse em atividades que envolvem a temática alimentação saudável.	0 0%	7 9,7%	4 5,6%	37 51,4%	24 33,3%	4,08
A10	Os escolares não reconhecem a importância de ter uma boa alimentação	7 9,7%	22 36,6%	4 5,6%	34 47,2%	5 6,9%	3
A11	Os escolares tem uma alimentação adequada em casa.	11 15,3%	39 54,2%	16 22,2%	6 8,3%	0 0%	2,23
A12	Os escolares tem uma alimentação adequada na escola.	4 5,6%	26 36,1%	5 6,9%	32 44,4%	5 6,9%	3
A13	Os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis.	0 0%	32 44,4%	6 8,3%	32 44,4%	2 2,8%	3
A43	Muitos alunos vão para a escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia.	0 0%	1 1,4%	5 6,9%	21 29,2%	45 62,5%	4,5

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (n° respostas/ n° total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

Na categoria 3, assertivas que fazem referência aos hábitos e escolhas alimentares dos escolares, observamos a afirmativa com o menor escore entre todas propostas pelo estudo, onde os participantes acreditam que a modificação dos hábitos alimentares depende de outros fatores além do conhecimento dos nutrientes presentes nos alimentos (A49 – E1,43). Cabe destacar que os participantes consideram a escola como promotora de hábitos saudáveis de alimentação para os escolares e que esses hábitos são formados a partir do convívio com outras pessoas, principalmente adultos, no caso da escola, os professores, fato observado pelo alto grau de concordância dos participantes (AA2 – E4,86; A50 – E4,4).

Tabela 07: Apuração do grau de concordância/ discordância dos professores e escores, sobre as afirmações relacionadas aos hábitos e escolhas alimentares dos escolares. (Categoria 3)

AFIRMATIVAS	DT n/%	DP n/%	NCND n/%	CP n/%	CT n/%	ESCOR E
A1 A escola é um local adequado para auxiliar a criança a desenvolver hábitos alimentares saudáveis	0 0%	1 1,4%	0 0%	20 27,8%	51 70,8%	4,68
A8 Os escolares não comprariam alimentos e bebidas em bares e cantinas caso esses comercializassem apenas produtos saudáveis.	21 29,2%	19 26,4%	4 5,6%	23 31,9%	5 6,9%	2,6
A11 Os escolares tem uma alimentação adequada em casa.	11 15,3%	39 54,2%	16 22,2%	6 8,3%	0 0%	2,23
A12 Os escolares tem uma alimentação adequada na escola.	4 5,6%	26 36,1%	5 6,9%	32 44,4%	5 6,9%	3
A13 Os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis.	0 0%	32 44,4%	6 8,3%	32 44,4%	2 2,8%	3
A15 Informações sobre alimentação saudável influenciam nas escolhas alimentares.	0 0%	4 5,6%	1 1,4%	30 41,7%	37 51,4%	4,38
A17 Trabalhar o tema alimentação saudável no ambiente escolar, não irá modificar os hábitos alimentares dos escolares.	21 29,2%	35 48,6	1 1,4%	15 20,8%	0 0%	2,14
A27 Em função dos hábitos alimentares serem formados nos anos iniciais da infância, os professores da Educação Infantil são os mais indicados para trabalhar a temática alimentação saudável.	10 13,9%	15 20,8%	6 8,3%	36 50%	5 6,9%	3,15
A37 As atitudes do professor com relação à alimentação no ambiente escolar influenciam na alimentação dos seus alunos.	9 12,5%	12 16,7%	9 12,5%	32 44,4%	10 13,9%	3,3
A42 Os professores não se acham aptos para assumir o papel de educadores no campo da alimentação quando julgam que seus hábitos alimentares são incorretos.	6 8,3%	16 22,2%	14 19,4%	28 38,9%	8 11,1%	3,2
A45 A alimentação fornecida nas escolas públicas tem como um de seus objetivos auxiliar a formação de hábitos alimentares saudáveis.	12 16,7%	14 19,4%	5 6,9%	27 37,5%	14 19,4%	3,23
A46 O tipo de alimento ofertado na escola, seja na alimentação escolar pública e/ou no bar/cantina/lanchonete, influencia os hábitos alimentares dos escolares.	1 1,4%	6 8,3%	4 5,6%	29 40,3%	32 44,4%	4,18
A49 Para modificar o hábito alimentar de uma pessoa, basta que ela aprenda sobre os nutrientes que cada alimento contém.	47 65,3%	22 30,6%	1 1,4%	1 1,4%	1 1,4%	1,43
A50 A alimentação da criança é reflexo da alimentação dos adultos com quem ela convive	0 0%	4 5,6%	1 1,4%	28 38,9%	39 54,2%	4,4

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (nº respostas/nº total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

Na categoria 4 estão reunidas as afirmativas referentes à responsabilidade pelo ensino dos temas relativos à alimentação, destacando as assertivas nas quais os professores reconhecem o papel da escola no processo de ensino-aprendizagem das questões referentes à alimentação e a necessidade do tratamento transversal do assunto dentro das disciplinas pelo professor, sendo o nutricionista auxiliar técnico nessa dinâmica.

Tabela 8: Apuração do grau de concordância /discordância dos professores e escores, sobre as afirmações relacionadas à responsabilidade pelo ensino dos temas relativos à alimentação (Categoria 4)

AFIRMATIVAS	DT n/%	DP n/%	NCND n/%	CP n/%	CT n/%	ESCORE
A2 A escola é um local adequado para a criança aprender sobre alimentação saudável.	0 0%	0 0%	1 1,4%	8 11,1%	63 87,5%	4,86
A14 É papel dos pais e não dos professores ensinar as crianças a terem uma boa alimentação.	13 18,1%	32 44,4%	1 1,4%	21 29,2%	5 6,9%	2,62
A18 Em função dos conteúdos curriculares, o tema alimentação saudável deve ser trabalhado, preferencialmente, nas disciplinas de Ciências Biológicas e de Educação Física.	14 19,4%	22 30,6%	2 2,8%	31 43,1	3 4,2%	2,8
A19 O tema alimentação saudável deve ser trabalhado de forma transdisciplinar nas disciplinas que compõem o currículo.	0 0%	4 5,6%	0 0%	16 22,2%	52 72,2%	4,6
A20 O tema alimentação saudável é um tema transversal e interdisciplinar, pois nenhuma área do conhecimento isoladamente tem condições suficientes para explicá-la.	6 8,3%	12 16,7%	4 5,6%	25 34,7%	25 34,7%	3,7
A23 A temática da alimentação saudável deve ser trabalhada na escola, preferencialmente, pelo nutricionista.	26 36,1%	34 47,2%	4 5,6%	7 9,7%	1 1,4%	1,88
A24 Deve existir uma disciplina específica para trabalhar a temática alimentação saudável com os escolares.	41 56,9%	13 18,1%	5 6,9%	10 13,9%	3 4,2%	1,9
A26 A temática da alimentação saudável deve ser trabalhada na educação integral, no turno inverso, em oficinas específicas.	20 27,8%	18 25%	9 12,5%	21 29,2%	4 5,6%	2,59
A27 Em função dos hábitos alimentares serem formados nos anos iniciais da infância, os professores da Educação Infantil são os mais indicados para trabalhar a temática alimentação saudável.	10 13,9%	15 20,8%	6 8,3%	36 50%	5 6,9%	3,15
A30 A temática alimentação saudável deveria ser tratada pelo professor com o auxílio técnico do nutricionista.	7 9,7%	9 12,5%	4 5,6%	32 44,4%	20 27,8%	3,68
A41 Os professores são os profissionais mais indicados para trabalhar o tema alimentação com crianças e adolescentes.	4 5,6%	14 19,4%	3 4,2%	42 58,3%	9 12,5%	3,52

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (n° respostas/n° total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

Na categoria 5 verificamos que as afirmativas com referem-se à necessidade de acesso pelos professores a materiais sobre a alimentação e ao provimento de cursos formação continuada (especializações) para melhorar o trabalho de EAN, a isso soma-se a concepção de que os professores não estão preparados para trabalhar a EAN.

Tabela 09: Apuração do grau de concordância/ discordância dos professores e escores, sobre as afirmações relacionadas à atuação dos professores. (Categoria 5)

AFIRMATIVAS	DT n/%	DP n/%	NCND n/%	CP n/%	CT n/%	ESCORE
A16 Muitos profissionais da área da educação consideram importante a temática alimentação, entretanto não trabalham por causa da falta de tempo, pela sobrecarga de trabalho, pela falta de conhecimento específico e/ou	2 2,8%	9 12,5%	5 6,9%	34 47,2%	22 30,6%	3,9

	por não conseguir articular o tema com os conteúdos de suas disciplinas.						
A28	Os professores devem ter acesso a livros e manuais sobre alimentação, contendo sugestões de atividades para trabalhar o conteúdo em sala de aula.	1 1,4%	1 1,4%	2 2,8%	16 22,2	52 72,2%	4,6
A30	A temática alimentação saudável deveria ser tratada pelo professor com o auxílio técnico do nutricionista.	7 9,7%	9 12,5%	4 5,6%	32 44,4%	20 27,8%	3,68
A33	Os professores, das diferentes disciplinas do ensino médio, estão preparados para trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal.	20 27,8%	34 47,2%	3 4,2%	14 19,4%	1 1,4%	2,19
A34	O professor não tem conhecimentos suficientes sobre alimentação e nutrição para trabalhar, como tema transversal, a temática alimentação saudável.	4 5,6%	29 40,3%	6 8,3%	28 38,9%	5 6,9%	3
A35	Em função do excesso de informações disponíveis, atualmente, para a maioria dos professores não é claro o que significa o conceito alimentação saudável.	9 12,5%	21 29,2%	7 9,7%	28 38,9%	7 9,7%	3
A36	Os professores se baseiam em seus próprios conhecimentos sobre alimentação para ensinar essa temática.	6 8,3%	17 23,6%	6 8,3%	37 51,4%	6 8,3%	3,27
A37	As atitudes do professor com relação à alimentação no ambiente escolar influenciam na alimentação dos seus alunos.	9 12,5%	12 16,7%	9 12,5%	32 44,4%	10 13,9%	3,3
A38	Deveria existir no currículo dos cursos de licenciaturas, das diferentes áreas, uma disciplina que abordasse e discutisse o conceito “alimentação saudável”.	7 9,7%	6 8,3%	10 13,9%	20 27,8%	29 40,3%	3,8
A39	Há necessidade de oferta de cursos de especialização para professores sobre o tema alimentação saudável.	5 6,9%	7 9,7%	9 12,5%	13 18,1%	38 52,8%	4
A40	Os professores devem consumir na escola somente alimentos saudáveis.	5 6,9%	13 18,1%	9 12,5%	29 40,3%	16 22,2%	3,5
A41	Os professores são os profissionais mais indicados para trabalhar o tema alimentação com crianças e adolescentes.	4 5,6%	14 19,4%	3 4,2%	42 58,3%	9 12,5%	3,52
A42	Os professores não se acham aptos para assumir o papel de educadores no campo da alimentação quando julgam que seus hábitos alimentares são incorretos.	6 8,3%	16 22,2%	14 19,4%	28 38,9%	8 11,1%	3,2
A44	Os professores se baseiam em suas experiências com alimentação para ensinar sobre a temática.	0 0%	15 20,8%	7 9,7%	40 55,6%	10 13,9%	3,6

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (nº respostas/nº total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

A categoria 6 traz afirmativas referentes ao ensino da alimentação adequada e saudável, que direcionam para o reconhecimento de que as ações de EAN devem ocorrer de forma integrada e interdisciplinar no ambiente escolar, ultrapassando os limites da sala de aula e fornecendo meios para que o conhecimento gere reflexão como possibilidades para as mudanças de hábitos alimentares.

Tabela 10: Apuração do grau de concordância/ discordância dos professores e escores sobre as afirmações relacionadas às variáveis relativas ao ensino da alimentação adequada e saudável. (Categoria 6)

AFIRMATIVAS		DT n/%	DP n/%	NCND n/%	CP n/%	CT n/%	ESCO- RE
A3	Ensinar aos escolares quais são os alimentos que compõem uma alimentação saudável é uma das funções da escola.	0 0%	0 0%	1 1,4%	19 26,4%	52 72,2%	4,7
A17	Trabalhar o tema alimentação saudável no ambiente	21	35	1	15	0	2,14

	escolar, não irá modificar os hábitos alimentares dos escolares.	29,2%	48,6	1,4%	20,8%	0%	
A19	O tema alimentação saudável deve ser trabalhado de forma transdisciplinar nas disciplinas que compõem o currículo.	0 0%	4 5,6%	0 0%	16 22,2%	52 72,2%	4,6
A20	O tema alimentação saudável é um tema transversal e interdisciplinar, pois nenhuma área do conhecimento isoladamente tem condições suficientes para explicá-la.	6 8,3%	12 16,7%	4 5,6%	25 34,7%	25 34,7%	3,7
A21	O tema alimentação saudável constitui uma possibilidade para efetivar a articulação e integração das áreas do conhecimento na organização do currículo escolar.	0 0%	2 2,8%	2 2,8%	13 18,1%	55 76,4%	4,68
A22	Em função do excesso de conteúdos programados para serem abordados durante o ano letivo, não é possível trabalhar a temática da alimentação saudável como tema transversal.	21 29,2%	29 40,3%	1 1,4%	18 25%	3 4,2%	2,35
A24	Deve existir uma disciplina específica para trabalhar a temática alimentação saudável com os escolares.	41 56,9%	13 18,1%	5 6,9%	10 13,9%	3 4,2%	1,9
A25	Para que os escolares aprendam sobre alimentação saudável, não é suficiente trabalhar a temática de forma transversal e interdisciplinar.	18 25%	20 27,8%	4 5,6%	24 33,3%	6 8,3%	2,7
A28	Os professores devem ter acesso a livros e manuais sobre alimentação, contendo sugestões de atividades para trabalhar o conteúdo em sala de aula.	1 1,4%	1 1,4%	2 2,8%	16 22,2	52 72,2%	4,6
A29	O livro didático de Biologia é uma boa fonte de consulta sobre a temática da alimentação.	7 9,7%	33 45,8%	2 2,8%	27 37,5%	3 4,2%	2,8
A31	É recomendável que o Ministério da Educação defina, para cada área do conhecimento ou disciplina, o conteúdo sobre alimentação a ser abordado pelo professor.	21 29,2%	16 22,2%	10 13,9%	21 29,2%	4 5,6%	2,59
A32	Como as Diretrizes Curriculares Nacionais reúnem princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as propostas curriculares das escolas, deveria ser criada uma diretriz específica para a Educação Alimentar e Nutricional.	7 9,7%	9 12,5%	12 16,7%	27 37,5%	17 23,6%	3,5
A33	Os professores, das diferentes disciplinas do ensino médio, estão preparados para trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal.	20 27,8%	34 47,2%	3 4,2%	14 19,4%	1 1,4%	2,19
A34	O professor não tem conhecimentos suficientes sobre alimentação e nutrição para trabalhar, como tema transversal, a temática alimentação saudável.	4 5,6%	29 40,3%	6 8,3%	28 38,9%	5 6,9%	3
A36	Os professores se baseiam em seus próprios conhecimentos sobre alimentação para ensinar essa temática.	6 8,3%	17 23,6%	6 8,3%	37 51,4%	6 8,3%	3,27
A44	Os professores se baseiam em suas experiências com alimentação para ensinar sobre a temática.	0 0%	15 20,8%	7 9,7%	40 55,6%	10 13,9%	3,6
A47	Abordar o tema transversal “Educação Alimentar e Nutricional” consiste em trabalhar com os escolares o conteúdo de alimentação saudável em sala de aula.	6 8,3%	9 12,5%	3 4,2%	28 38,9%	26 36,1%	3,8
A48	A “pirâmide alimentar” é uma estratégia que pode ser utilizada para trabalhar a temática alimentação saudável em todas as modalidades de educação básica.	0 0%	10 13,9%	2 2,8%	38 52,8%	22 30,6%	4
A49	Para modificar o hábito alimentar de uma pessoa, basta que ela aprenda sobre os nutrientes que cada alimento contém.	47 65,3%	22 30,6%	1 1,4%	1 1,4%	1 1,4%	1,43
A51	O ensino da alimentação saudável tem como objetivo construir a noção de alimentação saudável, fornecer a autonomia alimentar e melhorar a alimentação dos escolares.	0 0%	0 0%	0 0%	26 36,1%	46 63,9%	4,6
A52	O ensino da alimentação saudável não ocorre somente dentro da sala de aula.	1 1,4%	0 0%	0 0%	4 5,6%	67 93,1%	4,88
A53	Ações pontuais na escola, como palestras, não são suficientes para melhorar a alimentação dos escolares.	1 1,4%	7 9,7%	0 0%	23 31,9%	41 56,9%	4,33
A54	O ensino da alimentação saudável deve favorecer o	2	6	1	29	34	4,2

	consumo de alimentos naturais e desaconselhar o consumo de industrializados.	2,8%	8,3%	1,4%	40,3%	47,2%	
A55	O trabalho com o tema alimentação saudável no ambiente escolar ocorre de forma contextualizada com a realidade do aluno.	6 8,3%	25 34,7%	8 11,1%	17 23,6%	16 22,2%	3,16
A56	As metodologias utilizadas pelos professores de ensino médio, na abordagem da temática alimentação saudável, apresentam abordagem investigativa, colocando o aluno como protagonista de sua aprendizagem.	10 13,9%	26 36,1%	12 16,7%	17 23,6%	7 9,7%	2,79
A57	Os recursos materiais e estratégias utilizadas pelos professores, no ensino da temática alimentação saudável, são significativos para o aluno em seu processo de aprendizagem.	4 5,6%	19 26,4%	10 13,9%	27 37,5%	12 16,7%	3,3
A58	Os alunos do ensino médio são interessados e demonstram-se predispostos a aprender sobre alimentação saudável.	5 6,9%	16 22,2%	4 5,6%	41 56,9%	6 8,3%	3,37

Legenda: CT = concordo totalmente; CP = concordo parcialmente; NCND = nem concordo nem discordo; DP = discordo parcialmente; DT = discordo totalmente. *O Escore é obtido pelo somatório do percentual de respostas de cada alternativa (nº respostas/nº total) multiplicado pelo peso (pré-determinado).

4.2. Etapa 2: Levantamento das concepções dos escolares sobre alimentação adequada e saudável

Após a leitura exaustiva da transcrição dos encontros, seguiu-se à exploração do material, atentando-se para as categorias emergentes nos relatos dos participantes, quais sejam: (1) “**Entendimentos sobre alimentação e nutrição**” e (2) “**Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola**”.

Abaixo seguem relatos dos escolares que participaram dos encontros de grupo focal, as categorias e subcategorias a que deram origem.

4.2.1. Entendimentos sobre alimentação e nutrição

Nesta categoria são elencados os discursos dos participantes que, em algum momento fizeram menção ao conceito de alimentação e/ou nutrição, seja explicitamente ou de forma implícita, bem como abordaram fatores relacionados aos hábitos e comportamentos alimentares, as influências em sua formação e as consequências da alimentação inadequada. Assim os relatos dos escolares, foram agrupados em quatro

(04) subcategorias (componentes) em função de seu teor e do viés de abordagem (Quadro 1).

A subcategoria “Reflexões sobre mitos x realidade” traz em si relatos que revelam mitos relacionados à alimentação saudável, seja no sentido da palatabilidade ou do custeio de sua manutenção. Destaca-se ainda a presença de reflexões acerca da necessidade de discernimento entre o que é mito e o que é realidade, para que se possa compreender a alimentação saudável como um investimento na saúde e qualidade de vida.

Na subcategoria “Ponderações sobre comportamento e hábito alimentar” emergem dos relatos preocupações referentes às consequências advindas de hábitos e comportamentos alimentares inadequados, bem como a necessidade de estimular a prática da alimentação adequada e saudável desde idades precoces.

A subcategoria “Influências na alimentação” abarca discursos que revelam experiências e opiniões dos escolares em relação aos comportamentos alimentares e as influências que estão atreladas à sua adoção, quer sejam relacionadas à família, amigos, mídias ou outros fatores.

Já a subcategoria “Olhar sobre a alimentação escolar” traz em si relatos relacionados às concepções dos escolares referentes à alimentação no ambiente escolar, revelando a importância da merenda escolar como um direito, atrativo e, ao mesmo tempo uma necessidade. Revelam uma boa aceitação da merenda ofertada, porém demandam mais variações no cardápio, inclusão de alguns alimentos em detrimento a outros menos consumidos, com vistas a reduzir o desperdício.

Quadro 1: Categorias analítica 1 - Entendimentos sobre alimentação e nutrição; suas subcategorias e falas dos escolares participantes.

Categoria analítica	Subcategoria (componente)	Relatos
Entendimentos sobre alimentação e nutrição	Reflexões sobre mitos X realidades	<p>“O fato de alimentar não quer dizer que está nutrido, então tem que saber se nos alimentos que comemos tem os nutrientes, né? “E tem aquele trem né, que comida saudável é cara!” ” (Leandro)</p> <p>“Esse negócio da alimentação saudável ser cara, cabe ai a lei da oferta e da procura! Tudo que é muito procurado se torna mais barato por que tem um grande público, a verdade é que agente não costuma comprar fruta, verdura e legume, aí eles tem que subir o preço. Para quando você comprar valer a pena a colheita. Então e aí que cabe a lei da oferta e da procura. Pois não adianta você produzir frutas se ninguém está comprando. Porém galera na nossa realidade é legal</p>

		<p>fazer um investimento a longo prazo na saúde, mas tem umas realidades que eles não tem escolha, ou eles compram aquilo ali ou eles não comem. Agente tem esse privilégio, essas coisas. Por isso eu sou extremamente a favor de ter uma horta comunitária ou um pomar comunitário. Por que tem gente que realmente não tem escolha, ou come arroz com feijão todo dia ou toma água com fubá.” (Alice)</p> <p>“Esse negócio de alimentação saudável ser cara, ela pode até ser, mas se você olhar para a frente, talvez fica barata por que imagina o tanto de problema que você não vai ter, não vai precisar gastar com médico e se você pensar agora, mesmo gastando mais, porém com comida melhor, mais saudável, você não vai precisar pagar mais para médico para consertar aquilo que você podia ter evitado. Um investimento a longo prazo na saúde, partindo de você para você.” (Maira)</p> <p>“Tem muita coisa saudável que não é ruim! É por que as vezes o primeiro contato que a pessoa tem com a alimentação saudável pode ser ruim e aí tem aquele ditado: Primeira impressão é a que fica! E aí eles coloca na cabeça que é aquilo!” (Isabela)</p>
	<p>Ponderações sobre comportamento e hábito alimentar</p>	<p>“E aí acabamos esquecendo que o nosso futuro é aquilo que estamos comendo agora. Então a gente come fast food, esses negócio e esquece do futuro. Porque, essa alimentação desde criança é que pode fazer agente viver até os 90! É a base é a alimentação, seu corpo é o seu alimento!” (Eduarda)</p> <p>“As pessoas hoje em dia, não só os jovens, mas de forma mais complexa, pensam, ah vou para a escola e não deu tempo de tomar café da manhã! O que eles fazem, vão na vendinha e compram um saquinho de salgadinho e um refrigerante e comem isso 7 horas da manhã! Então, assim, é a praticidade de dormir um pouco a mais e deixa para comer depois o que der. Então a coisa da alimentação saudável não é tão prática, mas seria a melhor opção! Só que não é!” (Carolina)</p> <p>“Mas a partir do momento que começamos a praticar, já dá para levantar e bater seu suco, já arruma uma frutinha!” (Fernanda)</p> <p>“Na minha casa mora um primo também e desde que introduzimos tipo, abóbora, chuchu, tomate, etc, é muito raro ele aceitar comer sem verdura, ele mesmo pede, nem que seja um tomate. Ele não comia alface de forma alguma, aí de tanto ver nos todos comendo alface, ele passou a comer alface e não reclama e pede mais. Então eu penso que essa introdução tem que ser desde pequeno, desde pequeno tem que introduzir alimentos saudáveis na alimentação da criança.” (Felipe)</p> <p>E ele é muito gordinho e acho que com vinte anos ele já vai ter problemas. Talvez até antes né! Se já não estiver obeso.” (Thais)</p> <p>“Ele já tava com a glicose ou alguma coisa lá muito alta sabe?! Tinha até que controlar e mesmo assim ele não muda. Come só miojo, todo dia come fritura sabe?! E não muda os hábitos dele.” (Isabela)</p> <p>“Lá na minha casa meu avô e minha mãe são diabéticos, inclusive meu avô toma insulina e aí tivemos que mudar a alimentação de todo mundo, eliminando doce e qualquer tipo de açúcar...” (Eduarda)</p>
	<p>Influências na alimentação</p>	<p>“Mas isso se deve a forma como minha família me acostumou. E lá em casa todos são assim! Ninguém nasce sabendo o que é açúcar, o que é bom, o que é ruim; a família é que oferece os primeiros alimentos e ensina. A escola também influencia e até mesmo os amigos né. Principalmente quando é criança.” (Thais)</p> <p>“Aí cabe a influencia né que a Alice falou! Tipo a internet tá cheia disso, aí porque comer isso com aquilo é bom.” (Giovana)</p> <p>“Eles fazem propaganda! Eles ganham para alienar os bobos como nós. Tipo os alimentos viram modinha.” (André)</p> <p>“Minha amiga comprou um suco caro só porque uma famosa fez propaganda, ela nem conseguiu tomar. Foi induzida pela propaganda.” (Isabela)</p>

		<p><i>“Às vezes agente acaba comendo por que está sentado junto com amigos que estão comendo. A comida pode até ser diferente daquilo que nós comemos, mas agente quer experimentar. Ou então come demais por que nem vê o tanto que está comendo quando está distraído, conversando com a galera”.</i> (Felipe)</p>
	<p>Olhar sobre a alimentação escolar</p>	<p><i>“... eu sei que tem gente que vem para a escola e o almoço é aqui, a refeição principal do dia é aqui. Alguns vêm para comer! Então tem que ser algo que dê sustância!”</i> (Isabela)</p> <p><i>“Tirando o macarrão que agente nunca gosta! O macarrão da escola é muito ruim mesmo! Mas o resto é bom! O purê de batata é uma delícia! Acho que devia fazer mais vezes salada tb!”</i> (Isabela)</p> <p><i>“E no meu ponto de vista também o nosso cardápio poderia ter mais variações! Não ficar na mesma coisa, por que, tipo assim, é muito programado! Segunda feira sempre macarrão, terça feira sopa, quarta feira isso, ..., e também tem a questão que a Jo falou, quando a comida não é comida pela maioria, sobra muito e isso causa um desperdício que é um fator que incomoda pois quando olhamos para o balde por exemplo, e vê muita comida desperdiçada.”</i> (André)</p> <p><i>“O problema que você está falando dessa comida que o povo não come, isso é obrigatório! Inclusive agente que participa do colegiado, agente assina os documentos tudo e sabemos que é obrigatório ter o macarrão, é obrigatório ter a sopa! O governo não entende que os alunos não comem isso da mesma maneira que comeria tipo uma galinhada.”</i> (Eduarda)</p>

4.2.2. Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola

Nesta categoria apresentam-se os discursos dos participantes referentes às experiências vivenciadas no ambiente escolar no que tange à abordagem da alimentação adequada e saudável. Ressaltam-se aspectos referentes às ações de EAN, a responsabilidade pela implementação e execução de tais ações, a atuação dos professores e outros atores relacionados. Sinalizam-se também as concepções dos escolares de como devem ocorrer as atividades de EAN no ambiente escolar, destacando a necessidade de contextualização, significação, proposição de metodologias diversificadas e ativas e o protagonismo do escolar nas ações.

Assim os relatos foram agrupados em cinco (03) subcategorias (componentes) em função de seu teor e do viés de abordagem.

A subcategoria “Atuação dos professores” reúne relatos de como os escolares percebem a postura e atuação, bem como, a superficialidade, pontualidade e descontinuidade das ações de EAN propostas por seus professores. Destaca-se a necessidade de formação e capacitação dos professores para o trabalho no sentido de

EAN de modo a promover a autonomia dos escolares em relação às suas escolhas alimentares.

Na subcategoria “Responsáveis pelas ações de EAN” apresentam-se relatos que demonstram a percepção da EAN como uma estratégia que requer corresponsabilidade, intersetorialidade, transdisciplinaridade e interdisciplinaridade. Não devendo a mesma ficar a cargo apenas da escola ou de um professor.

A subcategoria “Proposta de EAN” revela através dos discursos dos escolares a idealização de uma proposta de intervenção que atenda a realidade vivenciada por eles no contexto escolar, tendo como premissa as perspectivas de aumentar a participação dos escolares no processo de construção do conhecimento (protagonismo), gerar reflexões e tomada de decisão com vistas à autonomia alimentar e promoção da saúde no ambiente escolar.

Quadro 2: Categorias analítica 2 – “Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola”, suas subcategorias e falas dos participantes.

Categoria	Subcategoria (componente)	Relatos
Abordagens da alimentação adequada e saudável na escola	Atuação dos professores	<p>“Nossa que legal! Podemos falar de como seria legal! Isso é massa! Por que os professores nunca pedem nossa opinião?!” (Alice)</p> <p>“Sabe, eu acho que os professores não podem é deixar os alunos maiores de fora! Por que olha só essa pesquisa que nós vimos, o problema não fica só com os alunos menores, estende para os grandes também! O cuidado fica muito com os menores e nós sempre fica de fora!” (Carolina)</p> <p>“E é como dizem: o que não reforça se perde!” (Thais)</p> <p>“Falta conexão e interesse dos professores por que dá para trabalhar um universo inteiro sobre isso.” (Leandro)</p> <p>“Eu acho que ele é trabalhado mas bem pouco, assim, de forma superficial. Um ou outro professor até fala, mas é muito pouco! Ninguém fala com agente igual hoje. Parece que um pouquinho que fala não mexe muito com a gente aí é como se não tivesse falado nada.” (Maira)</p> <p>“Com alguns professores agente cria até uma amizade real né e aí fica mais fácil confiar nas orientações que nos dão, por que passamos a confiar e meio que copiar seu estilo.” (Carolina)</p> <p>“O problema é que os professores, nem todos se envolvem. Alguns já começam desacreditando nas coisas.” (Rafael)</p> <p>“É mas acho que os professores têm que ter uma formação, por que perde o sentido quando se fala daquilo que não se sabe! Como que vai ensinar oque não sabe?” (Eduarda)</p> <p>“Ah tudo bem mas se o professor quiser ele também pode correr atrás. E nesse caso vai ser bom até para o professor que vai começar a se observar e ver que sua alimentação pode não estar adequada. Aprender nunca é demais. E tem outra coisa, às vezes o professor não precisa falar mas seu próprio estilo de vida, o modo como observamos que se cuida,</p>

		<p>acaba influenciando a nos alunos. E quanto mais afinidade tem com o professor, mais o aluno se sente influenciado, o professor acaba sendo um modelo.” (André).” (André)</p>
	Responsáveis pelas ações de EAN	<p>“Eu acho que tem que ser todos os órgãos públicos, escolas, postos de saúde, fórum, prefeitura, etc.” (Alice)</p> <p>“Escola sozinha não dá conta não!” (Leandro)</p> <p>“E eu acho que tinha que ser todos os professores, direção, cantineiras, etc. Por que todos fazem parte da escola que nos educa.” (Maira)</p> <p>“Aí eu acho que deveria ter alguma iniciativa também de trazer os nutricionistas para que fizessem também uma mesa redonda com diversos alunos, onde cada aluno traria uma comida saudável e fizesse um mesão e todo mundo aproveitasse. Entendeu!?Tipo o governo fala que tem esses nutricionistas na escola mais nunca nem vi! E eles sabem sobre as paradas de nutrição.” (Alice)</p> <p>“Isso tem que ser de forma interdisciplinar. Eu acho que em cada disciplina tem espaço e assunto para trabalhar a alimentação saudável. Tipo em matemática as estatísticas, em geografia os países ou regiões onde determinados alimentos predominam, em história e tals... Biologia e ciências tem muita coisa também, mas se for em todas as matérias fica mais interessante né!?” (Carolina)</p> <p>“Mas não seria nada legal ter uma aula só de educação alimentar. Ficaria por conta de um professor apenas.” (André)</p>
	Proposta de EAN	<p>Contextualização</p> <p>“Nós precisamos criar algo que melhore a alimentação dos alunos. Por que tipo com aqueles dados das medidas dá pra ver que tem que melhorar, e muito!” (Leandro)</p> <p>“Tem muito aluno no ensino médio obeso!” (André)</p> <p>“Tem que ter um bom ensino para nós aprender a comer. Nós todos! Observa para ver o tanto que o povo come errado! Mas às vezes nem sabe por que não aprendeu, aí como vai escolher!”(Manuela)</p> <p>“E tem que ser algo que faça o aluno pensar e mudar seus hábitos na alimentação.” (Alice)</p> <p>“Então eu acho que tem que ser uma imersão no universo da alimentação saudável.” (Eduarda)</p> <p>“Vamos pensar assim: tem que ser algo interessante mas que tenha sentido né!? Que nós possa aprender direitinho algo com isso.” (Felipe)</p> <p>“Melhorar o ensino de alimentação saudável.” (Maira)</p> <p>“Olha Professora, primeiro tem que lembrar que o objetivo desse projeto, dessas aulas, ... seria trabalhar a Educação alimentar né?! Então todas as coisas que nós for fazer tem que está nesse sentido.” (Rafael)</p> <p>“Olha que legal!!! Dá para trabalhar o alimento como um todo, partindo do cultivo, colheita, utilização e aproveitamento! Da terra até o descarte.” (Carolina)</p> <p>“Para incentivar o consumo de vegetais nos tá fazendo a horta né?! Para ver todo o processo e dar valor. Mas tô aqui pensando: e pra fazer esse aluno comer o vegetal? Por que vai ser legal ele saber que foi ele que plantou, cuidou e tal...” (Maira)</p> <p>“Tem que ver o que os alunos querem saber, o que eles precisam.”(Felipe)</p> <p>“Tem que ser um projeto estudado, pensado e planejado para não ser falho. Nós jovens somos muito volúveis e agente repara tudo.” (Alice)</p> <p>“É bom também trabalhar a questão cultural! Não</p>

		<p><i>adianta tentar fazer alguém mudar totalmente seus hábitos saindo de sua cultura. A mudança tem que acontecer dentro daquilo que ele tem hábito cultural de comer.’ (Alice)</i></p> <p><i>“Eu acho que poderia passar para eles a realidade brasileira como um todo sabe?! Os problemas de cada região, de alimento. E até mesmo os alimentos que tem em cada região, mais na nossa né?! Aprender sobre quais alimentos são de que época para poder consumir sem ficar caro. É importante conhecer né?! Olhar as realidades do mundo também! Sabe, eu vejo tanta gente reclamando do que tem, e não vê que tem gente que nem isso tem. E as vezes tem como ter uma alimentação mais saudável e não tem por que não tem o hábito.’ (Isabela)</i></p> <p><i>“Eu gostei de estudar transgênicos também, achei curioso e tanta gente não sabe nada de alimentos transgênicos! Tem gente que tem medo de comer. E tem muita pesquisa por traz né! Igual no Japão que eles comem muito arroz, o arroz não tem todos os nutrientes, ai eles fez um cruzamento enriquecendo o arroz de vitamina A! e agora eles comem mais vitaminas. Tem que ensinar para não ter tanto preconceito! Ensinar do início, com os pequenos.’ (Isabela)</i></p> <p><i>“Com essa proposta dá para se trabalhar vários assuntos em várias disciplinas: na química, por exemplo, a química dos alimentos, o mal dos fertilizantes, a química que tem nos industrializados, e um monte de coisa! Na biologia, a digestão, a importância dos nutrientes para o funcionamento do corpo! Na geografia dá para trabalhar a poluição dos agrotóxicos e a importância dos adubos orgânicos, dá também para trabalhar os alimentos das regiões que a Isabela falou! A história pode mostrar tanta coisa também da fome e desnutrição no mundo. A matemática trabalhar com estatística, ... e ai vai!” (Eduarda)</i></p> <p><i>“Dá para estudar o valor nutricional de cada um deles, as épocas em que são mais comuns, a quantidade de água necessária, etc.” (Isabela)</i></p> <p><i>“Daí pode também fazer um estudo de que tipo de nutriente tem nos alimentos que estão sendo plantados e que serão consumidos. E tipo fazer uma tabela né? Tipo saber das vitaminas, calorias, se tem ferro, etc, ... É bom para chamar a atenção dos alunos sobre o porquê de ter que comer esses alimentos!” (André)</i></p> <p><i>“Também dá para ensinar a fazer adubo na composteira e já vai trabalhando a sustentabilidade e o reaproveitamento.” (Rafael)</i></p> <p><i>“Nós também podemos trabalhar o reaproveitamento do alimento né?!” (Manuela)</i></p> <p><i>“Não ai a gente pode também fazer adubo com as cascas, os restos, ..., é só arrumar o lugarzinho separado de jogar e fazer aquele negócio de...” (Isabela)</i></p> <p><i>“É bom também quebrar uns tabus sobre alimentos, tipo comer manga e leite mata! Kkkk” (Alice)</i></p> <p><i>“Tem que trabalhar também essas coisas fake, tanto alimento industrializado que se passa por saudável né?! No guia mesmo fala de preferir os naturais, é “in natura” né que fala?!” (Rafael)</i></p> <p><i>“Dá para trabalhar também a higiene com os alimentos né?!” (Rafael)</i></p>
--	--	--

			<p><i>“Consigo ver uma linha do tempo das ações desse esquema da horta! O bom é seria ao longo do ano e com tempo para funcionar. Se precisar de ajuda pode me chamar que eu venho!” (André)</i></p>
		Protagonismo	<p><i>“Tem que fazer ele entender e pensar sozinho.” (Manuela)</i></p> <p><i>“Já pensou que legal o projeto ser envolta de uma horta? Alunos aprenderiam a plantar, cultivar, cuidar e depois, no fim do ano eles mesmos poderiam consumir os alimentos.” (Isabela)</i></p> <p><i>“Ensinar a plantar, colher, cozinhar, ... para dar valor.” (Felipe)</i></p> <p><i>“O legal seria o aluno fazer tudo. É só fazer coisas simples!!” (André)</i></p> <p><i>“Cada sala pode ter um dia específico para fazer um lanche usando os produtos da horta. Nós pesquisaria receitas e depois faria.”</i></p> <p><i>“E tipo, uma vez a cada dois meses podemos fazer uma reunião geral para passar o que aconteceu, o que foi produzido, como foi, o que poderia ter feito para ter resultados melhores, para onde foram os vegetais que plantou, etc” (Isabela)</i></p> <p><i>“Durante todo tempo podemos tirar fotos e ver a evolução, pode ter uma equipe só para isso. Ai depois eles mostram para todos na reunião.” (Alice)</i></p> <p><i>“Para divulgar as nossas atividades, podemos criar um blog e ai com a ajuda dos professores de português, podemos escrever e alimentar o blog com as noticias das atividades da nossa horta” (Leandro)</i></p> <p><i>“Se nós ver que os meninos estão gostando, é porque deu certo!” (Thaís)</i></p> <p><i>“Os alunos iria na horta, colhia e fazia um lanche para todos da sala.” (Manuela)</i></p> <p><i>“Olha só acho que para isso ser significativo, o aluno é quem tem que fazer. As professoras dão tudo pronto, não tem graça. Tem que ter orientação mais eles é que tem que fazer as coisas para darem valor.” (Alice)</i></p> <p><i>“Todos os alunos podem ajudar, ai se uns forem melhores nisso, podem ensinar os que não são.” (Felipe)</i></p> <p><i>“Nós alunos gostamos é de fazer! Não aguento mais ficar só olhando algo pronto! Tem que ser bem dinâmico e para os menores bem lúdico.” (André)</i></p> <p><i>“Aqui na escola, do lado da quadra tem um mato lá e os próprios alunos poderiam limpar aquele espaço para fazer a horta. Mas tem que colocar o aluno para fazer! Por a mão na massa! Eles poderiam aprender todo o processo, de limpar o espaço, preparar a terra, plantar, cuidar, colher, preparar o alimento e comer.” (Leandro)</i></p> <p><i>“Todo projeto tem que ser envolvente e acho que precisamos ser perguntados se concordamos, se é legal e tals.” (Felipe)</i></p> <p><i>“Nossa que legal! Podemos falar de como seria legal! Isso é massa! Por que nunca pedem nossa opinião?! Risos.” (Alice)</i></p> <p><i>“Uns vão se envolver e outros não. Mas os que envolverem vão sair ganhando e vão ter mais</i></p>

		<p>conhecimento para comer e viver melhor.” (Felipe)</p> <p>“E se naquela semana tem muitos vegetais que não serão usados na “sexta na cozinha”, aí pode ser doado para melhorar a merenda da escola, pra não deixar perder.” (Leandro)</p>
	Estratégias	<p>“Eu acho que tudo começa com as crianças menores e deve envolver os maiores também.” (Alice)</p> <p>“Tem que fazer todos os professores trabalharem com isso” (Eduarda)</p> <p>“Eu gosto de aulas mais práticas, onde eu posso fazer algo. Me sinto mais ativo, ali não fico só ouvindo. Fico mais interessado. Gostamos de fazer as coisas quando nos sentimos estimulados.” (Felipe)</p> <p>“A questão é que se você falar a mesma coisa do mesmo jeito muitas vezes, não adianta nada, precisa falar de maneiras diferentes, com formas diferentes, ou não dá! Tudo tem que ter metodologias diferentes. Não adianta bater na mesma tecla da mesma forma. Acho que tudo tem que ser mais ativo.” (Alice)</p> <p>“Seria bom se todos os professores se reunissem e montassem um projeto que se desenvolveria durante o ano e encerraria com uma apresentação no fim do ano.” (Isabela)</p> <p>“Talvez convidar alguém que entenda do tema para fazer tipo oficinas. Tipo eu apostaria na horta. E para começara conversa convidaria um agrônomo para explicar o que é necessário, como faz, como cuida, etc. Ou talvez outro profissional, os estagiários e estudantes da faculdade talvez.” (Leandro)</p> <p>“Aquele povo do “Saúde na Escola” pode também ajudar! E quem sabe da prefeitura!?” (Alice)</p> <p>“Dá para pedir as sementes para a empresa Valoriza aí não tem gasto.” (Eduarda)</p> <p>“Podemos usar o espaço do lado da quadra que fica sempre sem nada, só mato. Ou fazer horta vertical que é bem bonitinha.” (Felipe)</p> <p>“Eu acho que alguém poderia ficar responsável por pesquisar uma receita que fosse saudável e pudesse usar aquele alimento que vai estar ali disponível né?! Por que aí ele vai usar o que foi cultivado por ele. Tipo nessa sexta é a turma 3001 que irá pesquisar o que pode ser feito com os alimentos disponíveis e vão trazer para poder fazer.” (Felipe)</p> <p>“Aí à medida que forem feitas colheitas os alimentos podem ser consumidos, doados, trocados, etc.” (Isabela)</p> <p>“Eu pensei que uma vez por semana algum professor fica com a função de trabalhar algo em relação à esse assunto. Isso seria para dar uma sensibilidade nos alunos. E depois fazer a horta e o resto de usar as comidas que produzir.” (Rafael)</p> <p>“ Tem que ser um projeto desenvolvido durante o ano todo, ao longo do ano. Quem sabe uma vez por semana uma disciplina trabalha em um horário algo referente à alimentação saudável?” (Isabela)</p> <p>“Então antes de tudo acho que uma equipe de professores poderia nos orientar a escrever esse projeto com metas já definidas. Cada etapa, cada coisa que vai ser feita, ...” (Isabela)</p>

		<p><i>“Poderia haver a sensibilização dos alunos em grupos menores em rodas de conversa e ai cada sala ficaria responsável por cuidar de um canteiro.” (Alice)</i></p> <p><i>“Eu acho que antes de plantar tem que ter umas aulas teóricas de planejamento e ensinamentos. Tem que partir do professor o estímulo, sabe?! É tão bom quando o professor se envolve! (Isabela)</i></p> <p><i>“Podia vir aqui uma pessoa, um agrônomo para ensinar a teoria e a prática da horta.” (Felipe)</i></p> <p><i>“Cada sala poderia ficar responsável pelo cultivo de um vegetal. Os alimentos que são produzidos mais rápido poderiam ser doados para os estudantes ou mesmo para outras escolas. As vezes doar para comunidades carentes.” (Felipe)</i></p> <p><i>“Não dá para começar com tudo em uma sala com aquele tanto de alunos dando opinião de uma vez. Talvez fazer a mesa redonda com os “chefes de sala” e passar a ideia inicial e depois discutir em pequenos grupos até todos serem envolvidos. Até fazer a horta.” (Isabela)</i></p> <p><i>“O povo lá da nutrição pode fazer ensinando nós as receitas de lanche saudável” (Thaís)</i></p> <p><i>“Tem que trabalhar de forma lúdica, nós somos muito visuais!” (Giovana)</i></p> <p><i>“Teve algumas iniciativas que foram legais e poderia ter mais nesse sentido. Organizadinhas, com sentido para nós, bem planejadinhas, sabe?!” (Alice)</i></p> <p><i>“Eu achei bem legal aquela atividade onde descobrimos quantos gramas de açúcar e sal tem nos alimentos. Foi legal e esclarecedora. Eu fiquei bem curiosa em relação a outros alimentos e pesquisei. Imagino que outros alunos iriam gostar também.” (Alice)</i></p> <p><i>“Eu estou aqui pensando e me lembro apenas de estudar a pirâmide alimentar e nada mais. Uma professora mostrou a figura e explicou e fim. E até hoje não sei pra que serve e como isso mudaria algo na minha vida.” (Isabela)</i></p> <p><i>“Palestras não! Discussões em grupos grandes também não! Aulas práticas sim! Palestras interativas seriam legais, mas não aquele falatório sem fim.” (Manuela)</i></p> <p><i>“Gostamos de fazer as coisas quando nos sentimos estimulados” (André)</i></p> <p><i>“Deve variar a metodologia. Por que todo dia a mesma coisa também não dá né! E as metodologias, as aulas tem que ser de uma forma que chame a atenção dos alunos e que faça sentido.” (Giovana)</i></p> <p><i>“Também penso que o assunto deve ser de interesse nosso né, por que ai você sente incluído e passa a prestar mais atenção.” (Maira)</i></p> <p><i>“Sim o assunto tem que ter importância né? Por que, por exemplo, vai falar sobre drogas, vamos prestar atenção né. É uma coisa assim recorrente no nosso ambiente e tal.” (Leandro)</i></p>
--	--	---

5. DISCUSSÕES

A partir da análise dos resultados obtidos na etapa 1, foi possível apurar as concepções dos professores frente às questões da alimentação adequada e saudável, mesmo não atingindo a amostra planejada. Na categoria 1, que trata de concepções referentes à alimentação no ambiente escolar, identifiquei que a escola é considerada como um cenário favorável e adequado para as ações de EAN. Encontramos estudos que corroboram essa concepção com este resultado, em diferentes contextos. Pardino e colaboradores (2019), em seu trabalho que objetivou a realização de ações de EAN por intermédio de oficinas sobre alimentação, nutrição e estilo de vida em uma escola pública de Minas Gerais, consideram que “o ambiente escolar revela-se como um espaço factível para a realização das atividades de EAN, por conter um grupo exposto cotidianamente ao aprendizado. Albuquerque (2012) em seu estudo que visou levantar os conhecimentos de educadores e nutricionistas sobre a educação alimentar e nutricional no ambiente escolar, aponta a escola como “local privilegiado para a implementação da EAN, por possuir a função social de formar cidadãos críticos, conhecedores de diversos assuntos relacionados à vida e à sociedade, dentre eles a alimentação e a nutrição humanas, com a finalidade de construir a cidadania e melhorar a qualidade de vida”.

Outra concepção apreendida na Categoria 1 foi o reconhecimento da função pedagógica da alimentação escolar como ferramenta de ações de EAN, para a formação de hábitos alimentares saudáveis. Nessa perspectiva, esta concepção dá legitimidade ao inciso IX do § 1º do art 13 da Resolução do FNDE nº 26/2013 (dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do PNAE- (BRASIL, 2013b), que aponta o alimento como ferramenta pedagógica para as ações de EAN. Ademais, levantamos estudos que corroboram esta concepção. Teo e Monteiro (2012), ao discutirem a aquisição de alimentos para o PNAE à luz do seu marco legal vigente, afirmam que “é preciso pensar em ações de EAN em que o ponto articulador seja a alimentação concreta distribuída na escola”. Barbosa e colaboradores (2013), pontuam que, ao se apresentar como elemento pedagógico no espaço escolar, a Alimentação e Nutrição poderão compor propostas efetivas envolvidas com o currículo, propiciando discussões que possibilitem o entendimento do espaço escolar como favorecedor de ações transformadoras da realidade social. Também Camozzi e colaboradores (2015), destacam que “as políticas públicas devem contribuir para que as

escolas ofereçam não somente uma alimentação equilibrada, mas que permita orientar seus alunos para a prática de bons hábitos de vida, incluindo a merenda escolar, pois um aluno bem alimentado pode apresentar rendimento escolar satisfatório”.

O direito de todos os estudantes da Educação Básica à alimentação gratuita nas escolas públicas brasileiras, assegurada pela legislação vigente e pelo PNAE, foi outra concepção apurada na Categoria 1. Apuração relevante, tendo em vista a magnitude e a importância da AE e do ambiente escolar como promotor de práticas saudáveis e adequadas de alimentação e nutrição, em que o acesso garantido à AE constitui um fator primordial nesse contexto sendo, portanto, uma ação pública para garantia do Direito humano à alimentação adequada (DHAA). Destaca-se que, além de um direito, a AE é considerada a principal refeição de muitos escolares, revelando a importância de sua qualidade e o caráter assistencialista a ela vinculado. Alguns estudos, como aqueles realizados por Camozzi e colaboradores (2015) e Oliveira & Santos (2016), destacam essa visão assistencialista da AE, afirmando que “os professores vêem a alimentação escolar como uma atividade essencial na escola, um importante complemento com função triplíce: ajudar a recuperar a deficiência alimentar do aluno; determinar a frequência do aluno; e contribuir para melhor aprendizagem”. Também Scarparo (2017), ao buscar a identificação das crenças sobre o ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar de profissionais e acadêmicos das áreas de Educação e Nutrição, identificou que a essência do discurso dos professores está marcada pela associação da alimentação escolar ao estado de carência e de fome do aluno.

Ainda na Categoria 1, verificou-se a concepção contrária à proibição de comercialização de alimentos nas escolas, desde que haja a oferta de produtos saudáveis. Isso pode ser justificado pelo fato de os professores acreditarem que os escolares precisam ter a autonomia para fazer escolhas saudáveis. Reforçando este resultado, Valentim e colaboradores (2017) afirmam que a adoção de medidas como substituir a comercialização de alimentos não saudáveis vendidos nesses locais por alimentos saudáveis e atrativos como aqueles servidos na alimentação escolar, possivelmente, ajudaria os adolescentes a terem, nessa última, a sua principal opção de escolha. Do mesmo modo Scarparo (2017) revela que, na opinião de nutricionistas e profissionais da educação, “os bares e cantinas não teriam prejuízo financeiro se houvesse a imposição para que esses estabelecimentos comercializassem somente alimentos saudáveis” uma vez que haveria o consumo de tais alimentos por parte dos

escolares. Também Porto e colaboradores (2015) ao estudar as cantinas escolares do Distrito Federal e a promoção da alimentação saudável, ressaltaram a adesão dos escolares aos alimentos saudáveis por elas comercializados.

Por fim, quanto às concepções da Categoria 1, os participantes consideram que a alimentação dos escolares é influenciada pela alimentação dos adultos, com os quais ela convive. Sendo assim, os professores, adultos com que os escolares têm contato diariamente, podem influenciar o comportamento alimentar de seus alunos. Em Gallina e colaboradores (2013), as autoras destacam que “é imprescindível que os discursos e as práticas do professor, nessa perspectiva, sejam coerentes, para que a mensagem que o aluno recebe na escola faça sentido e, efetivamente, mobilize-o para atitudes mais saudáveis frente à vida”. Sendo assim é necessário que suas atitudes dos professores sejam coerentes com aquilo que ensinam.

Com relação à categoria 2, que versa sobre a alimentação dos escolares e as suas atitudes com relação à ela, ressalta-se a concepção de que eles não se alimentam adequadamente nem em casa, nem na escola. Sobre a inadequação da alimentação em casa, Silva (2017) ao estudar as significações atribuídas à EAN, indica que professores relacionam o pouco conhecimento dos pais sobre o tema, à falta de tempo da família para cuidar da alimentação dos seus filhos e à ausência de parceria da família com a escola, como fatores determinantes dessa alimentação inadequada. Em relação à inadequação da alimentação no ambiente escolar, Valentim e colaboradores (2017), ao estudarem a adesão de adolescentes de escolas da rede pública estadual de um município da Região Metropolitana de Curitiba, à AE, demonstraram que alguns fatores interferem nessa adesão, tais como “as condições físicas das escolas, desde a limpeza do refeitório, assim como espaço adequado, mesas e cadeiras suficientes”, “o gostar ou não das preparações ofertadas, a monotonia ou diversidade dos cardápios, o horário das refeições adequado ou não ao tipo de preparação ofertada, o tempo destinado à alimentação e, inclusive, a concomitância desse tempo com aquele destinado à recreação”. No mesmo estudo, Valentim e colaboradores (2017) encontraram prevalências baixas de adesão à AE principalmente pelos adolescentes, e ressaltou que esse fato colabora para a alimentação inadequada no ambiente escolar, uma vez que há a prevalência de estudantes que consomem outros alimentos que não a AE (alimentos competidores) durante o período que permanecem na escola. Esse fato pode dificultar a efetivação da política de segurança alimentar e nutricional, uma perspectiva do PNAE

(CUNHA et al, 2014; BLEIL et al, 2009).

Figueiredo (2016) ao entrevistar - nutricionistas, cozinheiros, diretores, professores e membros do Conselho de Alimentação Escolar (Cae) - quanto à implementação do PNAE, mostraram que a avaliação geral desses profissionais em relação à oferta de alimentos é positiva, havendo predominância do entendimento de que a oferta variada, balanceada e baseada em alimentos naturais, atende aos critérios de adequação do programa. No entanto, para Freitas e colaboradores (2013), embora algumas mudanças efetuadas na normatividade do PNAE tenham contribuído para avanços na concepção do programa como política educacional também voltada à alimentação saudável, a observação do cotidiano das escolas mostra algumas dificuldades neste processo. Para esses pesquisadores, de maneira geral, o PNAE oferece apenas uma refeição e os jovens não se sentem alimentados como gostariam, pois para eles vários tipos de refeições encontram-se *fora-de-lugar*, como por exemplo a sopa que é uma refeição comum neste programa, mas sugerida pelos escolares para ser oferecida no jantar, como o habitual em suas unidades domésticas.

Outra concepção apreendida na Categoria 2 foi de que os escolares reconhecem a importância de ter uma boa alimentação. Nesse sentido, Toral e colaboradores (2009), utilizando a metodologia de grupo focal com 25 adolescentes do ensino médio, para avaliar as percepções sobre alimentação saudável e suas barreiras, perceberam que os adolescentes apresentaram uma percepção adequada sobre alimentação saudável e enfatizaram a importância da alimentação equilibrada e variada. Triches & Giuliani (2005), em seu estudo sobre obesidade, práticas alimentares e conhecimentos de nutrição em escolares, também corroboram com a concepção de que escolares percebem as práticas alimentares adequadas e saudáveis são como sendo essenciais para a manutenção da saúde e SAN.

Emergiu na categoria 2 também a concepção de que os escolares têm interesse por atividades que envolvem a temática alimentação adequada e saudável. Assim, entendemos que aliar o conhecimento dos adolescentes com estratégias de intervenção interessantes e contextualizadas, parece ser uma medida eficaz para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. Nesse sentido, o Marco de Referência (BRASIL, 2012), diz que as ações de EAN devem ampliar sua abordagem para além da transmissão de conhecimento e gerar situações de reflexão sobre as situações cotidianas, busca de

soluções e prática alimentares saudáveis, através de metodologias ativas e participativas que valorizem os conhecimentos prévios.

Na categoria 3, que trata dos hábitos e escolhas alimentares dos escolares, verificou-se a concepção de que a incorporação de informações no processo de ensino-aprendizagem sobre a alimentação e nutrição é necessária, porém, a obtenção de informações não deve ser considerada o único meio para no auxílio do desenvolvimento de hábitos e escolhas alimentares saudáveis, pelos escolares. Para Nascimento (2016), “os professores entendem que a comunicação e a socialização de conhecimento sobre essa temática promovem a conscientização dos alunos para uma alimentação mais saudável”. Todavia, o mesmo autor destaca que essa conscientização requer uma apropriação crítica dos conhecimentos adquiridos, conforme destaca FREIRE (2006):

“O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aos que se julgam não saber. O conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformações, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. Isto demanda esforço não de extensão, mas de conscientização que, bem realizado, permite aos indivíduos se apropriarem criticamente da posição que ocupam com demais no mundo. ”

Outra concepção que emergiu na categoria 3 foi a de discordar que os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis. A questão a ser considerada é que os escolares, apesar de demonstrarem a compreensão da alimentação adequada e saudável como necessária, optam por alimentos pouco saudáveis, não por não gostarem de consumir alimentos saudáveis, mas por preferirem os não saudáveis. Toral (2010) ressalta que essa preferência relaciona-se com questões referentes à praticidade, comodismo, custo, gula, tentação, modismo e o sabor desse tipo de alimentação. Muniz e Carvalho (2007) em um estudo realizado com 83 adolescentes para identificar suas escolhas alimentares durante o intervalo de aula, relataram que eles optam pelo sabor e textura dos alimentos não oferecidos pelo PNAE, por meio da compra em estabelecimentos próximos à escola ou trazidos de casa.

A categoria 4 reúne as concepções referentes à responsabilidade pelo ensino dos temas relativos à alimentação. Nela revela a concepção sobre a importância da escola, cenário onde o tema deve ser trabalhado de forma transdisciplinar no currículo, por meio de parcerias entre a família, professores e nutricionistas.

Trata-se de uma concepção estratégica para a promoção da alimentação adequada e saudável na escola, visto que a transdisciplinaridade é necessária para compreender as situações reais e complexas do contexto escolar. Ela prevê a necessidade de constituição de equipes de diferentes áreas do conhecimento na escola, pois, conforme é proposto pelos PCN's, “uma coletividade trabalhando em parceria pode se ajudar mutuamente, seja nos entendimentos específicos disciplinares ou nas várias formas de interação e de construção de aprendizagem, envolvendo questões sociais, culturais, ambientais e de saúde” (BRASIL, 1998).

No que tange às responsabilidades do professor, Bernardi (2016), em seu estudo, por meio do qual analisou um processo de promoção da alimentação adequada e saudável em uma escola, destaca o professor como peça essencial para se trabalhar promoção da saúde no contexto escolar, visto que ele se revela como o principal realizador de ações capazes de despertar o interesse e a participação dos escolares, por fazer parte do cotidiano escolar, possuir maior contato e capacidade de comunicação. Porém, é necessário que ele vá além da compreensão de sua área de formação e se transformar num profissional com visão integrada da realidade para poder trabalhar a EAN na escola de forma transversal nas disciplinas.

Já em relação à importância da parceria entre professores e nutricionistas, Albuquerque e colaboradores (2013) afirmam que muitas vezes o professor por não possuir a compreensão adequada sobre a temática alimentação e nutrição necessita estabelecer parcerias com o nutricionista, que ao inserir-se na escola, a fim de exercer a interdisciplinaridade, necessita estabelecer um diálogo entre o saber popular, o saber técnico apreendido na formação e o conhecimento multidimensional da alimentação. Por essa razão, na execução de atividades de EAN em escolas deve haver a ação conjunta desses dois profissionais, visto que os conhecimentos necessários a esta ação fazem parte da formação de ambos. Também para Boog (2008), a interdisciplinaridade na EAN exige a integração e colaboração mútua entre professores, nutricionistas e demais envolvidos com a alimentação escolar, sendo necessário o intercâmbio de ideias e conhecimentos de diferentes áreas, visando um trabalho conjunto e a interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade cotidiana da alimentação.

No que se refere à família, Ramos e Stein (2000) destacam que essa também exerce papel importante na formação dos hábitos alimentares do indivíduo, uma vez que criança vivencia o comportamento alimentar da família e desenvolve a percepção dos

sabores e de suas preferências, o que influencia em suas escolhas alimentares. Adicionalmente, Bernard (2016) reafirma a escola como um espaço que favorece a construção e a consolidação de práticas alimentares saudáveis, uma vez que se constitui como um espaço de troca de vivências que contribui com a formação de valores, à medida que atua complementando o papel atribuído à família na educação. Logo pode-se concluir que as ações de EAN com vistas à promoção da saúde através de práticas alimentares adequadas e saudáveis, depende da interação entre diversos atores com os quais os escolares convivem, sendo os principais a família, os professores e os nutricionistas, para que seja efetivada de forma a permitir o sucesso das ações.

Quanto à categoria 5, respectiva à atuação dos professores no ensino da temática da alimentação adequada e saudável, evidenciou-se a concepção de que esses profissionais tão importantes nas ações de EAN necessitam de acesso a materiais (livros, manuais, guias, entre outros) com informações confiáveis sobre o tema e também que lhes sejam ofertados cursos de formação continuada (especializações) para melhorar o seu trabalho em EAN.

Nessa perspectiva, o Manual operacional para profissionais de saúde e educação: com vistas à promoção da alimentação adequada e saudável nas escolas publicado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2008) afirma que, considerando a relevância dos professores nas atividades de EAN, é necessário que eles estejam preparados conceitualmente sobre a temática e sensibilizados sobre o seu papel na promoção da saúde e na formação de hábitos alimentares dos estudantes. E ainda, sinaliza e justifica a pertinência de oferecer e incentivar a participação desses profissionais em cursos de formação, preferencialmente contínuos e permanentes, uma vez que, além de aquisição de conhecimentos e reflexões sobre o assunto, essas ações objetivam “a formação de cidadãos comprometidos com a própria saúde e dos alunos pelos quais são responsáveis” (BRASIL, 2008).

Ainda em relação à necessidade de capacitação e formação continuada dos professores, Silva e colaboradores (2016), ao estudarem a formação e prática pedagógica dos professores da educação básica, enfatizam que os professores almejam formações continuadas que atendam as suas necessidades e interesse, a fim de repercutirem diretamente sobre seu trabalho em sala de aula. Para tanto, julga-se pertinente momentos de troca de experiências entre os docentes e construção coletiva de possíveis soluções para as dificuldades encontradas na prática educativa, sendo que a

formação continuada do docente deve ser planejada na perspectiva da reflexão dos conhecimentos e saberes dos professores a partir da ação, a fim de avaliar o próprio trabalho pedagógico e adaptá-lo às diferentes realidades sociais, culturais e educacionais. Também Bezerra e colaboradores (2015) ressaltam, ao pesquisarem o conhecimento e abordagem sobre alimentação saudável por professores do ensino fundamental, que esses profissionais por serem elementos chave para o sucesso de ações de EAN com escolares, devido a capacidade de contextualizar os conteúdos no cotidiano dos estudantes, necessitam de capacitação, especificamente em alimentação saudável e nutrição, com o objetivo de instrumentalizá-los para trabalhar essa temática em suas aulas. Ainda, nesse viés, Fonseca e colaboradores (2016) em seu estudo sobre as concepções de ensino e aprendizagem de alunos de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, recomendam que os professores participem de processos formativos que auxiliem na desconstrução de concepções equivocadas sobre o processo de ensino e de aprendizagem, bem como possibilitem a apropriação teórica dos conhecimentos e a reflexão sobre situações na prática educativa.

Quanto necessidade de acesso dos professores à materiais de apoio sobre alimentação destinado aos professores, Scarparo (2017) indica que grupos ligados à nutrição, profissionais da área de educação e acadêmicos das licenciaturas, concordam é importante que existam de forma acessível, materiais com sugestões de atividades para trabalhar a alimentação adequada e saudável em sala de aula.

A categoria 6, referente ao ensino da alimentação adequada e saudável, destaca concepções que direcionam para o reconhecimento de que a EAN deve ocorrer de forma transversal, interdisciplinar e integrada entre as áreas do conhecimento na organização do currículo escolar, ultrapassando os limites da sala de aula. Concordando com essas concepções, Nascimento (2018), em seu estudo sobre EAN e a promoção da qualidade de vida em escolares da Educação Infantil, observou que os professores percebem que o desenvolvimento da EAN no contexto escola deve ultrapassar o que é exposto no currículo, possibilitando atividades integradas com todas as disciplinas escolares. O estudo de Thiesen (2008) reafirma essa concepção ao destacar que “abordar os conteúdos relativos à EAN interdisciplinarmente, favorece a compreensão de situações do dia a dia, aproximando os escolares da sua realidade e possibilitando que os conhecimentos tenham maior significado e sentido, assim como se contribui para uma formação mais consistente e responsável”. Também nesse sentido, o livro “Educação

Alimentar e Nutricional: Articulação de Saberes” (BEZERRA, 2018), através do qual o FNDE busca instrumentalizar nutricionistas, professores e demais profissionais para as práticas de EAN no âmbito do PNAE, ressalta a EAN como campo de conhecimento e prática transdisciplinar, que se coloca como saber e prática que atravessa disciplinas. A mesma publicação afirma que:

“...é na fertilidade dessa travessia que a EAN destaca seu potencial de agregar saberes que se separam no plano teórico, mas que são profundamente articulados e/ou superpostos na realidade da vida. Assim, seja penetrando o interior de áreas de conhecimento altamente especializadas e isoladas, seja transitando pelas fronteiras de campos de saberes, minimizando linhas divisórias artificialmente construídas pela especialização exacerbada das ciências, EAN se estabelece como um gênero de fronteira” (BEZERRA, 2018).

Respalhando a ideia de que as ações de EAN devem atravessar e transpassar diversas áreas de conhecimento, integrando-as e aproximando-as. Não havendo a intenção de formar uma nova disciplina acadêmica e/ou escolar e nem de criar uma profissão específica de educador em EAN, mas de formar um profissional policompetente (BEZERRA, 2018).

A abordagem da EAN de forma transversal também é considerada uma possibilidade nas concepções dos professores, ainda que hajam muitos conteúdos programados nas disciplinas para serem abordados durante o ano letivo. Concordando com esses achados, Scarparo (2015), em seu estudo que discute o ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar, considera que o professor tem a possibilidade de realizar ações de EAN com seus alunos, a curto, médio e longo prazo, trabalhando a alimentação saudável tanto transversal quanto interdisciplinarmente, uma vez que essa temática favorece a articulação e a integração das áreas do conhecimento na organização do currículo escolar necessitando da elaboração de diretrizes específicas para a EAN. A importância da transversalidade merece destaque considerando que a EAN foi incluída como um tema transversal no currículo escolar através da alínea a do § 1º do art 13 da Lei 13.666/2018 (BRASIL, 2018b). Scarparo (2015), enfatiza ao ser abordada de forma transversal e interdisciplinar, a EAN pode contribuir com a articulação e integração das áreas do conhecimento na organização do currículo escolar e na formação científica dos estudantes. Com isso, espera-se produzir efeitos positivos na alimentação das crianças e adolescentes.

Ainda na categoria 6, evidenciam-se concepções referentes às metodologias e estratégias para abordar a temática da alimentação adequada e saudável no contexto escolar. Nesse sentido os professores consideram que as ações pontuais e as metodologias utilizadas nas atividades de EAN não são suficientes para melhorar a alimentação dos escolares e não permitem o desenvolvimento de sua autonomia alimentar, pois não apresentam abordagens investigativas e interessantes e nem tão pouco permitem ao escolar ser protagonista no processo de aprendizagem. Os estudos realizados por Santos (2012) endossam essas concepções, uma vez que o mesmo afirma que as ações educativas em EAN precisam de desenvolvimento de mecanismos estratégicos conforme o meio social dos educandos, em que se respeite o modo de vida, o conhecimento popular, permitindo aos sujeitos e o meio social problematizar sua realidade e incitar o cuidado, através de ações de educação guiadas adequadamente, cuidadosamente concebidas e pedagogicamente organizadas, que impulsionem a autonomia e que sejam embasadas na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade.

No mesmo sentido, Freire (1997) diz que “a participação do aluno no processo de edificação e reconstrução de conhecimentos e na organização de sua ação cognitiva, promove a integração constante da teoria e da prática”. Nesse sentido, o educador deve propor ações educativas significativas que incitem e valorizem o conhecimento do educando, considerando que, realizar atividades em EAN em que o aluno participe ativamente, pode ocasionar nele uma mudança de consciência no mesmo, possibilitando que o mesmo seja capaz interpretar e analisar o seu comportamento alimentar, sendo esta participação essencial para a formação crítica dos alunos.

No mesmo contexto, duas publicações do governo federal corroboram com esses resultados, sendo elas: o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas (BRASIL, 2012), onde tem-se que “o fortalecimento da participação ativa e a ampliação dos graus de autonomia, para as escolhas e para as práticas alimentares implicam, por um lado, o aumento da capacidade de interpretação e a análise do sujeito. Sobre si e sobre o mundo e, complementarmente, a capacidade de fazer escolhas, governar, transformar e produzir a própria vida. Para tanto, é importante que o indivíduo desenvolva senso crítico frente a diferentes situações e possa estabelecer estratégias adequadas para lidar com elas. Diante das inúmeras possibilidades de consumo, bem como das regras de condutas dietéticas, a decisão ativa e informada significa reconhecer as possibilidades, poder experimentar, decidir,

reorientar, isto é, ampliar os graus de liberdade em relação aos aspectos envolvidos no comportamento alimentar”; e o livro “Educação Alimentar e Nutricional: Articulação de Saberes” (BEZERRA, 2018), que diz que a promoção do autocuidado e da autonomia indica que o desenvolvimento de ações educativas que favoreçam as pessoas a se tornarem produtoras sociais de sua saúde implica o empoderamento em relação a esse aspecto. Para tanto, é necessária a aquisição de conhecimentos que gerem habilidades para realizar uma leitura crítica de sua vida pessoal e da realidade em que vive, ao longo da vida, mudando determinados comportamentos e mantendo outros, o que pode resultar em uma prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. Essa posição conflui para o princípio de ação de EAN, declarado no Marco, que pressupõe a educação como processo permanente e gerador de autonomia e participação ativa e informada dos sujeitos.

Dentre as estratégias adotadas pelos professores para trabalhar a temática alimentação saudável está a “pirâmide alimentar” que, segundo suas concepções, pode ser usada em todas as modalidades da educação básica. Respalhando essa concepção, Yokota e colaboradores (2010) e Prado e colaboradores (2016) utilizaram a pirâmide alimentar como instrumento para a EAN com escolares e professores, e obtiveram resultados positivos da intervenção, destacando que a mesma apresenta-se como um instrumento para EAN. Porém, destaca-se que a pirâmide, por agrupar alimentos de acordo com a origem (animal ou vegetal) e de acordo com nutrientes que eles contêm, não atende aos princípios que fundamentam as recomendações do Guia (BRASIL, 2014), sendo que eles justificam a abordagem em relação à alimentação e saúde, de forma mais ampla, levando em conta nutrientes, alimentos, combinações de alimentos, refeições e dimensões culturais e sociais das práticas alimentares e ainda a interdependência entre a alimentação adequada e saudável e sustentabilidade do sistema alimentar, e sendo que algumas críticas referentes à utilização da pirâmide alimentar como estratégia para EAN. Esses fatores conduzem ao uso limitado da pirâmide alimentar considerando os avanços da ciência da nutrição nos últimos anos e processamento dos alimentos.

Por fim a categoria 6 traz a concepção de que o livro didático de Biologia não é uma boa fonte de consulta sobre a alimentação adequada e saudável. No mesmo sentido, Teixeira e colaboradores (2011) destacaram em seu estudo, com objetivo avaliar informações relacionadas à alimentação contidas nos livros de Biologia, que as

informações contidas nos livros didáticos de Biologia do ensino médio são insuficientes para influenciar a mudança de hábitos alimentares por meio da aquisição de conhecimentos. Paradoxalmente, o livro didático, uma importante ferramenta para disseminar conhecimentos sobre nutrição (ao alcance de milhões de adolescentes), não está sendo suficientemente utilizado no processo de educação nutricional e de promoção da saúde.

A partir da análise dos resultados obtidos na etapa 2, foi possível levantar concepções dos escolares sobre alimentação adequada e saudável.

Na categoria 1, oriunda dos discursos dos participantes referentes ao conceito de alimentação e/ou nutrição, hábitos e comportamentos alimentares e consequências da alimentação inadequada, foi organizada em cinco subcategorias, que serão discutidas na sequência.

A subcategoria referente às “Reflexões sobre mitos x realidade”, traz em si concepções de que a alimentação saudável além de não ser saborosa, ainda é cara. Apesar disso, os escolares apontam para a necessidade de compreensão da alimentação saudável como um investimento na saúde e qualidade de vida.

Essa concepção de que a alimentação saudável é necessariamente muito cara e, ainda mais importante, muito mais cara do que a alimentação não saudável, não é confirmada por dados de pesquisas nacionais. De acordo com o Guia Alimentar, no Brasil, a alimentação baseada em alimentos *in natura* ou minimamente processados e em preparações culinárias feitas com esses alimentos não é apenas mais saudável do que a alimentação baseada em alimentos ultraprocessados, mas também mais acessível (BRASIL, 2014b). Reforçando esses dados, O Guia Alimentar para a População Brasileira afirma que a alimentação saudável pode ser acessível, apontando estratégias de aquisição, como economizar na compra de legumes, verduras e frutas, preferindo variedades que estão na safra, pois terão menor preço. Comprar esses alimentos em locais onde há menos intermediários entre o agricultor e o consumidor final, como “sacolões”, também pode reduzir custos. Destacando ainda que o melhor é comprar diretamente dos produtores, seja em feiras, seja por meio de grupos coletivos de compras (BRASIL, 2014a).

Com relação às concepções referentes ao mito X realidade sobre o sabor dos alimentos saudáveis como uma barreira para sua escolha, Story e colaboradores (2002)

endossam esse resultado ao verificar que para os adolescentes o sabor é um dos determinantes mais importantes na escolha alimentar, tal como a aparência, ou seja, as preferências alimentares são uma das influências mais importantes nas escolhas alimentares. Para Pinto (2013) os adolescentes demonstram uma preferência por alimentos ricos em gordura, açúcar e sal, como os doces, as batatas fritas, as bebidas açucaradas, entre outros, por considerá-los mais palatáveis. Porém, na concepção dos escolares, é necessário quebrar os paradigmas referentes à palatabilidade dos alimentos saudáveis pois o comportamento alimentar adequado relaciona-se à qualidade de vida. Nesse sentido, Kittler e Sucher (2004) destacam que estas preferências podem ser aprendidas e alteradas com a idade, dependendo do crescimento, maturação e estado hormonal de cada indivíduo, uma vez que, baseiam-se apenas nos sentidos e podem evoluir a partir de experiências e aprendizagem, cabendo aqui ações de EAN, com vistas à promoção da saúde.

Na subcategoria “Ponderações sobre comportamento e hábito alimentar” observam-se concepções referentes às práticas alimentares inadequadas e pouco saudáveis adotadas pelos escolares e as consequências advindas desses comportamentos, bem como a necessidade de estimular a prática da alimentação adequada e saudável desde idades precoces. Alguns estudos corroboram com as concepções de que os escolares apresentam uma alimentação inadequada. Reato e colaboradores (2007) que analisando os hábitos alimentares, comportamentos de risco e prevenção de transtornos alimentares em adolescentes do Ensino Médio, detectaram a preferência destes por alimentos pouco saudáveis, como chocolates e batatas fritas, e a rejeição por legumes, verduras e peixes e apontaram para a inadequação da prática alimentar dos jovens, assim como o hábito de “pular” ou substituir as refeições; Prado (2014), ao avaliar a qualidade da dieta dos escolares, destacou que estes não consomem os alimentos e nutrientes conforme a recomendação brasileira; Pedraza e colaboradores (2017) avaliaram o estado nutricional e sua associação com os hábitos alimentares de crianças escolares que frequentam a rede pública de ensino do município de Campina Grande, Paraíba e observaram o consumo de alimentos não saudáveis, inclusive dentro do ambiente escolar, evidenciado pelo consumo excessivo de alimentos ricos em açúcar como doces, guloseimas e refrigerantes, tendo como consequências as prevalências de déficit de estatura, sobrepeso e obesidade. Ainda sobre essas concepções, Bertin e colaboradores (2010) ressaltam a importância da construção de hábitos alimentares

saudáveis, por sua relevância tanto como fator de proteção em relação ao desenvolvimento de doenças, quanto de melhoria de condições de saúde na vida adulta quando adotadas as medidas apropriadas desde idades mais precoces. Nesse interim, Rodrigues e colaboradores (2011), Reis e colaboradores (2011) Piassetzki & Boff (2018) destacam os hábitos inadequados associados ao estilo de vida não saudável, desde os primeiros anos de vida, intensificam os riscos de doenças crônicas na vida adulta, sendo que a investigação precoce do consumo alimentar inadequado em crianças é necessária para que medidas de intervenção sejam realizadas o quanto antes, uma vez que essa condição é reflexo de mudanças nos hábitos alimentares dos indivíduos, os quais são construídos durante a infância e se perpetuam por toda a vida.

Já subcategoria “Influências na alimentação” abarca concepções oriundas das experiências e opiniões dos escolares em relação aos comportamentos alimentares e as influências que estão atreladas à sua adoção, quer sejam relacionadas à família, amigos, mídias ou outros fatores.

Em relação às influências na formação dos hábitos e comportamentos alimentares, os escolares ressaltam a família como responsável por disponibilizar os alimentos a serem consumidos pelas crianças e adolescentes, e, nesse sentido, Cooke, (2007) diz que a exposição frequente de determinado alimento pela família, pode influenciar o seu consumo, ressaltando que isso ocorre tanto para os alimentos saudáveis quanto para os poucos saudáveis. Neste sentido, tanto Pearson e colaboradores (2009), quanto Pardiniho e colaboradores (2019) destacam que as atividades de intervenção nutricional visando a melhoria do estado nutricional e qualidade da dieta de crianças e adolescentes devem envolver a família e ocorrer com sua cooperação e devendo ser iniciada em idades precoces para aumentar as chances de sucesso e serem continuadas com adolescentes e jovens para que os bons hábitos nutricionais permaneçam na fase adulta.

Outro ponto apontado pelos participantes que influencia seus modos de viver e se alimentar, se refere aos contextos sociais nos quais estão inseridos, com especial destaque para as propagandas veiculadas nas diversas mídias e a escola. Nesse sentido, Salvy e colaboradores (2009) ressaltam que a partir dessa base estabelecida na família, a identidade social vai se ampliando e novos pertencimentos identitários são assumidos nas fases subsequentes da vida. Um aspecto relevante relaciona-se com a prática de realizar refeições entre amigos, seja no ambiente escolar, em casa ou fora dela. A

literatura mostra que a presença de amigos durante as refeições pode influenciar no tipo e na quantidade de alimentos ingeridos. Baldissera e colaboradores (2015) reconhecem que por meio de propagandas mostradas na televisão e internet, a criança e o adolescente podem aprender conceitos errados sobre alimentos considerados saudáveis, visto que grande parte dos alimentos divulgados na mídia possui excessos de açúcares, gorduras, óleos e sódio.

Não obstante, observamos nas concepções dos escolares que a escola, como um espaço de convívio e aprendizagem, também apresenta certo crédito em relação ao desenvolvimento dos hábitos alimentares dos escolares. Scarparo (2017) corrobora com essa ideia quando diz que é relevante o tempo que uma criança ou um adolescente passa no ambiente escolar, nele os escolares fazem ao menos uma refeição e estão expostos ao influxo de informações sobre alimentação, vindas dos colegas, como também dos professores e demais membros da comunidade escolar.

Por fim a subcategoria “Olhar sobre a alimentação escolar” traz em si as concepções dos escolares relacionados à alimentação no ambiente escolar, revelando a importância da AE como um direito, um atrativo e, ao mesmo tempo uma necessidade. Os estudos de Scarparo (2017) apontam para a concordância dos professores com a afirmativa de que os escolares vão à escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia.

Em relação à oferta alimentar no espaço físico da escola e de que forma esta oferta concorre para o comportamento alimentar dos adolescentes, há, nas concepções dos adolescentes deste estudo, críticas relativas à falta de variedade de escolha de alimentos em ambiente escolar e reflexões quanto à quantidade, qualidade dos alimentos disponíveis, bem como o horário em que são ofertados. Concordando com essa visão dos escolares, destacam-se os estudos conduzidos por Bezerra (2009), Pinto (2013), Oliveira & Vassimom (2012), Fernandes e colaboradores (2014), onde Bezerra (2009), ao estudar os significados da alimentação escolar, também identificou a concepção dos alunos de que a AE servida é repetitiva e nem sempre satisfazendo suas preferências alimentares; Pinto (2013) destaca que os adolescentes criticaram a falta de variedade dos menus disponíveis na cantina escolar, enfatizando que a escolha se encontra limitada às saladas e à fruta, dado que os demais elementos que compõem a refeição se encontram fixados previamente. Oliveira & Vassimom (2012) reforçam, nesse sentido, a importância dos gestores e profissionais relacionados com a AE de se preocuparem

não apenas com a disponibilidade de alimentos para sua utilização na AE, como também com mecanismos que viabilizem o consumo efetivo de tais alimentos para o qual a educação nutricional constitui uma ferramenta essencial. Assim, o cardápio da merenda deve ser planejado de acordo com as influências culturais de cada região, no intuito de melhorar a sua aceitação, e a formação de hábitos alimentares saudáveis deve ser incentivada pelos profissionais envolvidos como as merendeiras e os nutricionistas (OLIVEIRA & VASSIMON, 2012 e FERNANDES et al., 2014).

A categoria 2, organizada em cinco subcategorias, apresenta-se as concepções dos participantes referentes às experiências vivenciadas no ambiente escolar no que tange à abordagem da alimentação adequada e saudável na escola ressaltando os aspectos referentes às ações de EAN. As concepções foram agrupadas em três subcategorias em função de seu teor e do viés de abordagem.

A subcategoria “Atuação dos professores” reúne as concepções dos escolares quanto à formação, postura e atuação professores nas ações de EAN, bem como, a superficialidade, pontualidade e descontinuidade dessas propostas no seu cotidiano escolar.

Com relação às concepções referentes ao papel do professor nas ações de EAN no ambiente escolar, observamos que os escolares reconhecem sua importância, ressaltando a necessidade de formação e capacitação do mesmo no sentido do trabalho com EAN. Concordando com essas concepções, Davanço e colaboradores (2004) referem que “o professor é o membro central da equipe de saúde escolar”, pois, além de ter maior contato com os alunos, está envolvido na realidade social de cada um e possui uma similaridade comunicativa. Configurando-se, deste modo, como agente mediador e problematizador, de modo a possibilitar a reorganização e reestruturação do conhecimento que leve uma prática reflexiva dos sujeitos sobre si e sobre as questões pertinentes às suas práticas alimentares. Os autores destacam ainda, que para que o professor se transforme em agente promotor de hábitos alimentares saudáveis, é importante que tenha, além dos conhecimentos teóricos sobre uma alimentação saudável, uma postura consciente de sua atuação na formação dos hábitos do aluno. Professores informados e motivados podem tornar-se agentes transformadores do comportamento alimentar de crianças (DAVANÇO, TADDEI & GAGLIANONE, 2004). Ainda nesse sentido, Bezerra e colaboradores (2015), afirmam que sendo o professor considerado um elemento chave para o sucesso de ações de EAN com

escolares, reforça-se a necessidade de capacitação específica sobre alimentação saudável e nutrição, com o objetivo de instrumentalizá-los para trabalhar essa temática em suas aulas. Assim, segundo Scarparo (2015), professores conscientes da importância do seu papel de educadores alimentares, podem auxiliar e contribuir significativamente nas construções e compreensões da noção da alimentação saudável das crianças e adolescentes, assim como favorecer a autonomia alimentar, tendo como possível consequência a melhora da saúde e da qualidade de vida dos seus alunos. Os achados nos estudos de Detregiachi e Braga (2011); Zancul e Gomes (2011); Machado e Carvalho (2015) reforçam a necessidade de que os professores sejam capacitados, quando apontam que ter conhecimentos sobre alimentação e nutrição não instiga, por si só, a mudança de comportamento alimentar, mas são importantes para a aquisição de atitudes alimentares positivas.

Outro aspecto relevante no discurso dos participantes faz referência à relação professor/aluno, onde a relação de amizade parece ser uma característica valorizada pelos escolares e ela se manifesta por sentimentos de aproximação, liberdade e confiança. Pontes (2013) respalda essa concepção ao afirmar, em seu estudo, que a interação efetiva entre professores e escolares pode propiciar a motivação para instigar a curiosidade dos alunos e melhorar o seu desempenho no processo de aprender e, que a presença do fenômeno da empatia, possivelmente pode contribuir para o sucesso desse procedimento. Analogamente, Paulo Freire, importante educador brasileiro, enfatiza, também, a necessidade do sentimento afetivo e amoroso na relação entre aquele que ensina e aquele que aprende, quando declara: “Não há educação sem amor. Não há educação imposta como não há amor imposto. Quem não ama, não compreende o próximo e não o respeita” (FREIRE, 1997).

Ressalta-se que nas concepções dos escolares, que as possibilidades advindas do conhecimento e capacitação dos professores podem refletir positivamente nas decisões alimentares dos escolares, familiares e do próprio professor. Nesse sentido, Boog (2010) afirma que o cuidado do professor com a sua própria saúde e bem-estar é imprescindível para o sucesso de ações de EAN, pois as atitudes dos professores com relação à alimentação e à nutrição estarão fundamentadas nas suas próprias práticas e condições de vida.

Em relação às concepções dos escolares sobre as ações de EAN no contexto escolar, revela-se a um trabalho “superficial”, mais de “orientação”, como uma

“conversa”, um “diálogo”. Silva (2017) corrobora com essas concepções ao dizer que é provável que, ao ministrarem os conteúdos, esvaziadas de uma reflexão crítica, os professores tenham uma postura centrada na simples transmissão de conhecimentos.

Já a subcategoria “Responsáveis pelas ações de EAN” apresenta concepções que demonstram a percepção da EAN como uma estratégia que requer corresponsabilização, intersetorialidade, transdisciplinaridade e interdisciplinaridade. Não devendo a mesma ficar a cargo apenas da escola ou de um professor.

Para os escolares as ações de EAN não devem ficar a cargo de uma disciplina específica e sim envolver todas as disciplinas do currículo escolar, abordando toda a integralidade que influencia os comportamentos alimentares e suas consequências. Barbosa e colaboradores (2013) e Boog (2008) concordam com essa observação e ressaltam que a EAN, ao compor o currículo escolar, pode ser trabalhada de maneira agregada aos saberes consagrados nos conteúdos escolares, e, portanto, não deve ser centrada nas relações entre os alimentos e os seus nutrientes e os benefícios para a saúde. Ademais, é fundamental ampliar as discussões sobre as possibilidades da EAN, sendo que a mesma deve envolver todas as áreas do conhecimento, uma vez que cada uma delas pode contribuir para discutir os diferentes assuntos, aspectos e dimensões que estão relacionadas com a alimentação e nutrição humana, sinalizando a necessidade de atividades transdisciplinares. Ainda nesse sentido, Barbosa e colaboradores (2013) afirmam que o ensino da temática não deve ficar restrito à área de ciências ou educação física, uma vez que a alimentação possibilita a relação com diversos conteúdos e áreas de conhecimento. Ao mesmo tempo, as práticas de EAN não devem ser restritas à sala de aula ou a ações pontuais ou fragmentadas, sendo pertinente o planejamento e desenvolvimento de um conjunto de estratégias. E, para isso se efetivar, os diferentes atores da comunidade escolar devem estar educados do ponto de vista da alimentação, assim como devem apoiar e incentivar a EAN, já que esta é uma ação que envolve e demanda um aporte teórico e técnico das diferentes áreas e profissionais.

Alinhando-se às concepções expostas, o Marco de Referência (BRASIL, 2012) reconhece a EAN como uma estratégia preconizada pelas políticas públicas em alimentação e nutrição, sendo considerada um importante instrumento para promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional. Enquanto política pública, a EAN deve ocorrer através da articulação dos distintos setores governamentais, de forma que se corresponsabilizem pela garantia da alimentação adequada e saudável. Neste processo

cada setor poderá ampliar sua capacidade de analisar e de transformar seu modo de operar, a partir do convívio com a perspectiva dos outros setores, abrindo caminho para que os esforços de todos sejam mais efetivos e eficazes.

Por fim, a subcategoria “Proposta de EAN” revela a idealização de uma proposta de intervenção que seja significativa e contextualizada com a realidade dos escolares, tenha como premissa o protagonismo, que utilize metodologias ativas e investigativas, gerando reflexões e auxiliando na tomada de decisão com vistas à autonomia alimentar e promoção da saúde no ambiente escolar.

Corroborando com essas concepções, Antunes (1999) destaca que quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a ressignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas, assim, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. Assim, é necessário aliar os conhecimentos e opiniões dos escolares com os conhecimentos teóricos e práticas pedagógicas para que façam sentido e colaborem para a aprendizagem. Também Ausubel (1982), em sua Teoria da Aprendizagem significativa, prevê a necessidade de que o aprendiz se colocar como sujeito ativo e não passivo em seu processo de aprendizagem. Para o autor, aprendizagem significativa ocorre quando o aprendiz é capaz de receber novas informações e racionalizar, de forma a construir uma interação com o que já se sabe previamente e o que se acabou de conhecer (AUSUBEL, 1982). No mesmo sentido, Ferretti (2003) afirma que o escolar deve ser protagonista e atuar de forma autêntica e participativa, propondo iniciativas e assumindo lideranças, deixando o papel de coadjuvante, para tornar-se dinamizador de atitudes e ações não só individuais, mas, também na sua comunidade.

Além disso, os escolares destacam, em suas concepções, que as ações de EAN devem ocorrer envolvendo todos os segmentos da escola, independente do ano de escolaridade e do nível cognitivo. Concordando com essa concepção, Mikkilä e colaboradores (2004) e Prado e colaboradores (2016) afirmam que as ações de EAN devem ocorrer de forma contínua e permanentemente desde a infância, uma vez que as mudanças nos padrões alimentares, associadas a outros fatores tem contribuído para a elevada prevalência de doenças metabólicas e ao seu aparecimento em idades cada vez mais precoces. Assim, as intervenções no âmbito da EAN devem contemplar todos os

escolares de modo a aumentar o alcance de seus objetivos e solidificar comportamentos alimentares adequados ao longo de todas as fases da vida.

No que tange à concepção relativa à necessidade de ações onde o escolar seja protagonista, Costa (2000) concorda e destaca que “uma ação protagonista pressupõe etapas a serem percorridas; isto é, o aluno não alcança sua autonomia sem ter vivenciado algumas formas de relação com a escola para que a ação exista, é preciso que haja iniciativa, planejamento, execução, avaliação e apropriação dos resultados”. As etapas são: dependência, colaboração e, finalmente, autonomia. Na relação de dependência, a iniciativa, o planejamento, a execução, a avaliação e a apropriação dos resultados são propostos e realizados unilateralmente pelos professores. Na forma de colaboração, os educadores e os jovens discutem e compartilham durante todas as etapas. Finalmente, ao alcançarem autonomia (que não elimina o papel do professor como facilitador), os alunos tomam a iniciativa, planejam o que vai ser feito, executam o que foi planejado, avaliam a ação realizada e se apropriam dos resultados (COSTA, 2000).

Nesse âmbito, a publicação “Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional”, do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS, 2018) partindo do princípio que educar não é apenas instruir e passar conhecimento, mas é oferecer uma experiência significativa, que prepare o indivíduo para a vida, é importante que as práticas em EAN possibilitem aos sujeitos envolvidos no processo, a oportunidade de serem agentes de suas próprias escolhas. Não devemos esquecer que, para as pessoas se colocarem no papel de protagonistas de suas escolhas e mudanças, é necessário que estejam motivadas e informadas sobre as possibilidades das mesmas. Portanto, se faz necessário criar espaços de diálogos contextualizados com a realidade local, que proporcionem a participação ativa e consciente dos sujeitos para construção de cidadãos críticos, que se enxerguem envolvidos não apenas com a conquista do seu próprio bem-estar, mas também com o de seus semelhantes (MDS, 2018).

No sentido das concepções referentes ao uso de metodologias ativas e investigativas, notamos que o texto do Marco de Referência (BRASIL, 2012) aponta que “a prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema

alimentar e as interações e significações que compõem o comportamento alimentar”. Concordando com o Marco, Oliveira, Souza & Santos (2016) diz que a prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais. Segundo Bezerra (2018) a problematização da realidade pessoal e social e o diálogo são sustentáculos de uma ação educativa que se propõe promover uma formação crítica e autônoma do ser humano, notadamente, em relação às dimensões indispensáveis de sua existência, que fazem parte da cultura material, como é o caso da alimentação. No mesmo viés, Oliveira et al (2018) afirma que as metodologias ativas são importantes meios para a formação crítica e reflexiva dos escolares por meio de processos de ensino-aprendizagem que favorecem a autonomia e a curiosidade dos educandos e aliada a EAN, reforça o ensino em nutrição como forma de promoção a saúde da população brasileira sendo efetiva, especialmente, na adesão dos escolares.

Vale destacar que, como um desdobramento das discussões de grupo focal, os escolares foram desafiados a elaborarem uma proposta de intervenção didática com estratégias interessantes, contextualizadas, investigativas, acessíveis e significativas para os estudantes do ensino médio, de forma a auxiliá-los em suas escolhas alimentares gerando conhecimento, atitude e autonomia alimentar. Os aspectos norteadores para uma proposta de intervenção elaborada são apresentados no “APÊNDICE G” desse estudo.

Ressalta-se, ainda, que os resultados desse estudo foram apresentados para toda a comunidade da escola participante do estudo, com vistas a sensibilizar, pais, professores, alunos e demais envolvidos nos processos educativos, para a importância de cada um na realização das ações de EAN. Pretende-se que a proposta de intervenção resultante desse estudo seja de fato executada, considerando-se as concepções aqui apuradas, de modo a potencializar as ações de EAN no contexto escolar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos elementos apresentados, considera-se que os objetivos propostos foram atingidos uma vez que foi possível identificar e analisar as concepções sobre o ensino da temática alimentação adequada e saudável no ambiente escolar, tanto de professores quanto de escolares. Neste sentido, acredita-se que foi acertada a escolha de investigar as concepções desses dois importantes atores da educação.

Dado que os professores participantes desse estudo atuam na rede pública de ensino, apresentam graduação em Ciências Biológicas com habilitação em licenciatura e possuem uma média de experiência na docência em torno de 13 anos, evidencia-se que esta se constituiu uma amostra relevante dos professores em relação a como se dá o ensino da temática da alimentação saudável na escola pública de educação básica, especificamente no Ensino Médio, mesmo não atingindo a amostra planejada.

Os professores reconhecem sua importância frente às atividades de EAN, e demonstram concepções de que devem atuar em parceria com profissionais de outros setores (intersectorialidade) ou com outros professores (transdisciplinaridade e interdisciplinaridade), através de abordagem transversal. Destacam a necessidade de que lhes sejam ofertados cursos de capacitação e formação sobre o tema e que sejam desenvolvidos e disponibilizados materiais didático e de apoio pedagógico.

Os professores também reconhecem que os escolares têm interesse em atividades que envolvem a temática alimentação adequada e saudável, havendo a necessidade de que sejam propostas ações de EAN no ambiente escolar, de forma permanente e contínua, com metodologias ativas e problematizadora, contextualizadas com a realidade do escolar, que permitam seu protagonismo na construção do conhecimento.

Nas concepções dos professores referentes às influências na formação de hábitos e comportamentos alimentares dos escolares, destacaram-se os adultos com os quais convivem (incluindo o professor), a família, os amigos e as mídias, indicando que as atividades de EAN devem envolver toda comunidade escolar (escolares, colaboradores, professores e família) visando aumentar seu alcance enquanto prática promotora da saúde.

Em relação às concepções dos escolares sobre a temática em questão, verificou-se que embora eles apresentem certo “preconceito” em relação ao custeio e à

palatabilidade dos alimentos saudáveis, aponta-se para reflexões a cerca da necessidade de compreender a alimentação adequada e saudável como um investimento em saúde a longo prazo. Há também o reconhecimento de que a alimentação inadequada traz consigo consequências como obesidade e agravos à saúde associados, sendo necessário estimular a adoção da alimentação adequada e saudável desde idades precoces.

Os escolares identificam que a família, amigos, mídias ou outros fatores referentes ao seu meio social, influenciam a formação de hábitos e comportamentos adequados e/ou inadequados e que a AE é reconhecida por sua importância assistencial, pedagógica, bem como um atrativo para evitar a evasão, além de um direito constituído. Há uma boa aceitação da AE, porém com ressalvas a alguns itens ofertados, a pouca variação do cardápio e baixa frequência da oferta de frutas, verduras e legumes.

Com relação às experiências vivenciadas no ambiente escolar, os escolares apontam o professor como estratégico para as ações de EAN, sendo o mesmo corresponsável pela efetivação de tais ações, são citadas parcerias deste com os agentes do PSE (nutricionistas, enfermeiros, etc) ou outros profissionais que se fizerem pertinentes. Relatam que as atividades de EAN devem ocorrer envolvendo todos os segmentos da educação, professores de todas as disciplinas, de forma interdisciplinar e transversal.

Os escolares identificam as atividades de EAN que vivenciaram como sendo pontuais, superficiais e descontínuas. Sinalizando que há a necessidade de contextualização, significação, proposição de metodologias diversificadas e ativas que os permitam serem protagonismo nas ações.

Por fim, a análise das concepções aprendidas forneceu subsídios favoráveis para planejar e implementar ações, estratégias, programas e materiais de apoio com a realidade do contexto escolar da escola pública, de modo a atender às necessidades e demandas de todos os envolvidos, aprimorando o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de EAN para promoção da saúde e da SAN.

A intervenção didática no sentido da EAN que emergiu das concepções dos escolares revela a idealização de uma proposta que atenda a realidade vivenciada por eles no contexto escolar, tendo como premissa as perspectivas de aumentar a participação dos escolares no processo de construção do conhecimento (protagonismo), gerar reflexões e tomada de decisão com vistas à autonomia alimentar e promoção da saúde no ambiente escolar.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A.G. et al. **Knowledge of educators and dieticians on food and nutrition education in the school environment.** Rev Nutr 2013; 26(3):291300.

AUSUBEL DP. **A aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel.** SP: Moraes; 1982.

ANDRADE, C.R.; CARDOSO, L.R. **Educação nutricional na escola: desafios nas aulas de ciências.** IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, SE. 2013. ISSN 1982-365

ANTUNES C. **Alfabetização emocional: novas estratégias.** 12ª ed. Petrópolis: Vozes; 1999.

ASSIS, S. S.; BORGES, J. N.; PAPOULA, N. DA R. P. R.; SANTIAGO, C. M. DA S.; TEIXEIRA, G. A. P. B. **Educação em saúde – proposta de utilização de um modelo no ensino de ciências.** REMPEC – Ensino, Saúde e Ambiente, Niterói, v.3 n.2, p. 108-120, agosto, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA [Internet]. Mapa da Obesidade. Higienópolis; 1986-2017. [atualizado 2017; citado 2017 maio 5]. Disponível em: <http://www.abeso.org.br/atitude-saudavel/mapa-obesidade>

AZEREDO CM, REZENDE LFM, CANELLA DS, CLARO RM, CASTRO IRR, CARMO LUIZ O, et al. **Dietary intake of Brazilian adolescents.** Public Health Nutr 2015; 18:1215-24.

BALDISSERA G; SILVA SP; ZANETI ICBB; HAGEN MK; MAGALHÃES CR. **Práticas e hábitos alimentares de crianças e adolescentes: a relação entre os aspectos socioculturais e midiáticos.** Revista Caderno Pedagógico, v. 12, n. 1, 2015.

BARBOSA, E.F.; MOURA, D.G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica.** B. Tec. Senac. Rio de Janeiro, v.39, n.2, p.48- 67, maio/ago. 2013.

BARDIN L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70; 1977. BARDIN,

L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 280p.

BARRETO, R. de O.; PAULA, A.P.P de. **“Rio da vida coletivo”: empoderamento, emancipação e práxis.** Revista de Administração Pública – RAP. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, v.48, n.1, 2014.

BENTLEY et al. **Recent origin and evolution of obesity-income correlation across the United States.** Palgrave Communications, Palgrave Macmillan, 2018.

BERNARD, A. **Promoção da alimentação saudável no contexto do currículo escolar.** 2016. 129 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí, RS, 2016.

BERTIN, R.L., KLARKLE, E.N.L., ULBRICH, A.Z., STABELINI-NETO, A., BOZZA, R., ARAUJO, I. Q. **Estado Nutricional e consumo alimentar de adolescentes da rede pública de ensino da cidade de São Mateus do Sul, Paraná.** Rev Bras Saude Matern Infant.;8(4):435-43, 2008.

BERTIN RL, MALKOWSKI J, ZUTTER LCI, ULBRICH AZ. **Estado nutricional, hábitos alimentares e conhecimento de nutrição em escolares.** Rev Paul Pediatr 2010; 28(3):303-308

BEZERRA, J. A. B. **Alimentação e escola: significados e implicações curriculares da merenda escolar.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14 n. 40, p. 103-115, 2009.

BEZERRA, K. F.; CAPUCHINHO, L.C.F.M.; PINHO, L.. **Conhecimento e abordagem sobre alimentação saudável por professores do ensino fundamental.** Demetra; 2015; 10(1); 119-131.

BEZERRA, J.A.B. **Educação alimentar e nutricional: articulação de saberes –** Fortaleza: Edições UFC, 2018. 120p.:il.

BLEIL RAT, SALAY E, SILVA MV. **Adesão ao Programa de Alimentação Escolar por alunos de instituições públicas de ensino no Município de Toledo, PR.** SAN 2009; 16:65-85.

BOOG, M. C. F. **Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável.** Revista Ciência & Saúde, v. 1, n. 1, p. 33-42, 2008.. Programa de educação nutricional em escola

BOOG, M.C.F. **Programa de educação nutricional em escola de ensino fundamental de zona rural.** Rev. Nutr., Campinas , v. 23, n. 6, p. 1005-1017, dez. 2010.

BOOG, M. C. F. **Educação em Nutrição: integrando experiências.** 1. ed. Campinas-SP: Komedi, 2013. p. 286.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Obesidade / Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica nº 12.** Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003: antropometria e análise do estado nutricional de crianças e adolescentes no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE; 2006.

BRASIL. **A Horta escolar dinamizando o currículo da escola**. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual Operacional para Profissionais de Saúde e Educação: **Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas**. 2008. 152p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_operacional_profissionais_saude_e_ducacao.pdf>

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Brasília, 2009.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento**. - Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 150 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, 2012a. Disponível em: <www.fasi.edu.br/files/biblioteca/nut/Marco_referencia_textocompleto_educacaoalimentar.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica**. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013a.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução Nº 26 de 17 de Junho de 2013**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação escolar (PNAE). Diário Oficial da União [Internet], Brasília, 2013b.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF, Ministério da Educação, 2013c. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>.

BRASIL. **Resolução CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. *Diário Oficial da União* 2013 d.

BRASIL, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição, Departamento de Atenção Básica, Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira – 2. ed.** – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**. Rio de Janeiro. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde, Brasília: Ministério da Saúde, 2018a. 152p.

BRASIL. **Lei nº 13.666, de 16 de maio de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir o tema transversal da educação alimentar e nutricional no currículo escolar. Brasília, 2018b.

CAMOZZI, A.B.Q. et al. **Promoção da Alimentação Saudável na Escola: realidade ou utopia?**. Cad. Saude Colet., Mar 2015, vol.23, no.1, p.32-37. ISSN 1414-462

CARDOSO, R. A. de C.; MOREIRA, M. C. do A. **O Tema Alimentação em Livros Didáticos de Ciências**. Ciência em Tela, v.9, n.3, 2016.

CARVALHO CA, FONSÊCA PCA, PRIORE SE, FRANCESCHINI SCC, NOVAES JF. **Consumo alimentar e adequação nutricional em crianças brasileiras: revisão sistemática**. Rev Paul Pediatr. 2015;33(2):211-221.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **School Health Guidelines to Promote Healthy Eating and Physical Activity**. MMWR. 2011;60(5):1-74.

COOKE L. **The importance of exposure for healthy eating in childhood: A review**. J Hum Nutr Diet. 2007;20(4):294–301.

CORRÊA, K; GOUVÊA, GR; SILVA, MAV DA, POSSOBON, R F; BARBOSA, LFDE LN; PEREIRA, AC; MIRANDA, LG & CORTELLAZZI, K. **Qualidade de vida e características dos pacientes diabéticos**. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2017. 22(3): 921-930.

COSTA, ACG. - **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DALL'AGNOL C. M; e TRENCH, M H. **Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisa na Enfermagem**. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre, v.20, n.1, p.5-25, jan. 1999.

DAVANÇO GM, TADDEI JAA, GAGLIANONE CP. **Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a curso de educação nutricional**. Rev Nutr. 2004;17(2):177-84.

CUNHA DT, GONÇALVES HVR, LIMA AFA, MARTINS PA, ROSSO VV, STEDEFELDT E. **Regional food dishes in the Brazilian National School Food Program: Acceptability and nutritional composition.** *Rev Nutr* 2014; 27(4):423-434.

DETREGIACHI, CRP; BRAGA, TMS. **Healthy child education project, the best education”: results with and without the dietician’s intervention.** *Rev. Nutr.*, Campinas , v. 24, n. 1, p. 51-59, Feb. 2011.

EDMUNDS, H. **The focus froup research handbook.** USA; McGraw – Hill, 1999.

ENES CC, SLATER B. **Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes.** *Rev Bras Epidemiol.* 2010;13(1):163-71.

FAO, FIDA, UNICEF, PMA y OMS. **El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo. Fomentando la resiliencia climática en aras de la seguridad alimentaria y la nutrición.** FAO, Roma, 2018.

FERNANDES AGS, FONSECA ABC, SILVA AA. **Alimentação escolar como espaço para educação em saúde: percepção das merendeiras do município do Rio de Janeiro, Brasil.** *Cien Saude Colet* 2014; 19(1):39-48.

FERREIRA, V A.; MAGALHAES, R. **Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais.** *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , v. 23, n. 7, p. 1674-1681, July 2007 .

FIES. Federação da Indústrias do Estado de São Paulo. **A mesa dos brasileiros – transformações, confirmações e contradições.** São Paulo - SP. 2018. Disponível em: www.fiesp.com.br/mesa

FIGUEIREDO IA. **Influência das capacitações na implementação do Programa Nacional de Alimentação Escolar em Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília – UnB, Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERRETTI CJ. **A reforma do ensino médio: uma crítica em três níveis.** *Rev Linguagens, Educação e Sociedade.* 2003;9:41-9

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, H. M. R.; CUNHA, M. V. M., JR., & MOSCAROLA, J. **Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo.** *Revista de Administração da USP*, 32(3), 97-109, 1997.

FREITAS MCS, MINAYO MCS, RAMOS LB, FONTES GV, SANTOS LA, SOUZA EC, SANTOS AC, MOTA SE, PAIVA JB, BERNARDELLI TM, DEMÉTRIO F,

MENEZES I. Escola: lugar de estudar e de comer. *Cien Saude Colet* 2013; 18(4):979-985.

FONSECA, GF; SOARES, MA, MAGALHÃES, RCBP. **Conceptions about teaching and learning of degree students from de Federal University of Rio Grande do Norte: an exploratory study.** *Research, Society and Development*, v. 1, n. 2, p. 168-181, ago. 2016.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GAGLIANONE CP, TADDEI JAAC, COLUGNATI FAB, MAGALHÃES CG, DAVANÇO G, MACEDO L, et al. **Nutrition education in public elementary schools of São Paulo, Brazil: the reducing risks of illness and death in adulthood project.** *Rev. Nutr.* 2006; 19(3):309-320.

GALLINA, L.S. et al. **Hábito alimentar do professor: importante elemento para a promoção da saúde no ambiente escolar.** *Rev. Simbio-Logias*, V.6, n.9, Dez/2013.

GILBERT, MJ. **The antropologist as alcoholologist: qualitativive perspectives and methods in alcohol research.** *Int J Addict*, v.25, n.2A, p.127-48, 1990-91.

GUERRA PH; FARIAS JR JC; FLORINDO AA. **Comportamento sedentário em crianças e adolescentes brasileiros: revisão sistemática.** *Revista de Saúde Pública*, v. 50, 2016

JUZWIAK CR, CASTRO PM, BATISTA SHSS. **A experiência da Oficina Permanente de Educação Alimentar e em Saúde (OPEAS): formação de profissionais para a promoção da alimentação saudável nas escolas.** *Ciênc Saúde Coletiva*. 2013;18(4):1009-18..

JUZWIAK, C. R. **Era uma vez...um olhar sobre o uso dos contos de fada como ferramenta de educação alimentar e nutricional.** *Interface (Botucatu)*, v. 17, n. 45, p. 473-484, 2013.

KITTLER, P., SUCHER, K. **Accent on taste: An applied approach to multicultural competency.** *Diabetes Spectrum*, 17, 200-204, 2004.

LAGO RR, RIBEIRO THT, SOUZA MNC. **Hábitos alimentares de adolescentes: uma revisão de literatura.** *Adolescência e Saúde*. 2016;13(4):98-103.

LOUZADA MLC, BARALDI LG, STEELE EM, MARTINS APB, CANELLA DS, MOUBARAC JC, et al. **Consumption of ultra-processed foods and obesity in Brazilian adolescents and adults.** *Prev Med* 2015; 81:9-15.

LWANGA SK, LEMESHOW S. **Sample Size Determination in Health Studies.** Geneva: World Health Organization, 1991.

MACHADO V.M.; CARVALHO D.S. **Elaboração de uma sequência didática sobre hábitos alimentares e nutricionais saudáveis como contribuição para as aulas de**

ciências no ensino fundamental. Interfaces da Educ., Paranaíba, v.6, n.17, p.188-205, 2015.

MADRUGA SW; ARAÚJO CLP; BERTOLDI AD; NEUTZLING MB. **Manutenção dos Padrões Alimentares da Infância à Adolescência.** Rev Saúde Pública 2012; 46(2): 376-86.

MAGALHÃES QVB; CAVALCANTE JLP. **Educação alimentar e nutricional como intervenção em hábitos alimentares saudáveis no ambiente escolar.** Rev de Pol Púb - SANARE, Sobral - V.18 n.01,p.59-67, Jan./Jun. – 2019.

MAHAN, K.L.; ESCOTT-STUMP, S. Krause: **Alimentos, Nutrição e Dietoterapia.** 14ed. São Paulo: Roca, 2018.

MIKKILÄ V, RÄSÄNEN L, RAITAKARI OT, PIETINEN P, VIKARI J. **Longitudinal changes in diet from childhood into adulthood with respect to risk of cardiovascular diseases: The Cardiovascular Risk in Young Finns Study.** Eur J Clin Nutr. 2004;58(7):1038-45. DOI:10.1038/sj.ejcn.1601929

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SESAN. Departamento de Estruturação e Integração dos Sistemas Públicos Agroalimentares – DEISP. **Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social, 2018, 50p.

MONTEIRO CA, CANNON G, LEVY RB et al. **NOVA. A estrela brilha.** [Classificação dos alimentos. Saúde Pública.] World Nutrition Janeiro-Março 2016, 7, 1-3, 28-40.

MONTEIRO, G.T.R.; HORA, H.R.M. **Pesquisa em saúde pública: como desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados.** 1. Ed. Curitiba: Appris, 2014. 112p.

MUNIZ, V. M.; CARVALHO, A. T. **O Programa Nacional de Alimentação Escolar em município do estado da Paraíba: um estudo sob o olhar dos beneficiários do Programa.** Revista de Nutrição, Campinas, v.20, n.3, p.285-296, 2007.

NASCIMENTO, VM. **Educação alimentar e nutricional: percepção de professores, coordenadores pedagógicos e nutricionistas.** 2016. 202f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, ACS; SOUZA, LMB ;SANTOS, FT. **Projeto de educação nutricional com crianças de uma escola particular do estado de São Paulo.** Revista FATEC Sebrae em debate: gestão, tecnologias e negócios. Vol. 3. Num. 5. p. 197.2016.

OLIVEIRA, AM; MASIERO F SILVA OCG; BARROS SG. **Metodologias ativas de ensino e aprendizagem na educação alimentar e nutricional para crianças: uma visão nacional.** Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. 2018 - rbone.com.br

OLIVEIRA MC, VASSIMON HS. **Programa Nacional de Alimentação Escolar e sua aceitação pelos alunos: uma revisão sistemática.** *Investigação* 2012; 12(1):4-10.

OLIVEIRA MN; SAMPAIO TMT; COSTA EA. **Educação nutricional de pré-escolares—um estudo de caso.** *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, v. 25, n. 1, p. 093-113, 2014.

OLIVEIRA N, SANTOS SMC. **Práticas alimentares na escola: um estudo de caso na cidade do Salvador.** In: Freitas MCS, Amparo-Santos L, Fontes GAV, Ramos L, organizadoras. *Narrativas sobre cuidado alimentar e o comer na escola.* Salvador: EDUFBA; 2016. p. 233-46.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946.**

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. **Reforma Sanitária Brasileira em perspectiva e o SUS. Saúde Coletiva: teoria e prática.** Rio de Janeiro: MedBook, 2014. p. 13-27

PARDINO JS ; CAMPOS, LR ; FERREIRA, V. A. ; NEUMANN, D. ; PIRES, ISC . **Oficinas de educação alimentar e nutricional: um estudo com escolares em Minas Gerais, Brasil.** *REVISTA BRASILEIRA DE OBESIDADE, NUTRIÇÃO E EMAGRECIMENTO*, v. 13, p. 238-248, 2019

PEARSON, N; BIDDLE, SJH; GORELY, T. **Family correlates of fruit and vegetable consumption in children and adolescents: a systematic review.** *Public Health Nutrition*. 2009, 12(2): 267-283.

PEDRAZA DF, SILVA FA, DE MELO NLS, ARAUJO EMN, SOUSA CPC. **Nutritional status and eating habits of schoolchildren in Campina Grande in the State of Paraíba, Brazil.** *Cienc Saúde Colet*. 2017; 22(2):469-77

PEIXINHO AML. **A trajetória do Programa Nacional de Alimentação Escolar no período de 2003-2010: relato do gestor nacional.** *Cien Saude Colet* 2013; 18(4):909- 916.

PEREIRA, TS; PEREIRA, R C; ANGELIS-PEREIRA, MC. **Influência de intervenções educativas no conhecimento sobre alimentação e nutrição de adolescentes de uma escola pública.** *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 22, n. 2, p. 427-435, Feb. 2017 .

PIASETZKI, C., & BOFF, E. **Educação alimentar e nutricional e a formação de hábitos alimentares na infância.** *Revista Contexto & Educação*. 2018, 33(106), 318-338

PINTO, C. Q. **Atitudes e percepções dos adolescentes face à alimentação: estudo exploratório nos agrupamentos de escolas do município de Estarreja.** *Dissertação de Mestrado em Ciências do Consumo Alimentar.* Universidade Aberta. Porto, Portugal. 2013.

PONTES, L. **A empatia no processo de ensinar e aprender: um estudo com professores do curso de graduação em enfermagem de uma Universidade Pública.** Tese (doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2013.

PORTO, EBSs; SCHMITZ, BAS; RECINE, E E RODRIGUES, M LCF. **As cantinas escolares do Distrito Federal, Brasil e a promoção da alimentação saudável.** *Rev. Nutr.* [online]. 2015, vol.28, n.1, pp.29-41.

PRADO BG. **Qualidade da dieta de escolares do município de São Paulo** [tese de doutorado]. São Paulo. Faculdade de Saúde Pública da USP; 2014.

PRADO, B.G et al. **Food and nutrition educational action for students: an experience report.** *Demetra*; 2016; 11(2); 369-382.

RAIMUNDO, L. M. B.; BATALHA, M. O. & TORKOMIAN A. L. V. **Dinâmica tecnológica da Indústria Brasileira de Alimentos e Bebidas (2000-2011).** *Gestão & Produção*, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 423-436.4. 2017.

RAMOS M, STEIN LM. **Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil.** *Jornal de Pediatria.* 200; 76:229-37.

REATO, FNL, HARADA, RM, HATAKEYAMA, TT, KITaura, AR, NAGAOKA, BM, PERESTRELO, VB. **Hábitos alimentares, comportamentos de risco e prevenção de transtornos alimentares em adolescentes do Ensino Médio.** *Revista Paulista de Pediatria* [en linea] 2007

REIS CEG, VASCONCELOS IAL, OLIVEIRA OMV. **Panorama do estado antropométrico dos escolares brasileiros.** *Rev Paul Pediatr* 2011; 29(1):108-116.

RODRIGUES PA, MARQUES MH, CHAVES MGAM, SOUZA CF, CARVALHO MF. **Prevalência e fatores associados a sobrepeso e obesidade em escolares da rede pública.** *Cien Saude Colet* 2011; 16(Supl. 1):1581-1588. 9.

SALVY SJ, HOWARD M, READ M, MELE E. **The presence of frienda increases food intake in youth.** *Am J Cien Nutr.* 2009; 90:267-7.

SANTANA LM, ARRUDA RM, ALMEIDA LI, MACIEL CM. **Horta Escolar como Recurso no Ensino de Ciências na Perspectiva da Aprendizagem Significativa.** *Revista de Ciências Exatas e Tecnologia* 2015; 9:37-45.

SANTOS FILHA EO, ARAÚJO JS, BARBOSA JS, GAUJAC DP, SANTOS CFS, SILVA DG, **Consumo dos grupos alimenares em crianças usuárias da rede pública de saúde do município de Aracaju, Sergipe.** *Rev Paul Pediatr* 2012; 30(4):529-536

SANTOS, L. A. S. **O fazer educação alimentar e nutricional : algumas contribuições para reflexão.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 2, p. 453-462, 2012.

SCARPARO, A L S; MARQUES, T B I; PINO, J C D. **O ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar.** X Encontro Nacional de Pesquisa em

Educação em Ciências – X ENPEC. Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de Novembro de 2015.

SCARPARO, A L S. **Crenças sobre o ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar.** Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, 2017.

SILVA, A C S. **As significações atribuídas à educação alimentar e nutricional por professores do ensino fundamental das escolas municipais de Diamantina/MG.** Diamantina, 2017. 132 p. : il.

SILVA, AH; FOSSÁ, MIT. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos.** Qualitas Revista Eletrônica, [S.l.], v. 16, n. 1, may 2015. ISSN 1677-4280.

SILVA MC, NASCIMENTO MS, CARVALHO LMF. **Ingestão de alimentos industrializados por crianças e adolescentes e sua relação com patologias crônicas: uma análise crítica de inquéritos epidemiológicos e alimentares.** Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento – RBONE. São Paulo. v. 12. n. 75. Suplementar 1. p.960-967. Jan./Dez.2018.

SILVA, C.S.R. et al. **Formação docente e prática pedagógica dos professores da educação básica.** Revista Intersaberes, v.11, n.24, 2016. ISSN: 18097286

SOARES, A.C.F.; LAZZARI, A.C.M.; FERDINANDI, M.N. **Análise da importância dos conteúdos da disciplina de educação nutricional no ensino fundamental segundo professores de escolas públicas e privadas da cidade de Maringá – Paraná.** Rev. Saúde Pesqui., v.2, n.2, p.179-184, 2009.

SOUZA, T. S. N.; ROTENBERG, S. **Práticas educativas aplicadas à nutrição clínica.** PRONUTRI, v. 4, p. 65-104, 2014.

STORY, M., NEUMARK-SZTAINER, D. e FRENCH, S. (2002), **“Individual and environmental influences on adolescent eating behaviors”**, Journal of The American Dietetic Association, 102, 3, S40-S51.

TEIXEIRA, TC, SIGULEM, DM, CHAVES CORREIA, I, **Avaliação dos conteúdos relacionados à nutrição contidos nos livros didáticos de biologia do ensino médio.** Revista Paulista de Pediatria [en línea] 2011.

TEO, C.R.P.A.; MONTEIRO, C.A. **Marco legal do Programa Nacional de Alimentação Escolar: uma releitura para alinhar propósitos e prática na aquisição de alimentos.** Revista de Nutrição, v.25, n.5, p. 657-668, 2012.

THIESEN, J.S. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2008, vol.13, n.39, pp. 545- 554.

TORAL N.; CONTI M.A.; SLATER B. **A alimentação saudável na ótica dos adolescentes: percepções e barreiras à sua implementação e características esperadas em materiais educativos.** Cad. Saúde Pública. 2009;25(11): 2386-94

TRICHES RM, GIUGLIANI ERJ. **Obesidade, práticas alimentares e conhecimentos de nutrição em escolares.** *Rev Saúde Pública* 2005; 39(4): 541-7.

VALENTIM EA, ALMEIDA CCB, TACONELI CA, OSÓRIO MM, SCHMIDT ST. **Fatores associados à adesão à alimentação escolar por adolescentes de escolas públicas estaduais de Colombo, Paraná, Brasil.** Cad Saúde Pública. 2017;33(10)

VIAN, V. **Ensino médio politécnico: relação entre a pesquisa e o professor pesquisador.** Centro Universitário UNIVATES, Programa de Pós-Graduação em Ensino [dissertação]. Lajeado, junho de 2015

ZANCUL, M.S. & GOMES, P.H.M. (2011). **A formação de licenciandos em Ciências Biológicas para trabalhar temas de Educação em Saúde na escola.** Ensino, Saúde e Ambiente, 4 (1), 49-61.

WEFFORT VRS; ESCRIVÃO MAMS; MELLO ED; OLIVEIRA FLC; ROCHA HF. **Lanche Saudável-Manual de orientação.** Sociedade Brasileira de Pediatria. Departamento Científico de Nutrologia, 2012.

WENDLING NMS. **Medidas hipertensivas arteriais em escolares. Impacto do nível de atividade física, adiposidade corporal e ingestão de sódio** [dissertação]. 156 F.Curitiba/PR: Universidade Federal do Paraná, 2013.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Non communicable diseases country profiles 2011.** Geneva: World Health Organization; 2011.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity and Overweight: situation.** Global Health Observatory (GHO) 2016 [online]. (Available in: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>).

YOKOTA, R T C; VASCONCELOS, T F; PINHEIRO, A R O; SCHMITZ B DE A S; COITINHO D C; RODRIGUES M L C F. **Projeto "a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis": comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil.** Rev. Nutr. 2010; 23(1): 37-47.

Apêndice A - Questionário

Prezado(a) colega do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia – PROFBIO;

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo “Ensino da temática alimentação saudável nas aulas de biologia em escolas públicas brasileiras”.

Esta etapa da pesquisa tem por objetivo verificar a concordância ou discordância dos professores de biologia frente a afirmações relacionadas ao ensino da alimentação saudável no ambiente escolar. Espera-se que os resultados do trabalho proporcionem dados para planejar futuras ações de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar e possam subsidiar o planejamento de momentos de discussão e reflexão desta temática na formação dos educadores, como por exemplo, em atividades do PROFBIO. Vale informar que o projeto de pesquisa já foi submetido e aprovado pelo COEP (PARECER N° 2.692.897).

Agradecemos a sua atenção e a disponibilidade de contribuir com essa pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, professor (a) de Biologia, matriculado (a) no programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PRPFBIO), de forma livre e esclarecida aceito participar do presente estudo e autorizo a pesquisadora Daniela de Sousa Braga, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, cujo tema do projeto de pesquisa é “Ensino da temática alimentação saudável nas aulas de biologia em escolas públicas brasileiras” sob orientação da Prof^a Dr^a Janice Henriques da Silva Amaral, a utilizar-se das informações obtidas através do questionário do qual participo.

O instrumento me foi enviado por e-mail na forma de documento GoogleDocs - formulários, com tempo de preenchimento de aproximadamente, 10 a 15 minutos e portanto a minha participação no estudo implica riscos mínimos. Ao clicar em "enviar formulário" aceitei participar da pesquisa, disponibilizando os dados preenchidos para serem utilizados com fins acadêmicos e divulgados por meio de artigos científicos e publicações em revistas e eventos na área de educação e/ou nutrição. As informações, quando utilizadas, terão como preceito o sigilo, o anonimato e preservarão da minha integridade física e moral. A minha vontade em participar da pesquisa será respeitada. Tendo o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase do estudo, independente do motivo e sem nenhuma penalidade ou prejuízo.

Para qualquer informação a respeito dessa pesquisa devo entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: danielaprofbio@yahoo.com.br ou telefone: (34) 99887-4892. Declaro estar ciente desse termo e concordo com o acima exposto.

Endereço do responsável pela pesquisa: Dra. Janice Henriques da Silva Amaral
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço: Av. Antônio Carlos, no 6627 Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco K3/ sala 319. Bairro: /CEP/Cidade: Pampulha, BH/MG CEP: 31270-901 Telefones p/contato: (31) 3409-2813

ATENÇÃO: em caso de dúvidas éticas e para informar ocorrências irregulares ou danosas durante sua participação neste estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha Belo Horizonte, MG - Brasil. Telefone: (31)3409-4592. Email: coep@prpq.ufmg.br

DANIELA DE SOUSA BRAGA (pesquisadora)

Caracterização do participante:

Descrição (opcional)

SEXO *

MASCULINO

FEMININO

Idade (anos completos): *

Texto de resposta curta

Formação acadêmica – graduação: (assinale sua habilitação)

Múltipla escolha

licenciatura

bacharelado

bacharelado e licenciatura

outro

Em qual (is) curso (s) você se graduou? *

Texto de resposta curta

Ano de conclusão da graduação: *

Texto de resposta longa

Atuação profissional: • Tempo: de atuação na educação básica _____anos. *

Em que rede de ensino você já atuou ou atua? *

particular

pública

particular e pública

outra

Com qual (is) modalidade (s) de ensino você atua e/ou atuou? *

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- EJA
- Ensino Superior
- Ensino Fundamental e Médio
- Ensino Fundamental, Médio e EJA
- Médio e EJA
- Ensino Fundamental, Médio, EJA e Superior
- outro

Seção 3 de 4



Questionário: Ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar

Orientações para preenchimento:

Por favor, leia atentamente as frases e, utilizando a escala, informe o quanto você concorda ou discorda com cada uma das afirmações. Caso você nem concorde e nem discorde com a afirmação proposta, assinale a alternativa "NCND"

LEGENDA:

CT - CONCORDO TOTALMENTE

CP - CONCORDO PARCIALMENTE

NCND - NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DP - DISCORDO PARCIALMENTE

DT - DISCORDO TOTALMENTE

1 - A escola é um local adequado para auxiliar no desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

2 - A escola é um local adequado para se ensinar temas relacionados à alimentação saudável. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

⋮

3 - Ensinar aos escolares quais são os alimentos que compõem uma alimentação saudável é uma das funções da escola. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

4 - Alimentação na escola tem uma função pedagógica. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

⋮

5 - A alimentação escolar gratuita é um direito de todos os estudantes da Educação Básica, de escolas públicas. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

⋮

6 - Deveria ser proibida a existência de bares e cantinas nas escolas. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

7 - A existência de bares e cantinas nas escolas deveria ser condicionada à venda de alimentos saudáveis. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

8 - Os escolares não comprariam alimentos e bebidas em bares e cantinas caso esses comercializassem apenas produtos saudáveis. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

9 - Os escolares tem interesse em atividades que envolvem a temática alimentação saudável. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

10 - Os escolares não reconhecem a importância de ter uma boa alimentação. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

11 - Os escolares tem uma alimentação adequada em casa. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE

- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

12 - Os escolares tem uma alimentação adequada na escola. *

- OCONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

13 - Os escolares não gostam de consumir alimentos saudáveis.

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

14 - É papel dos pais e não dos professores ensinar as crianças a terem uma boa alimentação. *

- OCONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

15 - Informações sobre alimentação saudável influenciam nas escolhas alimentares. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

16 - Muitos profissionais da área da educação consideram importante a temática alimentação, entretanto não trabalham por causa da falta de tempo, pela sobrecarga de trabalho, pela falta de conhecimento específico e/ou por não conseguir articular o tema com os conteúdos de suas disciplinas. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

17 - Trabalhar o tema alimentação saudável no ambiente escolar, não irá modificar os hábitos alimentares dos escolares. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

18 - Em função dos conteúdos curriculares, o tema alimentação saudável deve ser trabalhado, preferencialmente, nas disciplinas de Ciências Biológicas e de Educação Física. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

19 - O tema alimentação saudável deve ser trabalhado de forma transdisciplinar nas disciplinas que compõem o currículo. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

20 - O tema alimentação saudável é um tema transversal e interdisciplinar, pois nenhuma área do conhecimento isoladamente tem condições suficientes para explicá-la. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

21 - O tema alimentação saudável constitui uma possibilidade para efetivar a articulação e integração das áreas do conhecimento na organização do currículo escolar. *

- CONCORDO TOTALMENTE

- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

...

22 - Em função do excesso de conteúdos programados para serem abordados durante o ano letivo, não é possível trabalhar a temática da alimentação saudável como tema transversal.

*

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

23 - A temática da alimentação saudável deve ser trabalhada na escola, preferencialmente, pelo nutricionista.

*

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

...

24 - Deve existir uma disciplina específica para trabalhar a temática alimentação saudável com os escolares.

*

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

...

25 - Para que os escolares aprendam sobre alimentação saudável, não é suficiente trabalhar a temática de forma transversal e interdisciplinar.

*

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

26 - A temática da alimentação saudável deve ser trabalhada na educação integral, no turno inverso, em oficinas específicas. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

27 - Em função dos hábitos alimentares serem formados nos anos iniciais da infância, os professores da Educação Infantil são os mais indicados para trabalhar a temática alimentação saudável. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

28 - Os professores devem ter acesso a livros e manuais sobre alimentação, contendo sugestões de atividades para trabalhar o conteúdo em sala de aula. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

29 - O livro didático de Biologia é uma boa fonte de consulta sobre a temática da alimentação. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

30 - A temática alimentação saudável deveria ser tratada pelo professor com o auxílio técnico do nutricionista. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

31 - É recomendável que o Ministério da Educação defina, para cada área do conhecimento ou disciplina, o conteúdo sobre alimentação a ser abordado pelo professor. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

32 - Como as Diretrizes Curriculares Nacionais reúnem princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as propostas curriculares das escolas, deveria ser criada uma diretriz específica para a Educação Alimentar e Nutricional. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

33 - Os professores, das diferentes disciplinas do ensino médio, estão preparados para trabalhar a temática alimentação saudável como tema transversal. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

34 - O professor não tem conhecimentos suficientes sobre alimentação e nutrição para trabalhar, como tema transversal, a temática alimentação saudável. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

35 - Em função do excesso de informações disponíveis, atualmente, para a maioria dos professores não é claro o que significa o conceito alimentação saudável. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

36 - Os professores se baseiam em seus próprios conhecimentos sobre alimentação para ensinar essa temática.

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

37 - As atitudes do professor com relação à alimentação no ambiente escolar, influenciam na alimentação dos seus alunos.

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

38 - Deveria existir no currículo dos cursos de licenciaturas, das diferentes áreas, uma disciplina que abordasse e discutisse o conceito "alimentação saudável".

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

39 - Há necessidade de oferta de cursos de especialização para professores sobre o tema alimentação saudável.

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

40 - Os professores devem consumir na escola somente alimentos saudáveis.

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

:::

41 - Os professores são os profissionais mais indicados para trabalhar o tema alimentação com crianças e adolescentes.

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

42 - Os professores não se acham aptos para assumir o papel de educadores no campo da alimentação quando julgam que seus hábitos alimentares são incorretos. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

43 - Muitos alunos vão para a escola para comer, sendo a alimentação escolar a principal refeição do dia. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

44 - Os professores se baseiam em suas experiências com alimentação para ensinar sobre a temática. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

45 - A alimentação fornecida nas escolas públicas tem como um de seus objetivos auxiliar a formação de hábitos alimentares saudáveis. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

46 - O tipo de alimento ofertado na escola, seja na alimentação escolar pública e/ou no bar/cantina/lanchonete, influencia os hábitos alimentares dos escolares. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

47 - Abordar o tema transversal "Educação Alimentar e Nutricional" consiste em trabalhar com os escolares o conteúdo de alimentação saudável em sala de aula. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

48 - A "pirâmide alimentar" é uma estratégia que pode ser utilizada para trabalhar a temática alimentação saudável em todas as modalidades de educação básica. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

49 - Para modificar o hábito alimentar de uma pessoa, basta que ela aprenda sobre os nutrientes que cada alimento contém. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

50 - A alimentação da criança é reflexo da alimentação dos adultos com quem ela convive. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

51 - O ensino da alimentação saudável tem como objetivo construir a noção de alimentação saudável, fornecer a autonomia alimentar e melhorar a alimentação dos escolares. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

52 - O ensino da alimentação saudável não ocorre somente dentro da sala de aula. *

- CONCORDO TOTALMENTE
- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

53 - Ações pontuais na escola, como palestras, não são suficientes para melhorar a alimentação dos escolares. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

54 - O ensino da alimentação saudável deve favorecer o consumo de alimentos naturais e desaconselhar o consumo de industrializados. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

55 - O trabalho com o tema alimentação saudável no ambiente escolar ocorre de forma contextualizada com a realidade do aluno. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

56 - As metodologias utilizadas pelos professores de ensino médio, na abordagem da temática alimentação saudável, apresentam abordagem investigativa, colocando o aluno como protagonista de sua aprendizagem. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

57 - Os recursos materiais e estratégias utilizadas pelos professores, no ensino da temática alimentação saudável, são significativos para o aluno em seu processo de aprendizagem. *

CONCORDO TOTALMENTE

CONCORDO PARCIALMENTE

NEM CONCORDO NEM DISCORDO

DISCORDO PARCIALMENTE

DISCORDO TOTALMENTE

...

58 - Os alunos do ensino médio são interessados e demonstram-se predispostos a aprender sobre alimentação saudável. *

CONCORDO TOTALMENTE

- CONCORDO PARCIALMENTE
- NEM CONCORDO NEM DISCORDO
- DISCORDO PARCIALMENTE
- DISCORDO TOTALMENTE

Seção 4 de 4

>> ⋮

AGRADECEMOS A DISPONIBILIDADE DE CONTRIBUIR COM ESSA PESQUISA

Descrição (opcional)

⋮

Neste espaço você pode registrar sugestões, contribuições e reflexões que julgar necessárias e/ou pertinentes. Caso queira compartilhar experiências vivenciadas na abordagem da temática alimentação saudável em sua prática docente, será enriquecedor para esse estudo. Sinta-se a vontade para relatá-las nesse espaço ou enviá-las para o e-mail da pesquisadora (danielaprofbio@yahoo.com.br).

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - professores



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, professor (a) de Biologia, matriculado (a) no programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PRPFBIO), de forma livre e esclarecida aceito participar do presente estudo e autorizo a pesquisadora Daniela de Sousa Braga, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, cujo tema do projeto de pesquisa é “Ensino da temática alimentação saudável nas aulas de biologia em escolas públicas brasileiras” sob orientação da Prof^a Dr^a Janice Henriques da Silva Amaral, a utilizar-se das informações obtidas através do questionário do qual participo. O instrumento me foi enviado por e-mail na forma de documento GoogleDocs via CAED com tempo de preenchimento de aproximadamente, 10 a 15 minutos e portanto a minha participação no estudo implica riscos mínimos. Ao clicar em "enviar formulário" aceitarei participar da pesquisa, disponibilizando os dados preenchidos para serem utilizados com fins acadêmicos e divulgados por meio de artigos científicos e publicações em revistas e eventos na área de educação e/ou nutrição. As informações, quando utilizadas, terão como preceito o sigilo, o anonimato e preservarão da minha integridade física e moral. A minha vontade em participar da pesquisa será respeitada. Tendo o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase do estudo, independente do motivo e sem nenhuma penalidade ou prejuízo.

Para qualquer informação a respeito dessa pesquisa devo entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: danielaprofbio@yahoo.com.br ou telefone: (34) 99887-4892. Declaro estar ciente desse termo e concordo com o acima exposto.

**Endereço do responsável pela pesquisa: Dra. Janice Henriques da Silva Amaral
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço: Av. Antônio Carlos, no 6627 Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco K3/ sala 319. Bairro: /CEP/Cidade: Pampulha, BH/MG CEP: 31270-901 Telefones p/contato: (31) 3409-2813**

ATENÇÃO: em caso de dúvidas éticas e para informar ocorrências irregulares ou danosas durante sua participação neste estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha Belo Horizonte, MG - Brasil. Telefone: (31)3409-4592. Email: coep@prpq.ufmg.br

DANIELA DE SOUSA BRAGA (pesquisadora)

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/Responsáveis



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/RESPONSÁVEIS

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Ensino da temática alimentação saudável nas aulas de biologia em escolas públicas brasileiras”. Muitos estudos têm chamado atenção em relação ao aumento sobrepeso, obesidade e outros problemas associados à má alimentação na infância e adolescência, podendo estar associados ao desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (diabetes, hipertensão, por exemplo). Por entendermos a escola como um espaço privilegiado em relação à educação alimentar realizaremos esse estudo com vistas à compreender e ampliar as possibilidades das ações voltadas para a promoção da autonomia alimentar dos alunos. Assim, através dessa pesquisa, pretendemos investigar as percepções de professores e alunos sobre o ensino da temática alimentação saudável em escolas públicas, a fim de melhorar o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de educação alimentar e nutricional para promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional, tendo como bases a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar.

Caso você concorde com a participação do menor, ele irá participar de encontros de discussão sobre a temática da alimentação saudável, na própria escola, em horário normal de aula. Os encontros serão mediados pela pesquisadora que será responsável pela condução e manutenção da ordem. As discussões serão gravadas em áudio, apenas para facilitar a análise dos dados. Não haverá riscos físicos e nem psicológicos. Espera-se que a pesquisa possa estimular os participantes a refletirem sobre as questões da alimentação saudável e que possam agir como transformando sua realidade.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material

que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Patos de Minas, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Para qualquer informação a respeito dessa pesquisa devo entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: danielaprofbio@yahoo.com.br ou telefone: (34) 99887-4892. Declaro estar ciente desse termo e concordo com o acima exposto.

**Endereço do responsável pela pesquisa: Dra. Janice Henriques da Silva Amaral
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço: Av. Antônio Carlos, no 6627 Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco K3/ sala 319. Bairro: /CEP/Cidade: Pampulha, BH/MG CEP: 31270-901 Telefones p/contato: (31) 3409-2813**

ATENÇÃO: em caso de dúvidas éticas e para informar ocorrências irregulares ou danosas durante sua participação neste estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha Belo Horizonte, MG - Brasil. Telefone: (31)3409-4592. Email: coep@prpq.ufmg.br

DANIELA DE SOUSA BRAGA (pesquisadora)

Apêndice D - Termo de Assentimento para Participante Menor

PROFBIO
Mestrado Profissional
em Ensino de Biologia

**TERMO DE ASSENTIMENTO PARA PARTICIPANTE MENOR**

Baseado nas diretrizes contidas na resolução CNS, nº466/2012, MS

Prezado(a) Participante, Esta pesquisa é sobre “Ensino da temática alimentação saudável nas aulas de biologia em escolas públicas brasileiras” e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Daniela de Sousa Braga, do Curso de Mestrado Profissional no ensino de Biologia, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Prof(a) Dra. Janice Henriques da Silva Amaral. Os objetivos do estudo são investigar as percepções de professores e alunos sobre o ensino da temática alimentação saudável em escolas públicas, a fim de melhorar o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de educação alimentar e nutricional para promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional, tendo como bases a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar. A finalidade deste trabalho é melhorar o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de educação alimentar e nutricional para promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional, tendo como bases a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar. Espera-se que a pesquisa possa estimular os participantes a refletirem sobre as questões da alimentação saudável e que possam agir como transformando sua realidade. Solicitamos a sua colaboração participando dos encontros de discussão em grupo sobre a temática da alimentação saudável, que ocorrerão na própria escola, em horário normal de aula. Os encontros serão mediados pela pesquisadora que será responsável pela condução e manutenção da ordem. As discussões serão gravadas em áudio, apenas para facilitar a análise dos dados. Não haverá riscos físicos e nem psicológicos. Pedimos, ainda, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as

informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.




Assinatura do(a) pesquisador(a)

Eu aceito participar da pesquisa, que tem o objetivo “Investigar as percepções de professores e escolares sobre o ensino da temática alimentação saudável em escolas públicas, a fim de fornecer subsídio para a implementação de programas que melhorem o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de EAN para promoção da saúde e da SAN, tendo como premissas o protagonismo do escolar no processo de aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar.” Entendi os riscos e benefícios. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem que nada me aconteça. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais e/ou responsáveis. Li e concordo em participar como voluntário da pesquisa descrita acima. Estou ciente que meu pai e/ou responsável receberá uma via deste documento.

Patos de Minas , ____ de _____ de _____

Assinatura do participante (menor de idade)

Apêndice E – Carta de anuência

		
CARTA DE ANUÊNCIA		
<p>Declaramos para os devidos fins, que a _____, localizada no município de Patos de Minas aceita que a pesquisadora Daniela de Sousa Braga desenvolva o sua pesquisa intitulada: “ENSINO DA TEMÁTICA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NAS AULAS DE BIOLOGIA EM ESCOLAS PÚBLICAS”, cujo objetivo é “averiguar as percepções de professores de Biologia e de escolares do Ensino Médio de escolas públicas sobre a temática alimentação saudável, bem como construir uma proposta de intervenção didática a partir das análises e reflexões dos escolares, a fim de fornecer subsídio para a implementação de programas que melhorem o trabalho com o tema em sala de aula, numa concepção de EAN para promoção da saúde e da SAN dos escolares”, nesta Instituição.</p> <p>Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades. Ressalte que esse projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo CEP - através do parecer número 2.692.897.</p> <p style="text-align: center;">Patos de Minas, ____ de _____ de 2018</p> <p style="text-align: center;">Carimbo e Assinatura da Chefia do Setor</p>		

Apêndice F - Guia para realização dos encontros do grupo focal

Objetivos

1. Apresentar a visão dos professores em relação ao ensino da temática alimentação saudável nas aulas de biologia em escolas públicas brasileiras;
2. Identificar os pontos de concordância entre a visão dos professores e a dos estudantes;
3. Analisar a opinião dos estudantes em relação à alimentação no ambiente escolar
4. Analisar a influencia da família, mídias, amigos e escola na construção dos hábitos alimentares dos estudantes;
5. Apresentar aos estudantes o resultado das medidas antropométricas e curvas de IMC realizadas pela equipe do PSE na escola em 2018.
6. Identificar as concepções e impressões dos jovens sobre sua alimentação;
7. Constatar as perspectivas dos jovens no que tange à concepção do ambiente escolar enquanto construtor de hábitos alimentares saudáveis;
8. Divulgar o Guia Nutricional para a população brasileira para os participantes do encontro;
9. Propiciar discussões que levem ao desenvolvimento de uma proposta de intervenção didática sobre alimentação saudável pelos escolares, a partir de suas reflexões e necessidades, estimulando o uso de abordagens investigativas, contextualizadas com a realidade dos mesmos e que aumentem a sua participação na construção de sua própria aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar.

Temas: professores, escolares, alimentação saudável, escola.

A previsão é de que ocorram de dois encontros, no máximo, nos quais as discussões serão mediadas por um guia, com listas de temas e questões qualitativas e abrangentes, que favoreçam a discussão, servindo de roteiro para o moderador, facilitando a condução do trabalho grupal ao encontro dos objetivos da pesquisa. No primeiro encontro os resultados obtidos com a pesquisa realizada com os professores de biologia a cerca de suas percepções sobre o ensino da temática alimentação saudável, serão expostos aos escolares para que eles tomem conhecimento e se posicionem frente

aos dados expostos. Os resultados a eles apresentados serão os elementos motivadores e norteadores para as primeiras discussões e servirão de estímulos para que eles expressem suas opiniões e percepções a cerca da temática em questão.

No segundo encontro os escolares serão estimulados a elaborarem uma proposta de intervenção didática, a partir de suas percepções e necessidades. As propostas didáticas planejadas deverão contemplar atividades que criem oportunidades para a apresentação e discussão de ideias, favorecendo o desenvolvimento da argumentação científica, aumentando a contextualização do tema alimentação saudável, aproximando o conhecimento adquirido ao cotidiano dos estudantes de ensino médio.

Seção 1 – Concepções dos escolares em relação à alimentação saudável no contexto escolar:

- Apresentação dos objetivos da pesquisa;
- Escola e alimentação saudável;
 - Merenda escolar
 - É o local adequado para EAN?
 - Auxilia no desenvolvimento de hábitos saudáveis de alimentação?
 - Deveria existir bares e lanchonetes nas escolas públicas?
 - A alimentação escolar influencia nos hábitos dos alunos?
- Alunos e alimentação saudável
 - Têm interesse pelo tema?
 - Reconhecem a importância de alimentação saudável?
 - Tem uma boa alimentação em casa?
- Influências
 - Quem são os responsáveis pela formação dos hábitos alimentares das crianças e adolescentes?
 - Informações sobre alimentações saudáveis influenciam as escolhas alimentares?
- Professores e a EAN

- Trabalham o tema?
 - Tem conhecimento sobre o tema?
 - Estão preparados? Foram capacitados, fizeram cursos sobre o assunto?
 - São os mais indicados para trabalhar o tema com as crianças e adolescentes?
 - Professores de quais disciplina trabalham o tema?
 - Deveria existir uma disciplina específica para trabalhar o tema?
- Metodologia e estratégias
 - Como ocorre o trabalho com o tema alimentação saudável?
 - Como são as metodologias, recursos e estratégias utilizados?
 - Apresentar o Guia Nutricional para a População Brasileira aos alunos como fonte de informações e orientações;

 - Apresentar os resultados dos cálculos de IMC dos estudantes da Escola Estadual Doutor Paulo Borges a partir dos dados fornecidos pelo PSE;

Sessão 2 – Desenvolvendo estratégias didáticas para melhorar a EAN no ambiente escolar.

Vocês foram convidados para criar um projeto de educação alimentar e nutricional para sua escola. E precisa criar estratégias interessantes, contextualizadas, investigativas, acessíveis e significativas para os estudantes do ensino médio.

Então vamos pensar e propor atividades, aulas, palestras, etc, que poderiam acontecer em sua escola e auxiliar os estudantes em suas escolhas alimentares gerando conhecimento, atitude e autonomia!

OBSERVAÇÃO: preparar o ambiente de forma temática e aconchegante; oferecer lanche saudável ao final do primeiro encontro de modo a demonstrar possibilidades de refeições saborosas, saudáveis e economicamente viáveis, incentivando-os. No final do primeiro encontro os alunos deverão propor um cardápio de lanche simples e saudável, com ingredientes acessíveis para que no encerramento possamos prepará-lo e saboreá-lo.

Apêndice G - Aspectos norteadores para uma proposta de intervenção:

Para a organização da proposta de intervenção didática os escolares seguiram os caminhos apontados na figura 3 e o roteiro de planejamento ambos propostos no caderno “Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional” (MDS, 2018), adaptado de Souza & Rotenberg (2014). O roteiro (quadro 5) traz, como contribuição central, a percepção dos diversos caminhos e possibilidades concretas para o planejamento e execução de ações de EAN à luz dos principais conceitos e princípios do Marco de Referência.



Figura 3 – Questões-chave para o planejamento e o desenvolvimento das ações de EAN.

Fonte: MDS. **Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional**. 2018

Quadro 3 – Questões-chave para o planejamento e o desenvolvimento das ações de EAN

Questão	Descrição
1. Por que realizar?	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação das problemáticas/questões observadas no território. - Definição de necessidades e prioridades. - Delineamento dos objetivos das ações de EAN. <p>Obs: Sugere-se criar objetivos viáveis de serem realizados e que permitam avaliar se os resultados esperados puderam ser alcançados.</p>
2. Com quem?	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação das características do público: <ul style="list-style-type: none"> . informações objetivas: idade, gênero, origem, escolaridade, renda, tipo de moradia, trabalho, estado de saúde; . informações subjetivas: relato de vivências, opiniões, percepção de atitudes e valores subjacentes; . necessidades, demandas, expectativas, dúvidas e temas de interesses do público. - Identificação e sensibilização dos Parceiros: <ul style="list-style-type: none"> . que irão participar diretamente da realização das ações; <p>Obs: Sugere-se identificar previamente quais seriam os perfis interessantes dos participantes para contemplar a transdisciplinariedade.</p> <ul style="list-style-type: none"> . que podem colaborar com a viabilidade das ações.
3. Onde?	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação e reconhecimento do local de realização da prática educativa: <ul style="list-style-type: none"> . espaço físico (fechado ou ar livre, barulhento ou silencioso, tamanho, cadeiras fixas ou móveis, quadro para anotações, pontos de eletricidade, de água e de gás, iluminação, internet, etc); . recursos audiovisuais (tv, dvd, computador, impressora, som, datashow, retroprojetor, mural, etc); . outros recursos (equipamentos de cozinha, material de papelaria, alimentos, etc).
4. Sobre o quê?	<ul style="list-style-type: none"> - Os mediadores das ações de EAN devem ter consciência das reais intenções com a prática educativa para: <ul style="list-style-type: none"> . considerar as alternativas e definir os conteúdos e as abordagens com base nas informações do diagnóstico, a fim de atender aos objetivos coletivos; . considerar e respeitar a realidade e o interesse do público para favorecer a participação e fortalecer o vínculo com os profissionais e demais participantes da ação, pautar-se nos princípios para as ações do Marco de EAN e buscar fontes confiáveis para abordagens dos temas.
5. Como?	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de metodologias participativas, problematizadoras, lúdicas e colaborativas, pois potencializam a reflexão, o diálogo e a integração entre os participantes. - Identificação de estratégias e dinâmicas educativas, como, por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> . roda de conversa ampliada ou em pequenos grupos; . demonstração de procedimentos (higienização de alimentos, lavagem das mãos, plantio de mudas, etc); . oficinas culinárias para a vivência na prática; . montagem de mapas afetivos relacionados ao circuito alimentar local; . dramatização de situações do cotidiano com análise do papel de cada "personagem" e possíveis mudanças; . visitas a feiras e a mercados para conhecimento dos alimentos e rótulos e para diálogos com produtores e trabalhadores; . troca de receitas tradicionais da família ou região; . criação de hortas domésticas, comunitárias, escolares. - Utilização de recursos educativos atrativos e de qualidade, como por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> . alimentos: "in natura", fotos, desenhos, modelos em plástico/resina; . cartilhas, folhetos, matérias de jornais e revistas, receitas; . sites, blogs, redes sociais, fotos ou mensagens de celular; . filmes, músicas, poesias, contos, artes plásticas; . fantoches e jogos (quebra-cabeça, dominó, memória) com sucatas e materiais reutilizáveis; . cartazes, murais. - Utilização das seguintes estratégias de comunicação: <ul style="list-style-type: none"> . manter contato visual; . empregar linguagem clara e acessível; . promover interação constante com os participantes; . emitir tom de voz audível e não linear; . evitar falas e textos longos; . fomentar o diálogo horizontal e a participação de todos; . estimular a comunicação empática e não violenta.
6. Quando?	<ul style="list-style-type: none"> - Definição da periodicidade das ações (pontuais, periódicas, permanentes): <ul style="list-style-type: none"> . Definição de cronograma para organização das atividades para um período determinado (prever o tempo disponível e necessário para cada atividade); . conectar as atividades de médio e longo prazo entre si.
7. Como avaliar?	<ul style="list-style-type: none"> - É essencial reservar um momento para ouvir a opinião das pessoas e grupos sobre as atividades de EAN. - Sugere-se a utilização de recursos ou dinâmicas atrativas e informais, para além de questionários e marcação da satisfação. - Mais do que avaliar a apreensão das informações partilhadas, o objetivo da avaliação é saber se os diálogos e atividades enriqueceram a vida cotidiana das pessoas, possibilitaram o entrosamento, mobilizaram a reflexão e a transformação. - Reflexão sobre os resultados das atividades e o alcance dos objetivos com seus parceiros, para ajustar e repensar continuamente o processo de trabalho.

Fonte: Adaptado de Souza; Rotenberg, 2014.

Proposta de intervenção idealizada pelos escolares – A horta escolar

“Podia chamar: “Da horta para a mesa”.” (Leandro)

Foi consenso entre os escolares que a estratégia norteadora das atividades seria a “Horta escolar - HE” que segundo Barbosa (2013) é um instrumento pedagógico que incorpora a alimentação nutritiva, saudável, e ambientalmente sustentável. Ressalta-se ainda, que a horta escolar apresenta-se como uma possibilidade para o educando aprender fazendo, permitindo que ele atue de forma efetiva em todas as etapas dessa aprendizagem. Relacionando assim, conhecimentos anteriormente adquiridos, com os elementos da teoria tomando forma na prática (SANTANA et al. 2015).

Para Gadotti (2003) “um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmos de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocional idade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação.”

Por que realizar?

Identificação da problemática:

“Nós precisamos criar algo que melhore a alimentação dos alunos. Por que tipo com aqueles dados das medidas dá pra ver que tem que melhorar, e muito!” (Leandro)

“Tem muito aluno no ensino médio obeso!” (André)

“Tem que ter um bom ensino para nós aprender a comer. Nós todos! Observa para ver o tanto que o povo come errado! Mas às vezes nem sabe por que não aprendeu, aí como vai escolher!” (Manuela)

“E tem que ser algo que faça o aluno pensar e mudar seus hábitos na alimentação.” (Alice)

“Então eu acho que tem que ser uma imersão no universo da alimentação saudável.” (Eduarda)

“Vamos pensar assim: tem que ser algo interessante mas que tenha sentido né!? Que nós possa aprender direitinho algo com isso.” (Felipe)

Os escolares apontam a imprescindibilidade de mudanças no comportamento alimentar deles e de seus pares, respaldando essa observação nos dados obtidos pelos cálculos de IMC, baseados nas medidas antropométricas fornecidas pela equipe do PSE. As percepções também se relacionam com necessidade de que, através do conhecimento e das vivências, os escolares possam exercer suas escolhas de forma consciente e autônoma.

Objetivos das ações:

“Melhorar o ensino de alimentação saudável.” (Maíra)

“Já pensou que legal o projeto ser envolta de uma horta? Alunos aprenderiam a plantar, cultivar, cuidar e depois, no fim do ano eles mesmos poderiam consumir os alimentos.” (Isabela)

“Tem que fazer ele entender e pensar sozinho.” (Manuela)

“Ensinar a plantar, colher, cozinhar, ... para dar valor.” (Felipe)

“Olha Professora, primeiro tem que lembrar que o objetivo desse projeto, dessas aulas, ... seria trabalhar a Educação alimentar né?! Então todas as coisas que nós for fazer tem que está nesse sentido.” (Rafael)

“Além de fornecer alimento a horta vai acabar deixando nossa escola mais bonita e mais verde.” (André)

“E se naquela semana tem muitos vegetais que não serão usados na “sexta na cozinha”, aí pode ser doado para melhorar a merenda da escola, pra não deixar perder.” (Leandro)

- ✓ Estimular a autonomia do escolar nas suas escolhas alimentares, através do conhecimento, reflexões e vivências de práticas alimentares adequadas e saudáveis;
- ✓ Permitir aos escolares atuarem ativamente nas atividades propostas;
- ✓ Envolver a comunidade escolar nas atividades de EAN;
- ✓ Incrementar a merenda escolar;
- ✓ Promover estudos, pesquisas, debates e atividades sobre as questões ambiental, alimentar e nutricional;

Com quem?

Identificação das características do público:

“Eu acho que tudo começa com as crianças menores e deve envolver os maiores também.” (Alice)

“Tem que fazer todos os professores trabalharem com isso” (Eduarda)

“Seria bom se todos os professores se reunissem e montassem um projeto que se desenvolveria durante o ano e encerraria com uma apresentação no fim do ano.” (Isabela)

- ✓ Todos os escolares que frequentam a escola sob a coordenação dos alunos do ensino médio;
- ✓ Os professores de todos os segmentos de ensino e de todas as disciplinas;
- ✓ E a comunidade escolar como um todo.

Identificação e sensibilização dos parceiros:

“Talvez convidar alguém que entenda do tema para fazer tipo oficinas. Tipo eu apostaria na horta. E para começara conversa convidaria um agrônomo para explicar oque é necessário, como faz, como cuida, etc. Ou talvez outro profissional, os estagiários e estudantes da faculdade talvez.” (Leandro)

“Aquele povo do “Saúde na Escola” pode também ajudar! E quem sabe da prefeitura!?”(Alice)

“Dá para pedir as sementes para a empresa Valoriza aí não tem gasto.” (Eduarda)

“Não é difícil é só ir no IEF ou nas empresas igual a Valoriza e pedir! Eles ano passado deram umas mudas para a escola que eu estudava, de árvores e até de pé de fruta!” (Felipe)

- ✓ Nutricionistas, enfermeiros e médicos do PSE;
- ✓ Empresas de agronegócios (a economia da cidade gira em torno do agronegócio que poderiam doar sementes);
- ✓ IEF - Instituto Estadual de Florestas (doação de mudas);
- ✓ Estagiários dos cursos de Nutrição, Agronomia, Biologia, entre outros do UNIPAM
- ✓ Profissionais da comunidade que se disponham a colaborar;
- ✓ Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária, Infraestrutura Rural e Desenvolvimento Sustentável.

Onde?

Identificação, reconhecimento do local de realização da prática educativa e dos recursos necessários:

“Podemos usar o espaço do lado da quadra que fica sempre sem nada, só mato. Ou fazer horta vertical que é bem bonitinha.” (Felipe)

“Eu acho que alguém poderia ficar responsável por pesquisar uma receita que fosse saudável e pudesse usar aquele alimento que vai estar ali disponível né?! Por que aí ele vai usar o que foi cultivado por ele. Tipo nessa sexta é a turma 3001 que irá pesquisar o que pode ser feito com os alimentos disponíveis e vão trazer para poder fazer.” (Felipe)

- ✓ Os canteiros da horta poderiam ser feitos no espaço ocioso existente próximo a quadra poliesportiva;
- ✓ Seria necessário o acesso à cozinha da escola com a utilização do fogão, geladeira e utensílios;
- ✓ Sala de vídeo para reuniões e plenárias (data show, televisão, computadores, equipamentos de som);
- ✓ Equipamentos de jardinagem (enxada, pá, rastelo, etc), sementes e mudas;
- ✓ Material de papelaria.

Sobre o quê?

Intenções:

“Olha que legal!!! Dá para trabalhar o alimento como um todo, partindo do cultivo, colheita, utilização e aproveitamento! Da terra até o descarte.” (Carolina)

“Para incentivar o consumo de vegetais nos tá fazendo a horta né?! Para ver todo o processo e dar valor. Mas tô aqui pensando: e pra fazer esse aluno comer o vegetal? Por que vai ser legal ele saber que foi ele que plantou, cuidou e tal...” (Maíra)

“Tem que ver o que os alunos querem saber, o que eles precisam.” (Felipe)

- ✓ Trabalhar as questões da alimentação adequada e saudável, considerando todo o processo, do preparo da terra até o descarte;
- ✓ Incentivar o consumo de alimentos saudáveis, considerando aspectos quantitativos e qualitativos;

- ✓ Valorizar o consumo dos alimentos típicos da região;
- ✓ Despertar o cuidado com a terra, no preparo, plantio e colheita;
- ✓ Fornecer meios para que o escolar possa, por si só, fazer escolhas alimentares corretas;
- ✓ Trabalhar a questão da alimentação a partir das necessidades dos escolares
- ✓ Formar jovens multiplicadores de ideias, atitudes e comportamentos alimentares adequados.

Conteúdos e as abordagens:

Valor nutricional:	<p>“Dá para estudar o valor nutricional de cada um deles, as épocas em que são mais comuns, a quantidade de água necessária, etc.” (Isabela)</p> <p>“Daí pode também fazer um estudo de que tipo de nutriente tem nos alimentos que estão sendo plantas e que serão consumidos. E tipo fazer uma tabela né? Tipo saber das vitaminas, calorias, se tem ferro, etc, ... É bom para chamar a atenção dos alunos sobre o porquê de ter que comer esses alimentos!” (André)</p>
Redução do desperdício e reaproveitamento:	<p>“Também dá para ensinar a fazer adubo na composteira e já vai trabalhando a sustentabilidade e o reaproveitamento.” (Rafael)</p> <p>“Nós também podemos trabalhar o reaproveitamento do alimento né?!” (Manuela)</p> <p>“Não ai a gente pode também fazer adubo com as cascas, os restos, ..., é só arrumar o lugarzinho separado de jogar e fazer aquele negócio de...” (Isabela)</p>
Tabus e “fake News”:	<p>“É bom também quebrar uns tabus sobre alimentos, tipo comer manga e leite mata! Kkkk” (Alice)</p> <p>“Tem que trabalhar também essas coisas fake, tanto alimento industrializado que se passa por saudável né?! No guia mesmo fala de preferir os naturais, é “in natura” né que fala?!” (Rafael)</p>
Higiene:	<p>“Dá para trabalhar também a higiene com os alimentos né?!” (Rafael)</p>
Regionalidade: cultura e realidade - influências nas escolhas alimentares:	<p>“É bom também trabalhar a questão cultural! Não adianta tentar fazer alguém mudar totalmente seus hábitos saindo de sua cultura. A mudança tem que acontecer dentro daquilo que ele tem hábito cultural de comer.” (Alice)</p> <p>“Eu acho que poderia passar para eles a realidade brasileira como um todo sabe?! Os problemas de cada região, de alimento. E até mesmo os alimentos que tem em cada região, mais na nossa né?! Aprender sobre quais alimentos são de que época para poder consumir sem ficar caro. É importante conhecer né?! Olhar as realidades do mundo também! Sabe, eu vejo tanta gente reclamando do que tem, e não vê que tem gente que nem isso tem. E as vezes tem como ter uma alimentação mais saudável e não tem por que não tem o hábito.” (Isabela)</p>
Tecnologia na produção de alimentos	<p>“Eu gostei de estudar transgênicos também, achei curioso e tanta gente não sabe nada de alimentos transgênicos! Tem gente que tem medo de comer. E tem muita pesquisa por traz né! Igual no Japão que eles comem muito arroz, o arroz não tem todos os nutrientes, ai eles fez um cruzamento enriquecendo o arroz de vitamina A! e agora eles comem mais vitaminas.</p>

	<i>Tem que ensinar para não ter tanto preconceito! Ensinar do início, com os pequenos.’ (Isabela)</i>
Assuntos de grande abrangência: Interdisciplinaridade	<i>“Com essa proposta dá para se trabalhar vários assuntos em várias disciplinas: na química, por exemplo, a química dos alimentos, o mal dos fertilizantes, a química que tem nos industrializados, e um monte de coisa! Na biologia, a digestão, a importância dos nutrientes para o funcionamento do corpo! Na geografia dá para trabalhar a poluição dos agrotóxicos e a importância dos adubos orgânicos, dá também para trabalhar os alimentos das regiões que a Isabela falou! A história pode mostrar tanta coisa também da fome e desnutrição no mundo. A matemática trabalhar com estatística, ... e ai vai!” (Eduarda)</i>

Como?

“Acho que qualquer coisa que seja feita, fora da escola ou dentro dela, deve passar pelo exemplo. Tudo que for fazer aqui na escola deve ser baseado não só nas palavras, mas principalmente nos exemplos.” (Alice)

Utilização de metodologias ativas e participativas, problematizadoras, lúdicas e colaborativas, pois potencializam a reflexão, o diálogo e a integração entre os envolvidos:

“Aqui na escola, do lado da quadra tem um mato lá e os próprios alunos poderiam limpar aquele espaço para fazer a horta. Mas tem que colocar o aluno para fazer! Por a mão na massa! Eles poderiam aprender todo o processo, de limpar o espaço, preparar a terra, plantar, cuidar, colher, preparar o alimento e comer.” (Leandro)

“Tem que trabalhar de forma lúdica, nós somos muito visuais!” (Giovana)

“O legal seria o aluno fazer tudo. É só fazer coisas simples!” (André)

“Olha só acho que para isso ser significativo, o aluno é quem tem que fazer. As professoras dão tudo pronto, não tem graça. Tem que ter orientação mais eles é que tem que fazer as coisas para darem valor.” (Alice)

“Todos os alunos podem ajudar, ai se uns forem melhores nisso, podem ensinar os que não são.” (Felipe)

Estratégias e dinâmicas educativas

Escrita do projeto	<i>“Então antes de tudo acho que uma equipe de professores poderia nos orientar a escrever esse projeto com metas já definidas. Cada etapa, cada coisa que vai ser feita, ...” (Isabela)</i>
Sensibilização	<i>“Poderia haver a sensibilização dos alunos em grupos menores em rodas de conversa e ai cada sala ficaria responsável por cuidar de um canteiro.” (Alice)</i>
Aulas teóricas e práticas	<i>“Eu acho que antes de plantar tem que ter umas aulas teóricas de planejamento e ensinamentos. Tem que partir do professor o estímulo, sabe?! É tão bom quando o professor se envolve! (Isabela)</i>
Demonstração de procedimentos	<i>“Podia vir aqui uma pessoa, um agrônomo para ensinar a teoria e a prática da horta.” (Felipe)</i>

Corresponsabilidade	<p>“Cada sala poderia ficar responsável pelo cultivo de um vegetal. Os alimentos que são produzidos mais rápido poderiam ser doados para os estudantes ou mesmo para outras escolas. As vezes doar para comunidades carentes.” (Felipe)</p> <p>“Não dá para começar com tudo em uma sala com aquele tento de alunos dando opinião de uma vez. Talvez fazer a mesa redonda com os “chefes de sala” e passar a ideia inicial e depois discutir em pequenos grupos até todos serem envolvidos. Até fazer a horta.” (Isabela)</p>
Oficinas culinárias	<p>“O povo lá da nutrição pode fazer ensinando nós as receitas de lanche saudável” (Thaís)</p> <p>“Os alunos iria na horta, colhia e fazia um lanche para todos da sala.” (Manuela)</p> <p>“Cada sala pode ter um dia específico para fazer um lanche usando os produtos da horta. Nós pesquisaria receitas e depois faria.”</p> <p>“Aí à medida que forem feitas colheitas os alimentos podem ser consumidos, doados, trocados, etc.” (Isabela)</p>
Interdisciplinaridade – envolvimento de todas as disciplinas	<p>“Eu pensei que uma vez por semana algum professor fica com a função de trabalhar algo em relação à esse assunto. Isso seria para dar uma sensibilidade nos alunos. E depois fazer a horta e o resto de usar as comidas que produzir.” (Rafael)</p>

Quando?

“ Tem que ser um projeto desenvolvido durante o ano todo, ao longo do ano. Quem sabe uma vez por semana uma disciplina trabalha em um horário algo referente à alimentação saudável?” (Isabela)

“Consigo ver uma linha do tempo das ações desse esquema da horta! O bom é seria ao longo do ano e com tempo para funcionar. Se precisar de ajuda pode me chamar que eu venho!” (André)

As atividades deverão ocorrer ao longo do ano, de forma programada. Sendo que cada semana um professor fica responsável por trabalhar um assunto pertinente à questão da alimentação. As plenárias para apresentação dos resultados da horta ocorreriam a cada dois meses.

Como avaliar?

Plenárias	<p>“E tipo, uma vez a cada dois meses podemos fazer uma reunião geral para passar o que aconteceu, o que foi produzido, como foi, o que poderia ter feito para ter resultados melhores, para onde foram os vegetais que plantou, etc” (Isabela)</p> <p>“Durante todo tempo podemos tirar fotos e ver a evolução, pode ter uma equipe só para isso. Aí depois eles mostram para todos na reunião.” (Alice)</p>
Registros	<p>“Para divulgar as nossas atividades, podemos criar um blog e aí com a ajuda dos professores de português,</p>

	<i>podemos escrever e alimentar o blog com as notícias das atividades da nossa horta” (Leandro)</i>
Participação e envolvimento	<p><i>“Se nós ver que os meninos estão gostando, é porque deu certo!” (Thais)</i></p> <p><i>“Uns vão se envolver e outros não. Mas os que envolverem vão sair ganhando e vão ter mais conhecimento para comer e viver melhor.” (Felipe)</i></p>

Vale também ressaltar que a horta em si não é o objetivo maior. Nosso produto com a horta escolar é o próprio processo de discussão, atividades e resultados que ela proporciona. Corroborando com essa ideia, o caderno “Horta Escolar dinamiza o Currículo da escola” enfatiza que a horta escolar não tem por finalidade produzir alfaces, coentros e cenouras apenas; ela objetiva algo maior: a abordagem das temáticas ambiente, alimentação e nutrição com vistas a mudanças dos maus hábitos alimentares e ambientais, por meio de uma prática pedagógica dinâmica, prazerosa e geradora de aprendizagens (BRASIL, 2007).

Nesse construto a horta foi a ferramenta escolhida pelos escolares para a estruturação de uma proposta de intervenção didática. As iniciativas e estratégias foram pensadas coletivamente e partiram de suas observações, crenças, necessidades e vivências. Segundo Costa (2000) uma ação protagonista pressupõe etapas a serem percorridas; isto é, o aluno não alcança sua autonomia sem ter vivenciado algumas formas de relação com a escola para que a ação exista, é preciso que haja iniciativa, planejamento, execução, avaliação e apropriação dos resultados. As etapas são: dependência, colaboração e, finalmente, autonomia. Na relação de dependência, a iniciativa, o planejamento, a execução, a avaliação e a apropriação dos resultados são propostos e realizados unilateralmente pelos professores. Na forma de colaboração, os educadores e os jovens discutem e compartilham durante todas as etapas. Finalmente, ao alcançarem autonomia (que não elimina o papel do professor como facilitador), os alunos tomam a iniciativa, planejam o que vai ser feito, executam o que foi planejado, avaliam a ação realizada e se apropriam dos resultados (COSTA, 2000).

Apêndice H - Depoimentos dos escolares:

“Adorei participar dessa discussão. Pude falar minhas opiniões e ouvir também as dos outros. Achei de extrema importância o desenvolvimento dessa atividade pois a alimentação saudável é a principal fonte de saúde e deve ser ensinada a todos de acordo com as necessidades e dentro da realidade em que cada um vive.” (Alice)

“Quero agradecer a você pela oportunidade de nos fazer pensar, refletir e poder fazer algo bom para nós e para nossa escola.” (Felipe)

“É muito bom fazer as coisas, todas as atividades da escola podiam ser assim! Espero que a horta aconteça e alcance os objetivos de fazer os alunos saberem comer melhor.” (Eduarda)

“Ah Tia Dani, Foi lindo saber que somos importantes, que podemos contribuir com o pouco que sabemos. Muito, mas muito obrigada por nos lembrar que a escola é legal e que nós pode colaborar.” (Thaís)

“Obrigado pelo carinho com a gente, a oportunidade foi muito especial, o lanche que nós fizemos foi muito bom e me fez pensar muito na minha alimentação e nas possibilidades que existem para melhorar. Mesmo nós que é pobre, podemos comer melhor. Quero fazer uma hortinha lá em casa!” (Leandro)

“Dani! Acho que gratidão é a palavra que define meu sentimento hoje. Quero agradecer por tudo que você fez por nós! Essa atividade me empolgou tanto, e olha que sou bem preguiçosa! Gostei muito de poder falar, ouvir, pensar e propor soluções para esse problema da alimentação!” (Carolina)

Apêndice I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	
DADO DA EMENDA	
Título da Pesquisa: Ações Educativas em Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional no âmbito dos Bancos de Alimentos e Escolas Públicas de Belo Horizonte - MG.	
Pesquisador: Janice Henriques da Silva Amaral	
Área Temática:	
Versão: 3	
CAAE: 73522117.0.0000.5149	
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	
Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS COORDENAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS/ MEC FUNDAÇÃO MINEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	
DADO DO PARECER	
Número do Parecer: 2.892.897	
Apresentação do Projeto: Mesma apresentação descrita no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Objetivo da Pesquisa: Mesmo objetivo da pesquisa descrito no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Avaliação dos Riscos e Benefícios: Mesma avaliação dos riscos e benefícios descritos no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A pesquisadora responsável solicita alteração na metodologia de pesquisa.	
Considerações sobre os Termos de Apresentação obrigatória: Todos os documentos obrigatórios foram incluídos.	
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: SMJ, sou favorável à aprovação da emenda da pesquisa em tela.	
Consideração Final e critério do CEP: Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 496/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via	
<p>Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Andar 28053 Cidade: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901 UF: MG Município: BELO HORIZONTE E-mail: cnece@ufmg.br Telefone: (31)3409-4992</p>	

Página 17 de 22

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	
DADO DA EMENDA	
Título da Pesquisa: Ações Educativas em Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional no âmbito dos Bancos de Alimentos e Escolas Públicas de Belo Horizonte - MG.	
Pesquisador: Janice Henriques da Silva Amaral	
Área Temática:	
Versão: 3	
CAAE: 73522117.0.0000.5149	
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	
Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS COORDENAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS/ MEC FUNDAÇÃO MINEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	
DADO DO PARECER	
Número do Parecer: 2.892.897	
Apresentação do Projeto: Mesma apresentação descrita no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Objetivo da Pesquisa: Mesmo objetivo da pesquisa descrito no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Avaliação dos Riscos e Benefícios: Mesma avaliação dos riscos e benefícios descritos no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A pesquisadora responsável solicita alteração na metodologia de pesquisa.	
Considerações sobre os Termos de Apresentação obrigatória: Todos os documentos obrigatórios foram incluídos.	
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: SMJ, sou favorável à aprovação da emenda da pesquisa em tela.	
Consideração Final e critério do CEP: Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 496/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via	
<p>Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Andar 28053 Cidade: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901 UF: MG Município: BELO HORIZONTE E-mail: cnece@ufmg.br Telefone: (31)3409-4992</p>	

emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um relatório dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	73522117emendaaprovação.pdf	23/05/2018 16:40:03	Vivian Resende	Aceito
Informações Básicas do Projeto	RE_INFORMAÇÕES_BASICAS_108319_ET1.pdf	27/04/2018 17:11:02		Aceito
Outros	Adendo.pdf	27/04/2018 17:08:20	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	73522177aprovaçaoassinada.pdf	20/09/2017 09:49:29	Vivian Resende	Aceito
Outros	Modelo de Carta.pdf	30/08/2017 17:29:00	Simone Cardoso Lisboa Pereira	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE TALE novo.pdf	30/08/2017 17:27:45	Simone Cardoso Lisboa Pereira	Aceito
Outros	Carta resposta.pdf	30/08/2017 17:25:56	Simone Cardoso Lisboa Pereira	Aceito
Outros	Parecer Consubstanciado.pdf	27/07/2017 13:22:28	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	Carta de anuência.pdf	27/07/2017 13:22:04	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	Protocolo de declaração Geral.pdf	27/07/2017 12:45:05	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Detalhado.pdf	27/07/2017 12:09:12	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA de ROSTO.pdf	27/07/2017 12:08:12	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	73522117parecer.pdf	05/06/2018 15:49:13	Vivian Resende	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Página 17 de 22

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	
DADO DA EMENDA	
Título da Pesquisa: Ações Educativas em Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional no âmbito dos Bancos de Alimentos e Escolas Públicas de Belo Horizonte - MG.	
Pesquisador: Janice Henriques da Silva Amaral	
Área Temática:	
Versão: 3	
CAAE: 73522117.0.0000.5149	
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	
Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS COORDENAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS/ MEC FUNDAÇÃO MINEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	
DADO DO PARECER	
Número do Parecer: 2.892.897	
Apresentação do Projeto: Mesma apresentação descrita no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Objetivo da Pesquisa: Mesmo objetivo da pesquisa descrito no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Avaliação dos Riscos e Benefícios: Mesma avaliação dos riscos e benefícios descritos no parecer 2.285.863 de 20 de setembro de 2017.	
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A pesquisadora responsável solicita alteração na metodologia de pesquisa.	
Considerações sobre os Termos de Apresentação obrigatória: Todos os documentos obrigatórios foram incluídos.	
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: SMJ, sou favorável à aprovação da emenda da pesquisa em tela.	
Consideração Final e critério do CEP: Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 496/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via	
<p>Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Andar 28053 Cidade: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901 UF: MG Município: BELO HORIZONTE E-mail: cnece@ufmg.br Telefone: (31)3409-4992</p>	

emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um relatório dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	73522117emendaaprovação.pdf	23/05/2018 16:40:03	Vivian Resende	Aceito
Informações Básicas do Projeto	RE_INFORMAÇÕES_BASICAS_108319_ET1.pdf	27/04/2018 17:11:02		Aceito
Outros	Adendo.pdf	27/04/2018 17:08:20	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	73522177aprovaçaoassinada.pdf	20/09/2017 09:49:29	Vivian Resende	Aceito
Outros	Modelo de Carta.pdf	30/08/2017 17:29:00	Simone Cardoso Lisboa Pereira	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE TALE novo.pdf	30/08/2017 17:27:45	Simone Cardoso Lisboa Pereira	Aceito
Outros	Carta resposta.pdf	30/08/2017 17:25:56	Simone Cardoso Lisboa Pereira	Aceito
Outros	Parecer Consubstanciado.pdf	27/07/2017 13:22:28	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	Carta de anuência.pdf	27/07/2017 13:22:04	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	Protocolo de declaração Geral.pdf	27/07/2017 12:45:05	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Detalhado.pdf	27/07/2017 12:09:12	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA de ROSTO.pdf	27/07/2017 12:08:12	Janice Henriques da Silva Amaral	Aceito
Outros	73522117parecer.pdf	05/06/2018 15:49:13	Vivian Resende	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 05 de Junho de 2018

Assinado por:
Vivian Resende
(Coordenador)

Página 17 de 22

Apêndice J – Produto resultante desse estudo: “artigo”**DA HORTA PARA A MESA: AÇÃO DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL PLANEJADA POR ESCOLARES****Daniela de Sousa Braga¹****Simone Cardoso Lisboa Pereira²****Janice Henriques da Silva Amaral³**

¹ Mestranda em Ensino de Biologia pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) do Instituto e Ciência Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: danielaprofbio@yahoo.com.br, Rua Padre Alaor 168, apto 201, Bairro Centro, Patos de Minas, MG, Brasil.

² Doutora em Microbiologia, professora Associada do Departamento de Nutrição, Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

³ Doutora Farmacologia Bioquímica e Molecular, professora Associada do o departamento de Morfologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: objetivo deste estudo foi construir uma proposta de educação alimentar e nutricional (EAN) com escolares do ensino médio, pautada em dados contextualizados à sua realidade e no seu protagonismo para a promoção da alimentação adequada e saudável no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa-ação envolvendo 13 escolares do ensino médio de uma escola pública mineira, com abordagem qualitativa. A construção da proposta ocorreu por meio de grupo focal. Com o intuito de sensibilizá-los frente ao tema das discussões, foram apresentados os resultados de levantamentos das concepções de professores e escolares sobre a EAN no ambiente escolar, apuradas pelas autoras desta pesquisa em etapas anteriores. Ademais, houve a problematização do tema, com os resultados consolidados do Índice de Massa Corporal-IMC dos escolares do cenário em estudo, cedidas pelos agentes do Programa Saúde na Escola-PSE. A partir da discussão e análise desses dados, os escolares foram desafiados a realizar um planejamento, seguindo princípios e práticas para EAN, preconizados no Marco de Referência de EAN para políticas públicas. Todas as falas foram gravadas, transcritas e analisadas pelo método de Bardin, considerando as questões norteadoras do planejamento. Foi consenso entre os escolares que a ferramenta norteadora das atividades seria uma horta escolar denominada “*Da horta para a mesa*”. Os escolares apontaram/ propuseram: 1) necessidade de mudanças no seu comportamento alimentar e de seus colegas, evidenciada pelos dados de IMC; 2) envolvimento de toda a comunidade escolar; 3) trabalhar todas as questões que envolvem a alimentação adequada e saudável, do preparo da terra até o descarte, considerando aspectos qualitativos e quantitativos da alimentação, valorização de alimentos regionais, contato com a terra, necessidades sinalizadas pelos escolares e formar multiplicadores da promoção da alimentação adequada e saudável na escola; 4) ações programadas e continuadas no contexto da horta, durante um ano letivo, com envolvimento de todos os professores (interdisciplinar e transversa); 5) plenárias bimestrais para informar o andamento e discutir os resultados da horta, registros com fotos e criação de um blog, para promover participação e envolvimento dos escolares. Destacaram ainda que “*a horta em si não é o objetivo maior e que o produto com a horta escolar é o próprio processo de discussão, atividades e resultados que ela proporciona*”. A proposta revela um planejamento de EAN contextualizado a realidade vivenciada na escola, participação dos escolares no processo de construção do conhecimento (protagonismo), reflexões e tomadas de decisões com vistas à autonomia alimentar e promoção da segurança alimentar e nutricional no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação alimentar e nutricional, escolares, horta e protagonismo

Abstract: The aim of this study was to build a proposal for food and nutrition education (EAN) with high school students, based on data contextualized to their reality and their role in promoting adequate and healthy eating in the school environment. This is an action research involving 13 high school students from a public school in Minas Gerais, with a qualitative approach. The construction of the proposal took place through a focus group. In order to sensitize them to the topic of the discussions, the results of surveys of teachers and students' conceptions about EAN in the school environment, presented by the authors of this research in previous stages, were presented. In order to sensitize them to the topic of the discussions, the results of surveys of teachers and students' conceptions about EAN in the school environment, presented by the authors of this research in previous stages, were presented. In addition, there was a problematization of the theme, with the consolidated results of the Body Mass Index- BMI of the students of the scenario under study, provided by the agents of the Health Program at School-PSE. From the discussion and analysis of these data, the students were challenged to carry out a planning, following principles and practices for EAN, advocated in the EAN Framework for public policies. All speeches were recorded, transcribed and analyzed by Bardin's method, considering the guiding questions of the planning. It was a consensus among the students that the guiding tool of the activities would be a school garden called "From the garden to the table". The students pointed out / proposed: 1) the need for changes in their eating behavior and that of their peers, as evidenced by BMI data; 2) involvement of the whole school community; 3) address all issues involving proper and healthy eating, from land preparation to disposal, considering qualitative and quantitative aspects of food, valorization of regional foods, contact with the land, needs signaled by the students and training multipliers of the promotion of proper and healthy eating at school; 4) programmed and continued actions in the context of the garden during an academic year, involving all teachers (interdisciplinary and transversal); 5) bimonthly plenary sessions to inform the progress and discuss the results of the garden, photo records and the creation of a blog, to promote participation and involvement of students. They also pointed out that "the garden itself is not the main objective and that the product with the school garden is the very process of discussion, activities and results it provides". The proposal reveals an EAN planning contextualized the reality experienced at school, participation of students in the process of knowledge construction (protagonism), reflections and decision making with a view to food autonomy and promotion of food and nutritional security in the school environment.

Keywords: Food and nutrition education, school children, vegetable garden and protagonism

INTRODUÇÃO

A alimentação adequada e saudável “constitui um direito humano fundamental para promoção e proteção da saúde, possibilitando a afirmação plena do potencial de crescimento e desenvolvimento humano com qualidade de vida e cidadania” (BRASIL, 2013). O acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer outras necessidades essenciais, conflui para a realização da Segurança Alimentar e Nutricional – SAN, implicando na convergência de políticas e programas de vários setores com capacidades para promover, na dimensão individual e coletiva e o acesso à alimentação adequada (VASCONSELLOS & MOURA, 2018). A violação desse direito humano conduz à insegurança alimentar, que, no contexto familiar, manifesta-se de forma progressiva, desde a apreensão quanto à disponibilidade futura de comida até a ocorrência da fome, representando tanto uma ameaça para as condições de saúde e nutrição de uma população quanto problemas estruturais da sociedade (SEGALL et al, 2014).

Mediante os problemas alimentares e nutricionais advindos da transição nutricional marcada pela mudança no perfil alimentar e o estilo de vida da população brasileira e consequente aumento nos índices de obesidade e morbidades associadas prevalentes entre crianças e adolescentes (WENDLING, 2013; CARVALHO et al, 2015; LAGO et al.,2016; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DE OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA, 2017; WHO, 2016), a Educação Alimentar e Nutricional - EAN se consolida como uma importante estratégia de promoção da saúde.

A EAN inserida no contexto do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), pode ser compreendida como “um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis” (BRASIL, 2014).

No ambiente escolar as ações de EAN compõem eixos prioritários do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), um dos maiores programas de alimentação escolar do mundo, atendendo de forma gratuita alunos matriculados na educação básica de escolas públicas, filantrópicas e comunitárias de todos os municípios brasileiros (BRASIL, 2013). No âmbito do PNAE, a EAN é considerada um conjunto de ações formativas, de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional, que objetiva estimular a adoção voluntária de práticas e escolhas alimentares saudáveis que colaborem para a aprendizagem, o estado de saúde do escolar e a qualidade de vida do indivíduo (BRASIL, 2014). Nesta perspectiva, são pressupostos das ações de EAN a promoção da oferta de alimentação saudável e adequada na escola; atividades que favoreçam hábitos alimentares regionais e culturais; ações que articulem políticas em todos os níveis, no âmbito da alimentação escolar; utilização de metodologias inovadoras para o trabalho pedagógico e desenvolvimento de tecnologias sociais voltadas para a alimentação escolar; além da utilização do alimento como ferramenta pedagógica, auxiliando os escolares na adoção voluntária de escolhas alimentares saudáveis (BRASIL, 2006; BRASIL, 2007 e BRASIL, 2013).

Nesse contexto, a escola desempenha um papel preponderante no comportamento alimentar e hábitos das crianças, adolescentes e jovens escolares, pois

estes passam a realizar, pelo menos, uma refeição diária nesse ambiente, sendo, assim, considerado como um cenário oportuno que deve fomentar programas de EAN para a promoção em saúde e da SAN, desenvolvendo ações educativas que levem à construção e consolidação do conhecimento, de forma sistemática e contínua, propiciando uma atitude crítica, autônoma e consciente, em diferentes etapas de formação dos indivíduos. (YOKOTA, 2010; PRADO, 2014; PARDINO et al, 2019).

A prática a EAN deve favorecer a participação ativa dos escolares na construção da própria aprendizagem, estimulando o protagonismo juvenil, através da utilização de abordagens e recursos educacionais investigativos, problematizadores, ativos, reflexivos e contextualizadas com a realidade dos mesmos, de modo a criar possibilidades para a vivência de sua autonomia tanto em relação à sua alimentação, quanto a outros aspectos (BRASIL, 2012). Uma educação crítica e problematizadora é premissa fundamental para a superação de práticas tradicionais, ou seja, pautadas na reprodução de conteúdos sem um posicionamento crítico e ativo dos sujeitos, que promova reais transformações no sujeito e na sua relação com alimentação (BEZERRA, 2018).

Apesar do reconhecimento da importância da EAN, há a necessidade de aperfeiçoamento nesse campo, principalmente no que se refere à utilização de métodos mais aprofundados de intervenção que considerem, sobretudo, a cultura de valores, crenças e atitudes dos indivíduos no que se refere à alimentação (ARAÚJO, 2017), bem como a realização de estudos acerca da efetividade da utilização de metodologias ativas no ensino em EAN (OLIVEIRA et al, 2018), uma vez que os escolares não se sentem estimulados ou sensibilizados pela metodologia utilizada durante a abordagem das questões referentes à alimentação adequada e saudável (SCARPARO, 2017).

Em face desse cenário, o objetivo deste estudo foi construir uma proposta de ação de EAN com escolares do ensino médio, pautada em dados contextualizados à sua realidade e no seu protagonismo para o processo de ensino-aprendizagem, com vista à promoção da alimentação adequada e saudável.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi realizada uma dinâmica utilizando a metodologia de grupo focal com escolares do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Patos de Minas. Entre os critérios de inclusão para participar do estudo estavam: estar matriculado no terceiro ano do Ensino Médio, ser frequente e estar estudando na escola há ao menos três anos. Foram excluídas as pessoas que não atenderam aos critérios estabelecidos, bem como aquelas que não apresentaram interesse de participar. Os participantes dos grupos foram selecionados por meio de um sorteio realizado a partir da listagem dos 48 alunos que atendiam aos critérios de inclusão, resultando em um grupo de 13 escolares.

Com o intuito de sensibilizá-los frente ao tema das discussões, foram apresentados os resultados de levantamentos das concepções de professores e escolares sobre a EAN no ambiente escolar (Tabela 1) apuradas pelas autoras anteriormente, bem como as medidas antropométricas e os dados de IMC – Índice de Massa Corpórea dos escolares dessa escola, aferidas e cedidas pelos agentes do PSE (Tabela 2).

Tabela 1 – Concepções de professores e escolares sobre ensino da temática da alimentação adequada e saudável no contexto escolar

CONCEPÇÕES

PROFESSORES	ESCOLARES
Desigualdade de acesso à alimentação adequada e saudável (não tem escolha ou “é cara”).	Alimentação saudável não é saborosa e é cara, mas é um investimento na saúde e qualidade de vida.
Aumento de DCNT's e aumento do excesso de peso.	Práticas alimentares inadequadas e as consequências.
Importância de práticas alimentares adequadas e saudáveis, escolares gostam de alimentos saudáveis e têm interesse por atividades de EAN.	Necessidade de estimular a prática da alimentação adequada e saudável desde idades precoces. Interesse pelo tema.
Papel da família na formação dos hábitos alimentares; Publicidade e marketing; Cultura alimentar;	Influências na formação dos hábitos e comportamentos alimentares: família e contextos sociais.
A escola é cenário favorável para ações de EAN e desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis, além de ambiente para oferta de alimentação adequada e saudável (institucional e comercial).	Escola como espaço para ações de EAN;
AE: ferramenta pedagógica para ações de EAN, direito de estudantes de escolas públicas e imprescindível (principal refeição de muitos escolares). Merenda escolar – DHAA e SAN;	AE é reconhecida por sua importância assistencial, pedagógica, bem como um atrativo para evitar a evasão, além de um direito constituído/ Merenda escolar – DHAA e SAN;
O alimento ofertado na escola influencia os hábitos alimentares dos escolares.	AE pouca variedade, reflexões quanto à sobre quantidade, qualidade dos alimentos, bem como o horário em que são ofertados.
Metodologias, estratégias e ações pontuais adotadas não são eficazes e não permitem o desenvolvimento da autonomia para escolhas mais saudáveis. Abordagens devem ser investigativas, interessantes e levar ao protagonismo dos escolares.	Superficialidade, pontualidade e descontinuidade dessas propostas no seu cotidiano escolar. Metodologias devem ser ativas, diversificadas e contextualizadas, com recursos educacionais ativos e problematizadores.
EAN é também papel do professor (além da família e nutricionistas) que devem ter acesso a materiais com conteúdos e propostas de atividades sobre o tema, além de cursos de especialização, pois não estão preparados.	Educação permanente – lacuna na formação dos professores sobre o tema da alimentação adequada e saudável. Necessidade de formação e capacitação dos professores para o trabalho com EAN
EAN – impõe parcerias, intersetorialidade, participação social, comunhão de saberes – técnico e popular, protagonismo e autonomia dos escolares. EAN - transversal, interdisciplinar e integrada no currículo escolar. Não deve existir uma disciplina específica.	EAN – interdisciplinar e exige parcerias. Tema alimentação adequada e saudável é transversal. Não deve existir uma disciplina específica.

Fonte: Dados levantados pela autora em sua dissertação de mestrado

Tabela 2 – Resultados dos cálculos do Índice de Massa Corporal-IMC dos escolares, 2018

CLASSIFICAÇÃO DE IMC DE 574 ESTUDANTES				
	PESO ADEQUADO	BAIXO PESO	SOBREPESO	OBESIDADE
ENSINO MÉDIO	90 (70%)	11 (8,5%)	21 (16%)	7 (5,5%)
ENSINO FUNDAMENTAL II	135 (60%)	13 (6%)	49 (22%)	28 (12%)
ENSINO FUNDAMENTAL I	147 (67%)	7 (3%)	35 (16%)	31 (14%)
TOTAL	372 (65%)	31 (5%)	105 (18%)	66 (12%)

Fonte: a autora. Baseado nos dados de medidas antropométricas fornecidas pelo PSE.

A partir da análise desses fatores os escolares foram desafiados a sugerir atividades, metodologias e estratégias que possam melhorar o trabalho com o tema no ensino médio, numa concepção de EAN para promoção da saúde e da SAN, tendo como premissas o protagonismo do escolar no processo de aprendizagem, bem como o estímulo à sua autonomia alimentar.

Assim, após a sensibilização e discussões sobre o tema, seguiu-se à organização da proposta de intervenção didática. Para tanto os escolares foram orientados a seguir os

caminhos norteadores apontados na Figura-1 e o roteiro de planejamento ambos propostos no caderno “Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional” (MDS, 2018), adaptado de Souza & Rotenberg (2014). O roteiro (Quadro 1) traz, como contribuição central, a percepção dos diversos caminhos e possibilidades concretas para o planejamento e execução de ações de EAN à luz dos principais conceitos e princípios do Marco de Referência.



Figura 1 – Questões-chave para o planejamento e o desenvolvimento das ações de EAN.
Fonte: MDS. **Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional**. 2018

Quadro 1 – Questões-chave para o planejamento e o desenvolvimento das ações de EAN

Questão	Descrição
1. Por que realizar?	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação das problemáticas/questões observadas no território. - Definição de necessidades e prioridades. - Delineamento dos objetivos das ações de EAN. <p>Obs: Sugere-se criar objetivos viáveis de serem realizados e que permitam avaliar se os resultados esperados puderam ser alcançados.</p>
2. Com quem?	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação das características do público: <ul style="list-style-type: none"> . informações objetivas: idade, gênero, origem, escolaridade, renda, tipo de moradia, trabalho, estado de saúde; . informações subjetivas: relato de vivências, opiniões, percepção de atitudes e valores subjacentes; . necessidades, demandas, expectativas, dúvidas e temas de interesses do público. - Identificação e sensibilização dos Parceiros: <ul style="list-style-type: none"> . que irão participar diretamente da realização das ações; <p>Obs: Sugere-se identificar previamente quais seriam os perfis interessantes dos participantes para contemplar a transdisciplinaridade.</p> <ul style="list-style-type: none"> . que podem colaborar com a viabilidade das ações.
3. Onde?	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação e reconhecimento do local de realização da prática educativa: <ul style="list-style-type: none"> . espaço físico (fechado ou ar livre, barulhento ou silencioso, tamanho, cadeiras fixas ou móveis, quadro para anotações, pontos de eletricidade, de água e de gás, iluminação, internet, etc); . recursos audiovisuais (tv, dvd, computador, impressora, som, datashow, retroprojeto, mural, etc); . outros recursos (equipamentos de cozinha, material de papelaria, alimentos, etc).
4. Sobre o quê?	<ul style="list-style-type: none"> - Os mediadores das ações de EAN devem ter consciência das reais intenções com a prática educativa para: <ul style="list-style-type: none"> . considerar as alternativas e definir os conteúdos e as abordagens com base nas informações do diagnóstico, a fim de atender aos objetivos coletivos; . considerar e respeitar a realidade e o interesse do público para favorecer a participação e fortalecer o vínculo com os profissionais e demais participantes da ação, pautar-se nos princípios para as ações do Marco de EAN e buscar fontes confiáveis para abordagens dos temas.

<p>5. Como?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de metodologias participativas, problematizadoras, lúdicas e colaborativas, pois potencializam a reflexão, o diálogo e a integração entre os participantes. - Identificação de estratégias e dinâmicas educativas, como, por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> . roda de conversa ampliada ou em pequenos grupos; . demonstração de procedimentos (higienização de alimentos, lavagem das mãos, plantio de mudas, etc); . oficinas culinárias para a vivência na prática; . montagem de mapas afetivos relacionados ao circuito alimentar local; . dramatização de situações do cotidiano com análise do papel de cada "personagem" e possíveis mudanças; . visitas a feiras e a mercados para conhecimento dos alimentos e rótulos e para diálogos com produtores e trabalhadores; . troca de receitas tradicionais da família ou região; . criação de hortas domésticas, comunitárias, escolares. - Utilização de recursos educativos atrativos e de qualidade, como por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> . alimentos: "in natura", fotos, desenhos, modelos em plástico/resina; . cartilhas, folhetos, matérias de jornais e revistas, receitas; . sites, blogs, redes sociais, fotos ou mensagens de celular; . filmes, músicas, poesias, contos, artes plásticas; . fantoches e jogos (quebra-cabeça, dominó, memória) com sucatas e materiais reutilizáveis; . cartazes, murais. - Utilização das seguintes estratégias de comunicação: <ul style="list-style-type: none"> . manter contato visual; . empregar linguagem clara e acessível; . promover interação constante com os participantes; . emitir tom de voz audível e não linear; . evitar falas e textos longos; . fomentar o diálogo horizontal e a participação de todos; . estimular a comunicação empática e não violenta.
<p>6. Quando?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Definição da periodicidade das ações (pontuais, periódicas, permanentes): <ul style="list-style-type: none"> . Definição de cronograma para organização das atividades para um período determinado (prever o tempo disponível e necessário para cada atividade); . conectar as atividades de médio e longo prazo entre si.
<p>7. Como avaliar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É essencial reservar um momento para ouvir a opinião das pessoas e grupos sobre as atividades de EAN. - Sugere-se a utilização de recursos ou dinâmicas atrativas e informais, para além de questionários e marcação da satisfação. - Mais do que avaliar a apreensão das informações partilhadas, o objetivo da avaliação é saber se os diálogos e atividades enriqueceram a vida cotidiana das pessoas, possibilitaram o entrosamento, mobilizaram a reflexão e a transformação. - Reflexão sobre os resultados das atividades e o alcance dos objetivos com seus parceiros, para ajustar e repensar continuamente o processo de trabalho.

Fonte: Adaptado de Souza; Rotenberg, 2014.

As falas gravadas em áudio e os dados obtidos foram transcritos integral e fielmente, sistematizados e categorizados para compor um banco de dados. A técnica utilizada para a análise qualitativa dos dados baseou-se no método de análise de conteúdo temático-categorial de Bardin (2011). Após a transcrição das falas, foi realizada a etapa de análise textual composta pelas seguintes fases: 1) pré-análise, com leitura parcialmente orientada do material, para que o pesquisador pudesse se aproximar dos conteúdos expressos, 2) exploração do material, durante a qual o material foi organizado para que as ideias iniciais fossem sistematizadas, o que exigiu várias leituras e releituras e 3) tratamento dos resultados, processo no qual todo o material foi separado em unidades de registro sobre cada tema e categoria (inferência e interpretação). Assim, as categorias foram construídas conforme os temas que emergiram do texto. Para classificar os elementos em categorias foi preciso identificar o que eles tinham em comum, permitindo seu agrupamento. A última fase que compreendeu o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consistiu em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado.

Cabe esclarecer que a análise considerou os aspectos qualitativos, as interpretações e percepções subjetivas, buscando identificar os significados que cada participante atribui à alimentação e a EAN no contexto escolar. Seguindo os pressupostos acima descritos, o material foi organizado e analisado por etapas, sendo

possível identificar, codificar e agrupar temas ou categorias com gerenciamento e, finalmente, análise e interpretação dos resultados obtidos.

As atividades que compõem esse estudo tiveram início após a submissão e aprovação do mesmo pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, através do parecer consubstanciado número 2.692.897 e da aprovação de seu adendo sob o parecer número 2.285.863, em 20 de **setembro de 2017**.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Proposta de intervenção idealizada pelos escolares – A horta escolar

“Podia chamar: “Da horta para a mesa”.” (Leandro)

Foi consenso entre os escolares que a estratégia norteadora das atividades seria a “Horta escolar - HE” que segundo Barbosa (2013) é um instrumento pedagógico que incorpora a alimentação nutritiva, saudável, e ambientalmente sustentável. Ressalta-se ainda, que a horta escolar apresenta-se como uma possibilidade para o educando aprender fazendo, permitindo que ele atue de forma efetiva em todas as etapas dessa aprendizagem. Relacionando assim, conhecimentos anteriormente adquiridos, com os elementos da teoria tomando forma na prática (SANTANA et al. 2015).

Para Gadotti (2003) “um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmos de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocional idade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação.”

Por que realizar?

Identificação da problemática:

“Nós precisamos criar algo que melhore a alimentação dos alunos. Por que tipo com aqueles dados das medidas dá pra ver que tem que melhorar, e muito!” (Leandro)

“Tem muito aluno no ensino médio obeso!” (André)

“Tem que ter um bom ensino para nós aprender a comer. Nós todos! Observa para ver o tanto que o povo come errado! Mas às vezes nem sabe por que não aprendeu, aí como vai escolher!” (Manuela)

“E tem que ser algo que faça o aluno pensar e mudar seus hábitos na alimentação.” (Alice)

“Então eu acho que tem que ser uma imersão no universo da alimentação saudável.” (Eduarda)

“Vamos pensar assim: tem que ser algo interessante mas que tenha sentido né!? Que nós possa aprender direitinho algo com isso.” (Felipe)

Os escolares apontam a imprescindibilidade de mudanças no comportamento alimentar deles e de seus pares, respaldando essa observação nos dados obtidos pelos cálculos de IMC, baseados nas medidas antropométricas fornecidas pela equipe do PSE. As percepções também se relacionam com necessidade de que, através do conhecimento

e das vivências, os escolares possam exercer suas escolhas de forma consciente e autônoma.

Objetivos das ações:

“Melhorar o ensino de alimentação saudável.” (Maira)

“Já pensou que legal o projeto ser envolta de uma horta? Alunos aprenderiam a plantar, cultivar, cuidar e depois, no fim do ano eles mesmos poderiam consumir os alimentos.” (Isabela)

“Tem que fazer ele entender e pensar sozinho.” (Manuela)

“Ensinar a plantar, colher, cozinhar, ... para dar valor.” (Felipe)

“Olha Professora, primeiro tem que lembrar que o objetivo desse projeto, dessas aulas, ... seria trabalhar a Educação alimentar né?! Então todas as coisas que nós for fazer tem que está nesse sentido.” (Rafael)

“Além de fornecer alimento a horta vai acabar deixando nossa escola mais bonita e mais verde.” (André)

“E se naquela semana tem muitos vegetais que não serão usados na “sexta na cozinha”, ai pode ser doado para melhorar a merenda da escola, pra não deixar perder.” (Leandro)

- ✓ Estimular a autonomia do escolar nas suas escolhas alimentares, através do conhecimento, reflexões e vivências de práticas alimentares adequadas e saudáveis;
- ✓ Permitir aos escolares atuarem ativamente nas atividades propostas;
- ✓ Envolver a comunidade escolar nas atividades de EAN;
- ✓ Incrementar a merenda escolar;
- ✓ Promover estudos, pesquisas, debates e atividades sobre as questões ambiental, alimentar e nutricional;

Com quem?

Identificação das características do público:

“Eu acho que tudo começa com as crianças menores e deve envolver os maiores também.” (Alice)

“Tem que fazer todos os professores trabalharem com isso” (Eduarda)

“Seria bom se todos os professores se reunissem e montassem um projeto que se desenvolveria durante o ano e encerraria com uma apresentação no fim do ano.” (Isabela)

- ✓ Todos os escolares que frequentam a escola sob a coordenação dos alunos do ensino médio;
- ✓ Os professores de todos os segmentos de ensino e de todas as disciplinas;
- ✓ E a comunidade escolar como um todo.

Identificação e sensibilização dos parceiros:

“Talvez convidar alguém que entenda do tema para fazer tipo oficinas. Tipo eu apostaria na horta. E para começara conversa convidaria um agrônomo para explicar oque é necessário, como faz, como cuida, etc. Ou talvez outro profissional, os estagiários e estudantes da faculdade talvez.” (Leandro)

“Aquele povo do “Saúde na Escola” pode também ajudar! E quem sabe da prefeitura!?”(Alice)

“Dá para pedir as sementes para a empresa Valoriza aí não tem gasto.” (Euarda)

“Não é difícil é só ir no IEF ou nas empresas igual a Valoriza e pedir! Eles ano passado deram umas mudas para a escola que eu estudava, de árvores e até de pé de fruta!” (Felipe)

- ✓ Nutricionistas, enfermeiros e médicos do PSE;
- ✓ Empresas de agronegócios (a economia da cidade gira em torno do agronegócio que poderiam doar sementes);
- ✓ IEF - Instituto Estadual de Florestas (doação de mudas);
- ✓ Estagiários dos cursos de Nutrição, Agronomia, Biologia, entre outros do UNIPAM
- ✓ Profissionais da comunidade que se disponham a colaborar;
- ✓ Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária, Infraestrutura Rural e Desenvolvimento Sustentável.

Onde?

Identificação, reconhecimento do local de realização da prática educativa e dos recursos necessários:

“Podemos usar o espaço do lado da quadra que fica sempre sem nada, só mato. Ou fazer horta vertical que é bem bonitinha.” (Felipe)

“Eu acho que alguém poderia ficar responsável por pesquisar uma receita que fosse saudável e pudesse usar aquele alimento que vai estar ali disponível né?! Por que aí ele vai usar o que foi cultivado por ele. Tipo nessa sexta é a turma 3001 que irá pesquisar o que pode ser feito com os alimentos disponíveis e vão trazer para poder fazer.” (Felipe)

- ✓ Os canteiros da horta poderiam ser feitos no espaço ocioso existente próximo a quadra poliesportiva;
- ✓ Seria necessário o acesso à cozinha da escola com a utilização do fogão, geladeira e utensílios;
- ✓ Sala de vídeo para reuniões e plenárias (data show, televisão, computadores, equipamentos de som);
- ✓ Equipamentos de jardinagem (enxada, pá, rastelo, etc), sementes e mudas;
- ✓ Material de papelaria.

Sobre o quê?

Intenções:

“Olha que legal!!! Dá para trabalhar o alimento como um todo, partindo do cultivo, colheita, utilização e aproveitamento! Da terra até o descarte.” (Carolina)

“Para incentivar o consumo de vegetais nos tá fazendo a horta né?! Para ver todo o processo e dar valor. Mas tô aqui pensando: e pra fazer esse aluno comer o vegetal? Por que vai ser legal ele saber que foi ele que plantou, cuidou e tal...” (Máira)

“Tem que ver o que os alunos querem saber, o que eles precisam.”(Felipe)

- ✓ Trabalhar as questões da alimentação adequada e saudável, considerando todo o processo, do preparo da terra até o descarte;

- ✓ Incentivar o consumo de alimentos saudáveis, considerando aspectos quantitativos e qualitativos;
- ✓ Valorizar o consumo dos alimentos típicos da região;
- ✓ Despertar o cuidado com a terra, no preparo, plantio e colheita;
- ✓ Fornecer meios para que o escolar possa, por si só, fazer escolhas alimentares corretas;
- ✓ Trabalhar a questão da alimentação a partir das necessidades dos escolares
- ✓ Formar jovens multiplicadores de ideias, atitudes e comportamentos alimentares adequados.

Conteúdos e as abordagens:

<p>Valor nutricional:</p>	<p><i>“ Dá para estudar o valor nutricional de cada um deles, as épocas em que são mais comuns, a quantidade de água necessária, etc. ” (Isabela)</i></p> <p><i>“Daí pode também fazer um estudo de que tipo de nutriente tem nos alimentos que estão sendo plantas e que serão consumidos. E tipo fazer uma tabela né? Tipo saber das vitaminas, calorias, se tem ferro, etc, ... É bom para chamar a atenção dos alunos sobre o porquê de ter que comer esses alimentos!” (André)</i></p>
<p>Redução do desperdício e reaproveitamento:</p>	<p><i>“Também dá para ensinar a fazer adubo na composteira e já vai trabalhando a sustentabilidade e o reaproveitamento.” (Rafael)</i></p> <p><i>“Nós também podemos trabalhar o reaproveitamento do alimento né?!” (Manuela)</i></p> <p><i>“Não ai a gente pode também fazer adubo com as cascas, os restos, ..., é só arrumar o lugarzinho separado de jogar e fazer aquele negócio de...” (Isabela)</i></p>
<p>Tabus e “fake News”:</p>	<p><i>“É bom também quebrar uns tabus sobre alimentos, tipo comer manga e leite mata! Kkkk” (Alice)</i></p> <p><i>“Tem que trabalhar também essas coisas fake, tanto alimento industrializado que se passa por saudável né?! No guia mesmo fala de preferir os naturais, é “in natura” né que fala?!” (Rafael)</i></p>

Higiene:	<i>“Dá para trabalhar também a higiene com os alimentos né?!” (Rafael)</i>
Regionalidade: cultura e realidade - influências nas escolhas alimentares:	<p><i>“É bom também trabalhar a questão cultural! Não adianta tentar fazer alguém mudar totalmente seus hábitos saindo de sua cultura. A mudança tem que acontecer dentro daquilo que ele tem hábito cultural de comer.” (Alice)</i></p> <p><i>“Eu acho que poderia passar para eles a realidade brasileira como um todo sabe?! Os problemas de cada região, de alimento. E até mesmo os alimentos que tem em cada região, mais na nossa né?! Aprender sobre quais alimentos são de que época para poder consumir sem ficar caro. É importante conhecer né?! Olhar as realidades do mundo também! Sabe, eu vejo tanta gente reclamando do que tem, e não vê que tem gente que nem isso tem. E as vezes tem como ter uma alimentação mais saudável e não tem por que não tem o hábito.” (Isabela)</i></p>
Tecnologia na produção de alimentos	<i>“Eu gostei de estudar transgênicos também, achei curioso e tanta gente não sabe nada de alimentos transgênicos! Tem gente que tem medo de comer. E tem muita pesquisa por traz né! Igual no Japão que eles comem muito arroz, o arroz não tem todos os nutrientes, aí eles fez um cruzamento enriquecendo o arroz de vitamina A! e agora eles comem mais vitaminas. Tem que ensinar para não ter tanto preconceito! Ensinar do início, com os pequenos.” (Isabela)</i>
Assuntos de grande abrangência: Interdisciplinaridade	<i>“Com essa proposta dá para se trabalhar vários assuntos em várias disciplinas: na química, por exemplo, a química dos alimentos, o mal dos fertilizantes, a química que tem nos industrializados, e um monte de coisa! Na biologia, a digestão, a importância dos nutrientes para o funcionamento do corpo! Na geografia dá para trabalhar a poluição dos agrotóxicos e a importância dos adubos orgânicos, dá também para trabalhar os alimentos das regiões que a Isabela falou! A história pode mostrar tanta coisa também da fome e desnutrição no mundo. A matemática trabalhar com estatística, ... e ai vai!” (Eduarda)</i>

Como?

“Acho que qualquer coisa que seja feita, fora da escola ou dentro dela, deve passar pelo exemplo. Tudo que for fazer aqui na escola deve ser baseado não só nas palavras, mas principalmente nos exemplos.” (Alice)

Utilização de metodologias ativas e participativas, problematizadoras, lúdicas e colaborativas, pois potencializam a reflexão, o diálogo e a integração entre os envolvidos:

“Aqui na escola, do lado da quadra tem um mato lá e os próprios alunos poderiam limpar aquele espaço para fazer a horta. Mas tem que colocar o aluno para fazer! Por a mão na massa! Eles poderiam aprender todo o processo, de limpar o espaço, preparar a terra, plantar, cuidar, colher, preparar o alimento e comer.” (Leandro)

“Tem que trabalhar de forma lúdica, nós somos muito visuais!” (Giovana)

“O legal seria o aluno fazer tudo. É só fazer coisas simples!” (André)

“Olha só acho que para isso ser significativo, o aluno é quem tem que fazer. As professoras dão tudo pronto, não tem graça. Tem que ter orientação mais eles é que tem que fazer as coisas para darem valor.” (Alice)

“Todos os alunos podem ajudar, ai se uns forem melhores nisso, podem ensinar os que não são.” (Felipe)

Estratégias e dinâmicas educativas

Escrita do projeto	<i>“Então antes de tudo acho que uma equipe de professores poderia nos orientar a escrever esse projeto com metas já definidas. Cada etapa, cada coisa que vai ser feita, ...” (Isabela)</i>
Sensibilização	<i>“Poderia haver a sensibilização dos alunos em grupos menores com rodas de conversa e ai cada sala ficaria responsável por cuidar de um canteiro.” (Alice)</i>
Aulas teóricas e práticas	<i>“Eu acho que antes de plantar tem que ter umas aulas teóricas de planejamento e ensinamentos. Tem que partir do professor o estímulo, sabe?! É tão bom quando o professor se envolve! (Isabela)</i>
Demonstração de procedimentos	<i>“Podia vir aqui uma pessoa, um agrônomo para ensinar a teoria e a prática da horta.” (Felipe)</i>
Corresponsabilidade	<i>“Cada sala poderia ficar responsável pelo cultivo de um vegetal. Os alimentos que são produzidos mais rápido poderiam ser doados para os estudantes ou mesmo para outras escolas. As vezes doar para comunidades carentes.” (Felipe)</i> <i>“Não dá para começar com tudo em uma sala com aquele tento de alunos dando opinião de uma vez. Talvez fazer a mesa redonda com os “chefes de sala” e passar a ideia inicial e depois discutir em pequenos grupos até todos serem envolvidos. Até fazer a horta.” (Isabela)</i>
Oficinas culinárias	<i>“O povo lá da nutrição pode fazer ensinando nós as receitas de lanche saudável” (Thaís)</i> <i>“Os alunos iria na horta, colhia e fazia um lanche para todos da sala.” (Manuela)</i> <i>“Cada sala pode ter um dia específico para fazer um lanche usando os produtos da horta. Nós pesquisaria receitas e depois faria.”</i> <i>“Ai à medida que forem feitas colheitas os alimentos podem ser consumidos, doados, trocados, etc.” (Isabela)</i>
Interdisciplinaridade – envolvimento de	<i>“Eu pensei que uma vez por semana algum professor fica com a função de trabalhar algo em relação à esse</i>

todas as disciplinas	<i>assunto. Isso seria para dar uma sensibilidade nos alunos. E depois fazer a horta e o resto de usar as comidas que produzir.” (Rafael)</i>
-----------------------------	---

Quando?

“ Tem que ser um projeto desenvolvido durante o ano todo, ao longo do ano. Quem sabe uma vez por semana uma disciplina trabalha em um horário algo referente à alimentação saudável?” (Isabela)

“Consigo ver uma linha do tempo das ações desse esquema da horta! O bom é seria ao longo do ano e com tempo para funcionar. Se precisar de ajuda pode me chamar que eu venho!” (André)

As atividades deverão ocorrer ao longo do ano, de forma programada. Sendo que cada semana um professor fica responsável por trabalhar um assunto pertinente à questão da alimentação. As plenárias para apresentação dos resultados da horta ocorreriam a cada dois meses.

Como avaliar?

Plenárias	<i>“E tipo, uma vez a cada dois meses podemos fazer uma reunião geral para passar o que aconteceu, o que foi produzido, como foi, o que poderia ter feito para ter resultados melhores, para onde foram os vegetais que plantou, etc” (Isabela)</i> <i>“Durante todo tempo podemos tirar fotos e ver a evolução, pode ter uma equipe só para isso. Ai depois eles mostram para todos na reunião.”(Alice)</i>
Registros	<i>“Para divulgar as nossas atividades, podemos criar um blog e ai com a ajuda dos professores de português, podemos escrever e alimentar o blog com as notícias das atividades da nossa horta” (Leandro)</i>
Participação e envolvimento	<i>“Se nós ver que os meninos estão gostando, é porque deu certo!” (Thaís)“Uns vão se envolver e outros não. Mas os que envolverem vão sair ganhando e vão ter mais conhecimento para comer e viver melhor.” (Felipe)</i>

Vale também ressaltar que a horta em si não é o objetivo maior. Nosso produto com a horta escolar é o próprio processo de discussão, atividades e resultados que ela proporciona. Corroborando com essa ideia, o caderno “Horta Escolar dinamiza o Currículo da escola” enfatiza que a horta escolar não tem por finalidade produzir alfaces, coentros e cenouras apenas; ela objetiva algo maior: a abordagem das temáticas ambiente, alimentação e nutrição com vistas a mudanças dos maus hábitos alimentares e ambientais, por meio de uma prática pedagógica dinâmica, prazerosa e geradora de aprendizagens (BRASIL, 2007).

Nesse construto a horta foi a ferramenta escolhida pelos escolares para a estruturação de uma proposta de intervenção didática. As iniciativas e estratégias foram pensadas coletivamente e partiram de suas observações, crenças, necessidades e vivências. Segundo Costa (2000) uma ação protagonista pressupõe etapas a serem percorridas; isto é, o aluno não alcança sua autonomia sem ter vivenciado algumas formas de relação com a escola para que a ação exista, é preciso que haja iniciativa, planejamento, execução, avaliação e apropriação dos resultados. As etapas são: dependência, colaboração e, finalmente, autonomia. Na relação de dependência, a iniciativa, o planejamento, a execução, a avaliação e a apropriação dos resultados são propostos e realizados unilateralmente pelos professores. Na forma de colaboração, os educadores e os jovens discutem e compartilham durante todas as etapas. Finalmente, ao alcançarem autonomia (que não elimina o papel do professor como facilitador), os alunos tomam a iniciativa, planejam o que vai ser feito, executam o que foi planejado, avaliam a ação realizada e se apropriam dos resultados (COSTA, 2000).

Considerações Finais

A intervenção didática no sentido da EAN que emergiu dessa dinâmica, revela a idealização de uma proposta que atenda a realidade vivenciada no contexto escolar, tendo como premissa as perspectivas de aumentar a participação dos escolares no processo de construção do conhecimento (protagonismo), gerar reflexões e tomada de decisão com vistas à autonomia alimentar e promoção da saúde no ambiente escolar. As atividades sugeridas, bem como a forma como foram organizadas, demonstram o quanto é necessário dar vez e voz aos escolares no que tange à proposição de atividades verdadeiramente significativas e contextualizadas, dando mais sentido ao processo de ensino-aprendizagem favorecendo as ações sistematizadas de EAN para promoção da alimentação adequada e saudável no contexto escolar, reconhecendo a alimentação como prática promotora de saúde e de adoção de escolhas alimentares favoráveis e conscientes.

Referências

ARAÚJO, A.L.; FERREIRA, V.A.; NEUMANN, D; MIRANDA, L.S.; PIRES, I.S.C. **O impacto da educação alimentar e nutricional na prevenção do excesso de peso em escolares: uma revisão bibliográfica**. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento, São Paulo. v.11. n.62. p.94-10. Mar./Abril. 2017

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA [Internet]. **Mapa da Obesidade**. Higienópolis; 1986-2017. [atualizado 2017; citado 2017 maio 5]. Disponível em: <http://www.abeso.org.br/atitude-saudavel/mapa-obesidade>

BARBOSA, E.F.; MOURA, D.G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. B. Tec. Senac. Rio de Janeiro, v.39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BEZERRA, JAB. Educação alimentar e nutricional: articulação de saberes. Fortaleza: Edições UFC, 2018.

BRASIL, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição, Departamento de Atenção Básica, Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira** – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Portaria Interministerial nº 1.010, de 08 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. Diário Oficial da União 09 maio 2006. 3.

BRASIL. Ministério da saúde. Experiências municipais e estaduais de regulamentação da comercialização de alimentos em escolas no Brasil: relatório técnico. Brasília: Ministério da Saúde; 2007. 73 p

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Resolução/CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. *Diário Oficial da União* 2013.

CARVALHO CA, FONSÊCA PCA, PRIORE SE, FRANCESCHINI SCC, NOVAES JF. **Consumo alimentar e adequação nutricional em crianças brasileiras**: revisão sistemática. Rev Paul Pediatr. 2015;33(2):211-221.

COSTA, ACG. - **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

LAGO RR, RIBEIRO THT, SOUZA MNC. **Hábitos alimentares de adolescentes: uma revisão de literatura**. Adolescência e Saúde. 2016;13(4):98-103.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SESAN. Departamento de Estruturação e Integração dos Sistemas Públicos Agroalimentares – DEISP. **Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social, 2018, 50p.

OLIVEIRA A M , MASIERO, F; DA SILVA, O.C.G.; BARROS, S.G. **Metodologias ativas de ensino e aprendizagem na educação alimentar e nutricional para crianças: uma visão nacional**. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento, São Paulo. v.12. n.73. p.607-614. Set./Out. 2018.

PARDINO JS ; CAMPOS, LR ; FERREIRA, V. A. ; NEUMANN, D. ; PIRES, ISC . **Oficinas de educação alimentar e nutricional: um estudo com escolares em Minas Gerais, Brasil**. REVISTA BRASILEIRA DE OBESIDADE, NUTRIÇÃO E EMAGRECIMENTO, v. 13, p. 238-248, 2019

PRADO BG. **Qualidade da dieta de escolares do município de São Paulo [tese de doutorado]**. São Paulo. Faculdade de Saúde Pública da USP; 2014.

SANTANA LM, ARRUDA RM, ALMEIDA LI, MACIEL CM. **Horta Escolar como Recurso no Ensino de Ciências na Perspectiva da Aprendizagem Significativa**. Revista de Ciências Exatas e Tecnologia 2015; 9:37-45.

SCARPARO, A L S. **Crenças sobre o ensino da temática alimentação saudável no ambiente escolar**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, 2017.

SEGALL-CAM, MARIN-LEÓN L, MELGARQUIÑONEZ H, PÉREZ-ESCAMILLA R. **Refinement of the Brazilian Household Food Insecurity Measurement Scale: Recommendation for a 14-item EBIA**. Rev Nutr 2014; 27:241-51.

SOUZA, T. S. N.; ROTENBERG, S. **Práticas educativas aplicadas à nutrição clínica**. PRONUTRI, v. 4, p. 65-104, 2014.

VASCONCELLOS, ABPA; MOURA, LBA. **Segurança alimentar e nutricional: uma análise da situação da descentralização de sua política pública nacional**. Cadernos de Saúde Pública, v. 34, p. e00206816, 2018.

WENDLING NMS. **Medidas hipertensivas arteriais em escolares**. Impacto do nível de atividade física, adiposidade corporal e ingestão de sódio [dissertação]. 156 F.Curitiba/PR: Universidade Federal do Paraná, 2013.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity and Overweight: situation**. Global Health Observatory (GHO) 2016 [online]. (Available in: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>).

YOKOTA, R T C; VASCONCELOS, T F; PINHEIRO, A R O; SCHMITZ B DE A S; COITINHO D C; RODRIGUES M L C F. **Projeto "a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis": comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil**. Rev. Nutr. 2010; 23(1): 37-47.